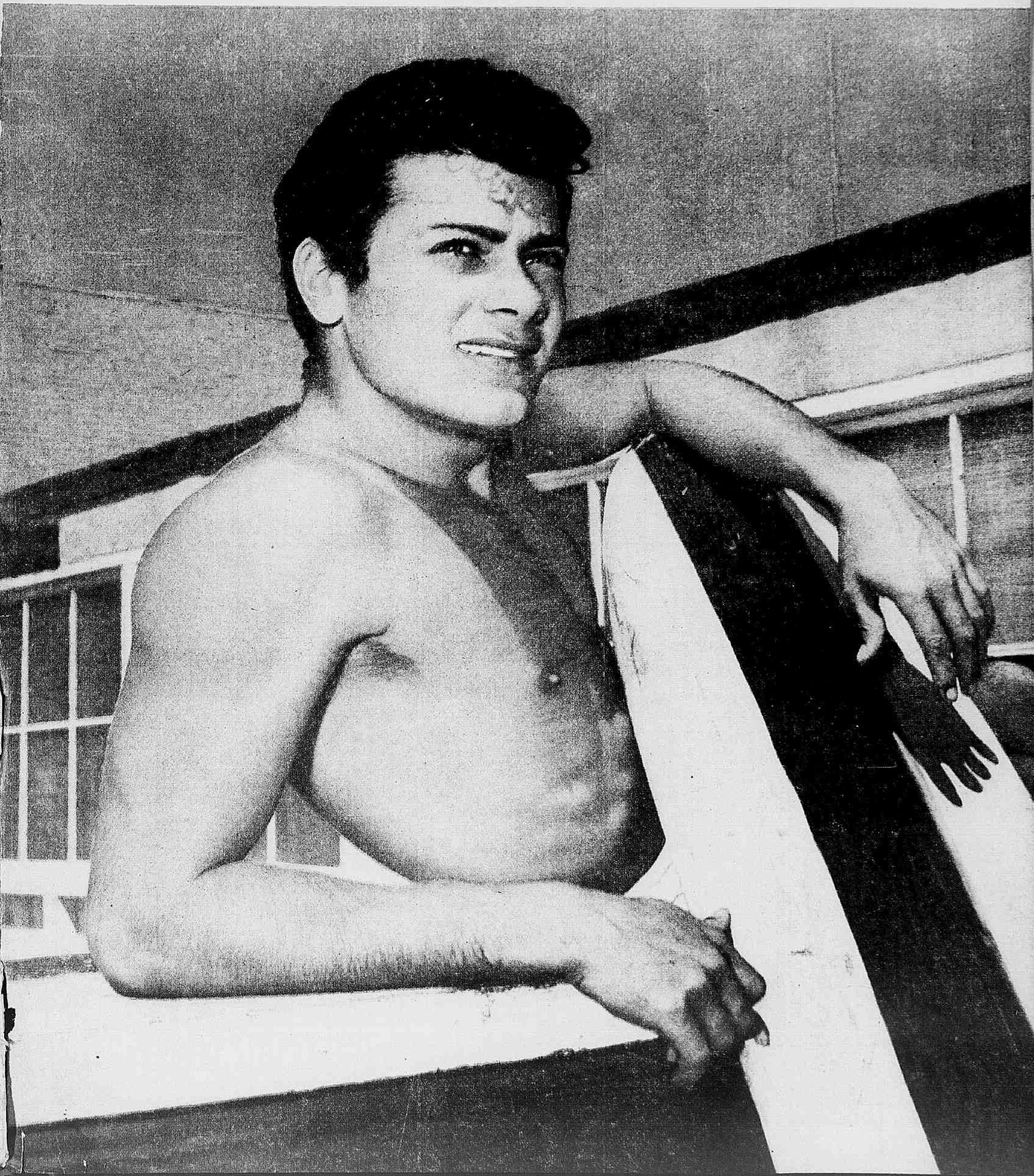

BIBLIOTECA NACIONAL Rio de Janeiro

N.º 11 ★ 15-3-51

Cr$ 3,00 em todo o Brasil

A CENA muda

CINEMA
RÁDIO
MÚSICA
NOVIDADES



Sapatos que seus filhos adoram!



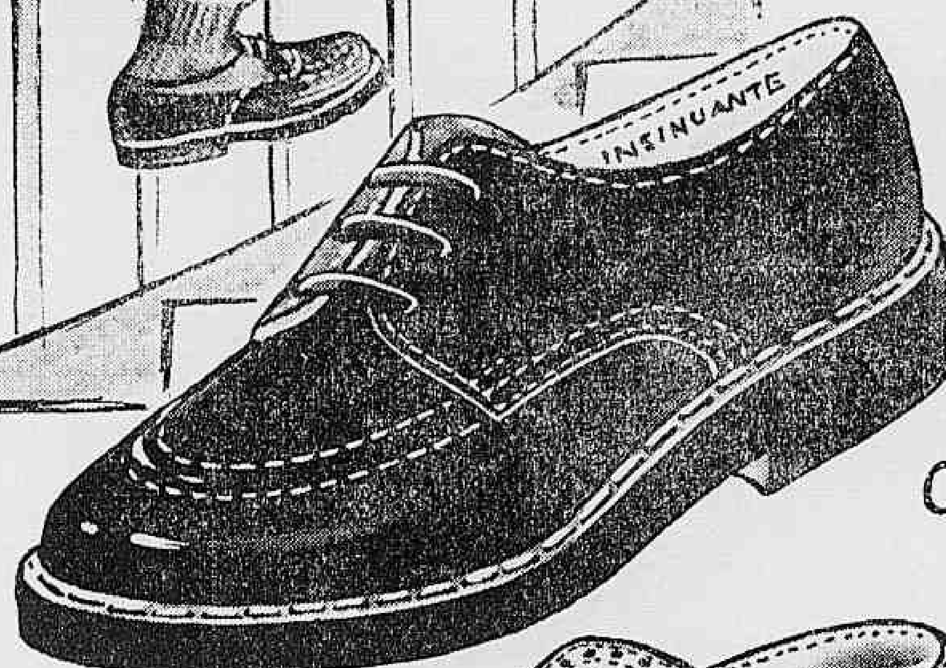
INSINUANTE

UMA GALERIA A SUA DISPOSIÇÃO COM ÁGUA **GELADINHA** AS SUAS ORDENS :



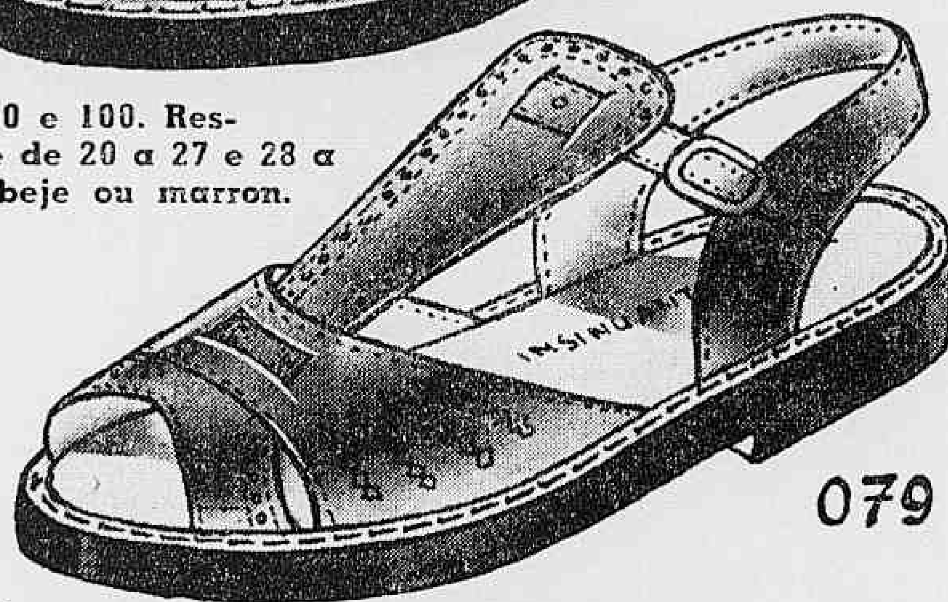
077

077 Cr$ 70,00 — 75,00 e 95,00. Respectivamente de 18 a 22 — 23 a 27 e 28 a 33. Tôdas as côres.



078

078 Cr$ 85,00 e 100. Respectivamente de 20 a 27 e 28 a 33. Branco, beje ou marron.



079

079 Cr$ 50,00 — 72 00 e 75,00. Respectivamente de 18 a 22 — 23 a 27 e 28 a 33. Diversas côres.
Remetemos para todo o Brasil. Porte 3 cruzeiros por par.
Não trabalhamos com reembôlso.

insinuante

A SAPATARIA PREDILETA DE SEUS FILHOS E DE SEUS NETINHOS

CARIOCA, 46-48 - SETE de SETEMBRO, 199 - 201

A CENA muda

Semanário de ARTE

ANO 30 ★ N.º 11, de 15 de março de 1951

SUMÁRIO:

Milagres da tela (Leon Eliachar) 3
Em defesa de Robert Mitchum (Antônio Rocha) 4
Desenho animado prá cabeça (Salvyano Cavalcanti de Paiva) 6
Quando canta o coração 8
Rádio (Armando Migueis) 10
Fred Astaire 12
Crônica de Buenos Aires 13
Antologia dos cronistas cariocas (Salvyano Cavalcanti de Paiva) 14
A dominadora (cine-romance) 15
Cinema brasileiro 18
Flashes 20
Vingança de El Mocho (resumo) 25
Telas da cidade 29
Arquivo (Broocklyn Jack) 32
Música (Oswaldo da Cunha) .. 33
Pausa para Meditação 34
Notícias 34

★

CAPA

Antony Curtis
(Universal)

A redação não se responsabiliza pelos trabalhos assinados.

EXPEDIENTE

Fundado em 1921 — Propriedade da COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA. Diretor-presidente: Gratuliano Brito. Diretor-secretário: R. Peixoto de Alencar. Enderêço: Rua Visconde de Maranguape, 15 — Rio de Janeiro — Brasil. Telefones: — Secretaria, 22-4447; Administração e Publicidade, 22-2550. Portaria, 22-5602. Enderêço telegráfico: «Revista». número avulso para todo o território brasileiro, Cr$ 30,00. Assinatura: Anual (52 números), Cr$ 140,00; Semestral (26 números), Cr$ 70,00. Registrada: Anual, Cr$ 170,00; Semestral, Cr$ 85,00. Estrangeiro: Anual, Cr$ 270,00; Semestral, Cr$ 140,00. Número atrasado, Cr$ 3,50. Agentes em tôdas as capitais e principais cidades do Brasil. Representantes: — Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West 44th Street, New York City, N.Y. Em Portugal: Helena A. Lima, Avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º Distrito, Lisboa. África Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Caixa Postal 434, Lourenço Marques. Uruguai: Moratório & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Sucursal na Argentina: «Inter-Prensa», Florida, 229, Buenos Aires. Tôda correspondência deve ser enviada ao diretor.

★

Representante em São Paulo: A. Zambardino — Rua Capitão Salomão, 69 — Telefone: 4-1569.

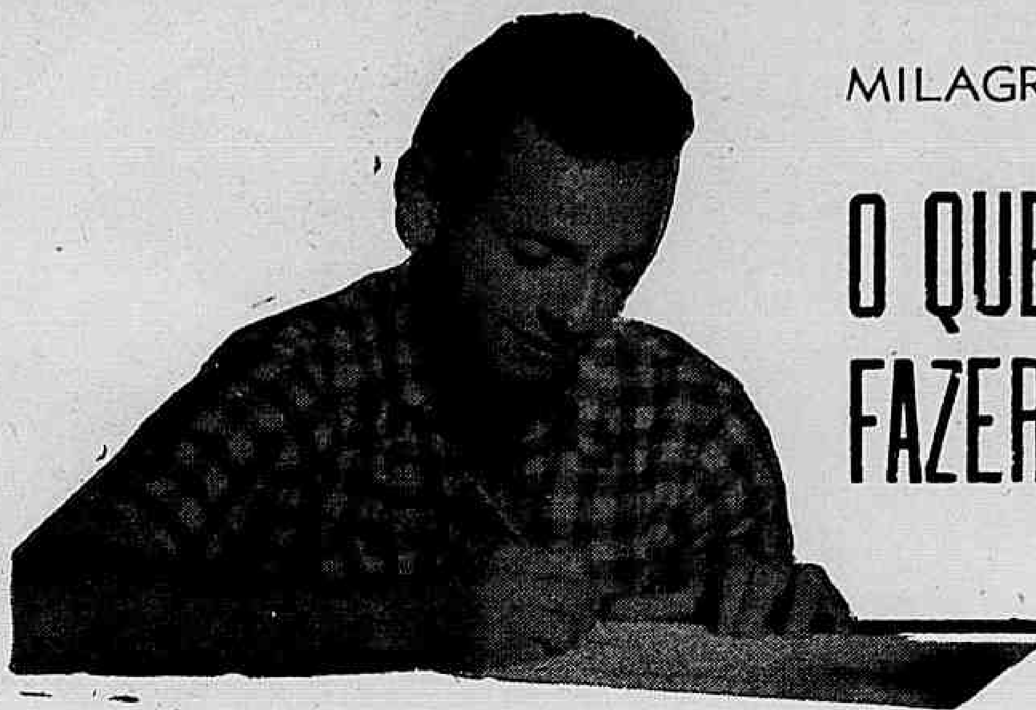
CORRESPONDENTE EM HOLLYWOOD
VIOLET KINNEY
THMOMAS KEENE

CORRESPONDENTE EM PARIS
JEAN DELMAR

Redator-Chefe da Publicidade:
Severino Lopes Guimarães

IMPORTANTE:

O preço desta revista é de Cr$ 3,00 em todo o Brasil. Não é permitida a venda por quantia superior à marcada na capa.



MILAGRES DA TÊLA

O QUE NÃO CONSIGO FAZER NA VIDA REAL

Casar com uma pequena, depois de meia-hora de conhecê-la.

Encontrar o telefone sempre desocupado.

Sofrer um desastre de automóvel e sair completamente ileso.

Lutar corpo a corpo com um leão completamente desarmado. Eu e o leão.

Botar um homem de noventa quilos "knock-out" com um simples sopapo no queixo.

Ser admirado por milhares de meninas, sem ser bonitão.

Ser um simples repórter policial e mandar no dono do jornal.

Usar um terno novo de cinco em cinco minutos.

Fugir da Penitenciária sem ser "Carne Sêca".

Escorregar numa casca de banana e sair na primeira página dos jornais.

Ouvir um político falar sério no Senado.

Procurar uma notícia de interêsse e encontrá-la no rádio logo que se aperte o botão.

Conseguir um táxi num dia de chuva.

Apanhar durante catorze "rounds" e ganhar a luta no último.

Esquecer de pagar a conta num restaurante e sair impune.

Pagar uma conta de quatro cruzeiros com uma nota de duzentos e dizer satisfeito: "guarde o trôco".

Não ser incomodado pelos credores.

Viajar de um país a outro e ter o passaporte "visado" em quinze segundos.

Tirar uma fôlha corrida sem correr.

Ter sempre fósforos no bôlso.

Conseguir uma ótima mesa numa "boite", depois da meia-noite.

Ser atendido com tôda cortezia por um caixeiro de armazém.

Escrever à máquina sem usar o retrocesso.

Chegar na porta de um elevador e não encontrar fila.

Encontrar sempre aposentos vagos nos hotéis.

Casar com a filha do milionário. Por amor.

Arranjar uma dactilógrafa bonita que saiba escrever à máquina.

Acender o cigarro com isqueiro logo da primeira vez.

leon eliachar



EM DEFESA DE ROBERT MITCHUM

AMARGAS RECORDAÇÕES DE UM NATAL ★ UM HOMEM DE BOM CORAÇÃO ★ INCOMPREENDIDO PELA MAIORIA, É CONSIDERADO UM REVOLTADO ★ O DEDICADO PAI DE FAMILIA QUE O PÚBLICO DESCONHECE ★ UM DOM DA NATUREZA: A COMPREENSÃO ★ "O AUTO-RESPEITO ACIMA DE TUDO", EIS O LEMA DE ROBERT MITCHUM

De ANTÔNIO ROCHA

ERA véspera de Natal do ano de 1935 e o mundo estava mergulhado em Hosanas. Mas, naquela época, os Estados Unidos atravessavam um período de sua história econômica que ficou registrado em seus anais pelo nome de "Depressão". Êste nome significa a queda de opulentos capitalistas, incapazes de sobreviver ao súbito baque que sofrera o país no início daquela década e cujos resquícios ainda não haviam sido banidos.

Três homens caminhavam em direção à fronteira da Califórnia, silenciosos e todos imersos em seus próprios pensamentos. Talvez, no entanto, o pensamento que lhes ocupava no momento fôsse sòmente um. Sim, pois enquanto o resto do mundo sorria e tinha um motivo para continuar vivendo, aquêles três não tinham coisíssima alguma. Não sabiam o que comeriam naquele dia. Não tinham noção da côr ou forma da próxima roupa que vestiriam. Sentiam na mente o gôsto azêdo de Natais passados, quando também sorriam e tinham a alma insuflada no futuro...

O destino não poderia ter sido mais caprichoso ao juntar aquêles três sêres tão diferentes. Um dos elementos era alto, sério e caminhava

majestosamente. Se o observador não levasse em consideração os trapos que lhe cobriam o corpo e os sapatos que livravam os seus pés delicados do contacto com o chão duro e cheio de pedregulhos, poderia dizer que êle era um homem de distinção. Os seus cabelos prateados saíam de dentro de seu velho chapéu e êle andava eretamente.

Um outro vestia um macacão de mescla azul e um chapéu de fêltro estava enterrado em sua cabeça. Sòmente isso seria o bastante para identificar aquêle cavalheiro que vivia há já uns cinqüenta anos sôbre a terra, mas o que realmente confirmava a sua profissão era o seu andar pausado e metódico como um homem empurrando um arado.

O terceiro membro, porém, não tinha nenhuma particularidade. Era jovem e alto. A sua expressão parecia clamar justiça contra a iniqüidade do mundo. Apesar de jovem, um aspecto de cansaço sombreava a sua face. E é dêle que tratamos nesta história. O seu nome é Robert Mitchum.

Quando os três elementos se aproximaram da fronteira, foram barrados pelos guardas ali postados, a fim de impedir a entrada na Califórnia de malandros e andarilhos. Mas todos três tinham motivos plausíveis para penetrar no Estado.

O mais idoso e respeitável, explicou que era banqueiro em Nova York. No momento estava sem um banco, mas isso não importava. Desejava passar uma temporada na Califórnia em virtude de seu clima.

O mais baixo e de pele bronzeada pelo sol, não poderia ter melhor motivo para transpor as barreiras do Estado. Era um fazendeiro texano e pretendia observar como se encontrava o mercado de suínos na Califórnia.

O jovem, cujo nome é Robert Mitchum, não se fêz de rogado para expor o seu motivo:

— Eu moro nesse país, — disse êle — e quero dar uma olhadela no *meu* Oceano Pacífico.

As razões que cada um externou não poderiam ser mais justas. Mas não no entender dos policiais. Êstes trocaram olhares de mofa, menearam a cabeça e ordenaram aos três estranhos tipos da galeria humana que voltassem pelo mesmo caminho por onde haviam caminhdo.

Sem palavras (palavra nunca teve mais autoridade do que a polícia), os três viraram as costas aos guardas e se embrenharam no deserto. Depois de haver caminhado por mais ou menos uma milha, pararam e fizeram um fogo, em preparação para a noite fria que já avançava. Deitaram-se na areia, descansando a cabeça nas harmoniosas dunas e talvez cada um tenha pensado a mesma coisa. Embora agora não tivessem coisa alguma, quem seria capaz de afirmar que não conseguiriam se houvessem podido entrar no Estado dos laranjais?

Os dois homens já estavam com cabelos encaneados e já se haviam acostumado aos golpes traiçoeiros do destino. O rapaz ainda era jovem, embora os seus pés já o houvessem transportado às mais diversas paragens e os seus olhos presenciado quadros que ficariam para sempre gravados em sua mente, ainda não aprendera da vida como saber suportar os embates de uma fôrça desconhecida. Para o resto de seus dias ficou no espírito de Robert Mitchum o estigma daquele adverso Natal.

Um fato incompreendido sôbre Robert Mitchum é que êle não é um homem duro. Um homem desta espécie não tem coração e êle teve a infelicidade de ter aberto os olhos para o mundo com o dom natural da compreensão. Alguns anos passados desde êste reticente acontecimento, Robert Mitchum entrou num bar decidido a se embriagar. Já tomara os primeiros goles da garrafa em sua frente, quando uma moça se juntou a êle. Pouco depois, a garrafa já se encontrava quase vazia e Bob já começava a perder os sentidos. A moça notou isso e percebeu que êle já se encontrava em situação de suportar um pequeno roubo. Pôs a mão em seu bôlso para lhe tirar o maço de notas amassado que êle botara ali. Mas, ela estava enganada, pois êle notou isso e, com pulsos de ferro, segurou as suas mãos. A mocinha arregalou os olhos amedrontadamente e a sua bôca se abriu para uma súplica. Mitchum continuou sem dizer palavra. Meteu a mão em seu bôlso e tirou todo o dinheiro e pôs na mão da moça, mandando que se retirasse com um olhar. Êle não nutre simpatia alguma por ladrões, mas tinha em si o dom que o fazia compreender por que uma moça como aquela roubava.

Hoje, Mitchum é um homem de caráter. Logrou vencer tôdas as tentações que ante êle se apresentavam. Com uma única exceção. Todos ainda se recordam de que há pouco mais de um ano êle foi sentenciado a sessenta dias de prisão por ser fumante de maconha. No entanto, o fato que passo a narrar talvez seja desconhecido de muitos.

Mitchum é um negociante nato e sempre soube fazer uso desta qualidade. Honestamente, tem conseguido até a presente data manter a sua moral intacta em negócios, principalmente em virtude de sua sinceridade.

Quando iniciava a sua carreira, como todo principiante, em qualquer profissão e em qualquer quadrante do universo, também foi explorado. Depois de terminar alguns filmes e quando o seu nome e a sua figura começaram a atrair freqüentadores aos cinemas, Mitchum compreendeu que era chegada a hora quando os magnatas deveriam tomar conhecimento da idéia de que êle merecia ser pago de acôrdo com as suas possibilidades. Assim, apanhando as receitas de seus filmes, dirigiu-se aos escritórios dos magnatas e apresentou as cifras. Quando os homens terminavam de passar uma vista no papel, êle demandava um ordenado justo ou voltaria a Long Beach e às caminhadas sem rumo através do país.

Quando surgiu o caso da maconha, Mitchum acabava de iniciar um filme. Nesta película já haviam sido investidos trezentos mil dólares e os magnatas se impacientaram quanto ao destino do astro à medida que o dia do julgamento se aproximava.

Um dia antes de Mitchum ser levado ao Tribunal êles se reuniram.

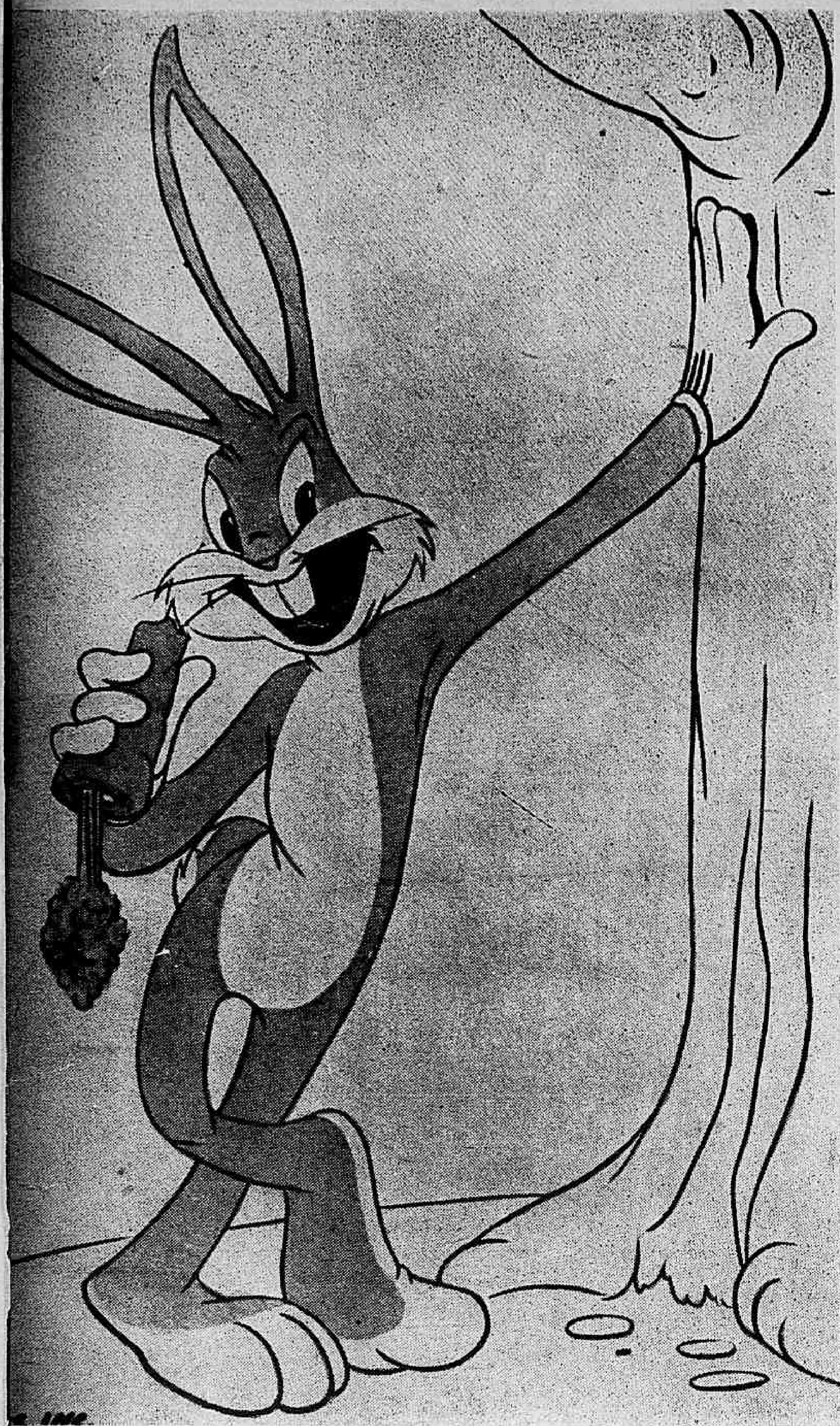
(Cont. na pág. 24)



E' no lar que Robert Mitchum mostra a sua verdadeira personalidade. O homem mistério dos filmes é, na realidade, um pai extremoso.



Logo que deixou a prisão, Bob Mitchum voltou ao lar de cabeça erguida. Cometera um êrro e não se envergonhára ao ter de papá-lo.



Sua Majestade, o Maior: Bugs Bunny e a respectiva cenoura...

DESENHO ANIMADO PRA CABEÇA!

DE EMILE GOHL AOS MODERNOS AUTORES TCHECOS ★ DISNEY, ASCENÇÃO E QUEDA ★ OS EXPERIMENTOS DE McLAREN E JORGEN ROOTS ★ DESENHO EM TODO O MUNDO ★ ARTE NACIONAL E ARTE COSMOPOLITA ★ PARA GENTE DE QUALQUER IDADE

SALVYANO CAVALCANTI DE PAIVA
Especial para A CENA

SERÁ o desenho animado uma «arte menor»? Alguns afirmam que sim. Outros se atrevem a dizer que o desenho animado não é «cinema». Esta tese deriva essencialmente da posição formalística do «cinema puro» e, em última análise, da «teoria de montage». Mas não será isto uma contradição? Há ou não há montagem no desenho? Os silogistas-tomistas aristotélicos usam de um sofisma para constatar que o desenho não é «cinema». Aparentemente a teoria da montagem nega o desenho animado mas a história do cinema afirma o valor, a fôrça e a importância do desenho no desenvolvimento estético da Sétima Arte. Logo, o desenho é arte e é cinema!

A arte não é um fato abstrato, mas um fato concreto, fruto de uma atividade humana no quadro bem determinado das condições históricas, econômicas e políticas. Partindo dessa teoria chegamos à conclusão de que não existem artes maiores ou menores, e de que o desenho-animado é um dos aspectos da arte cinematográfica. Interessa?

O desenho-animado nasceu com o próprio cinema. Explora o absurdo como explora o real. Emile Cohl foi o primeiro grande realizador de desenhos-animados do mundo. Entre 1906 e 1912 produziu uma infinidade de películas sôbre os mais variados temas e, levando-se em conta a pobreza técnica com que contava, conseguiu ser de fato um pioneiro atrevido, um fulano que pensava e concretizava coisas do **arco-da-velha** na película. Outros grandes pioneiros foram Windsor McGay (autor de «Gertie, o Dinosáurio»), americano; Julius Pinschewer, alemão, que fabricou em 1911 os primeiros desenhos germânicos; Earls Huurd; e o australiano Pat Sullivan, autor do famoso Gato Felix. A arte cinematográfica progredia e, simultaneamente o desenho-animado, gênero essencialmente cinematográfico. Na era dos 1920 (década 20-30) apareceram Paul Terry. Mas Fleischer, Iwerks e Walt Disney, nos Estados Unidos, todos autores ainda hoje bastante populares mas positivamente decadentes; na Europa revelaram-se Bergdahl, dinamarquês; Bud Fisher, inglês, criador dos célebres «Mutt & Jeff»; o russo Khodataev e o sueco Jacobson. Na Alemanha Lotte Reinigher Koch e B. Bartosh fazem «misérias»! Da Áustria surgem para o mundo Ladislau Tuszynsky e Peter Eng; e o desenho cada vez mais criava personalidade como gênero cinematográfico de importância. Disney foi a grande revelação criando o «Camondongo Mickey», «Horácio Cavalinho», a «Vaca Arabela», o «Pateta», «Pluto» e mais tarde o popular «Pato Donald», «Zé Carioca» e o «Galo Panchito». Muito popular durante muito tempo foi a vampirosa **Betty Boop,** de Fleischer, até que a Censura proibiu! E, naturalmente, o ainda hoje conhecido e admirado Popeye. Max Schlesinger dirigiu e vem realizando desde aquela época as **Looney Tunes Cartoons** e **Merry Melodies,** alguns dos quais nem eram inteligentes, nem agradáveis. Êstes os grandes desenhos comerciais dos estúdios de Hollywood, em muitos dos quais encontrávamos motivos artísticos bem realizados. Tá?

Ainda no pré-guerra e durante, a Alemanha nos deu obras inconfundíveis de Franz Masereel, B. Bartosch, Hans Richter (um dos maiores pintores do mundo), Lore Bierling, etc.. Oscar Fischinger notabi lizou-se nessa época com algumas contribuições inestimáveis como aquela «Komposition in Blau», colorida. Outros autores dignos de citação: Hans Held, Kurt Storden. Tá?

Na União Soviética também progrediu o desenho, sobretudo no que se refere ao conteúdo, sem que a forma, por sua vez, estagnasse. Lucilla Cramer, Alexandre Ptchouco, Sarah Mokhil, A. Vanitchquine, J. Solut, F. Crasni, P. Sasonoff, A. Evmenenco, V. G. Souteef, V. e S. Bronmberg e Atamoff foram alguns dos realizadores mais prolíficos da época.

Da França os desenhistas-animadores mais notáveis foram: Hector Hoppin, Antony Gross, Alain de Saint-Ogan, Alex Alexeiff, Claire Parker, Paul Grimault Da Itália, Fernando Cerchio, Gino Parenti, Goghi Faggioni, Sgrilli, Antonio Rubino e Carlo e Vittorio Cossio devem ser mencionados como criadores que não alcançaram um nível «cinematográfico» elevado em suas composições. Na Dinamarca Allan Johnsen; na Holanda Wilva de Kiss e Ruth Constantin têm feito experiências interessantes. Tá?

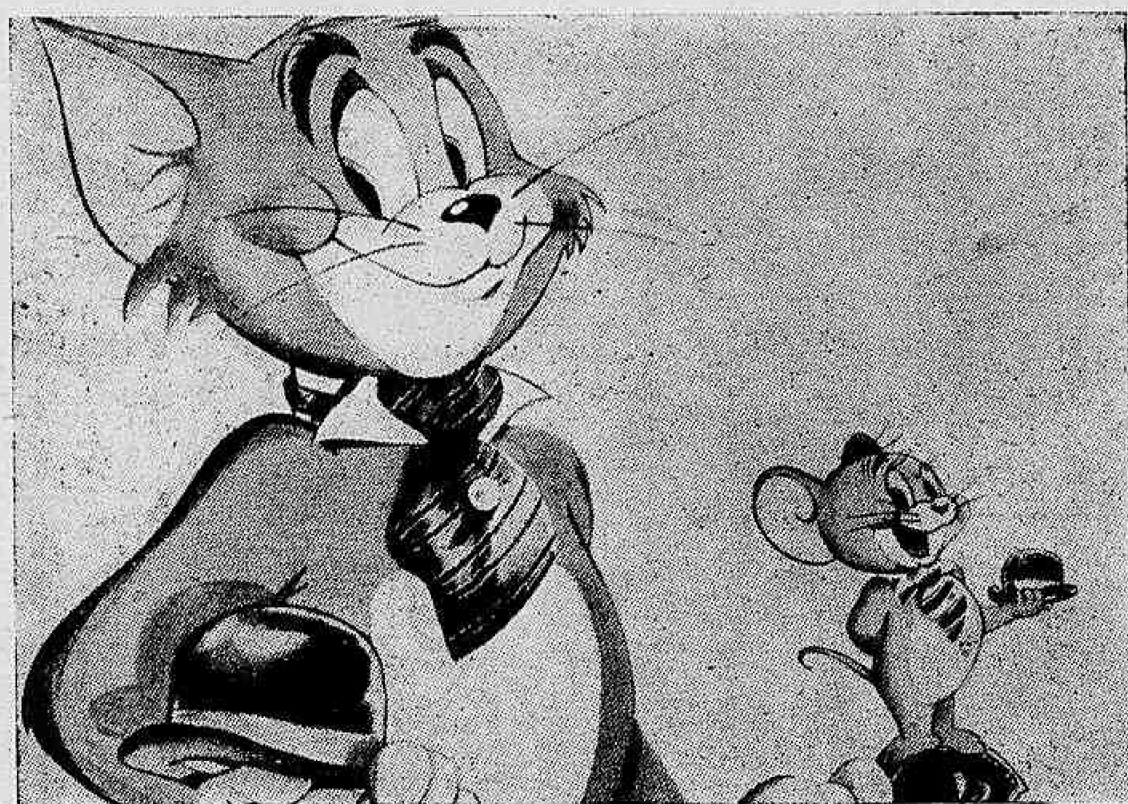
(Cont. na pág. 26)

Walt Diney dos bons tempos: Mickey Mouse

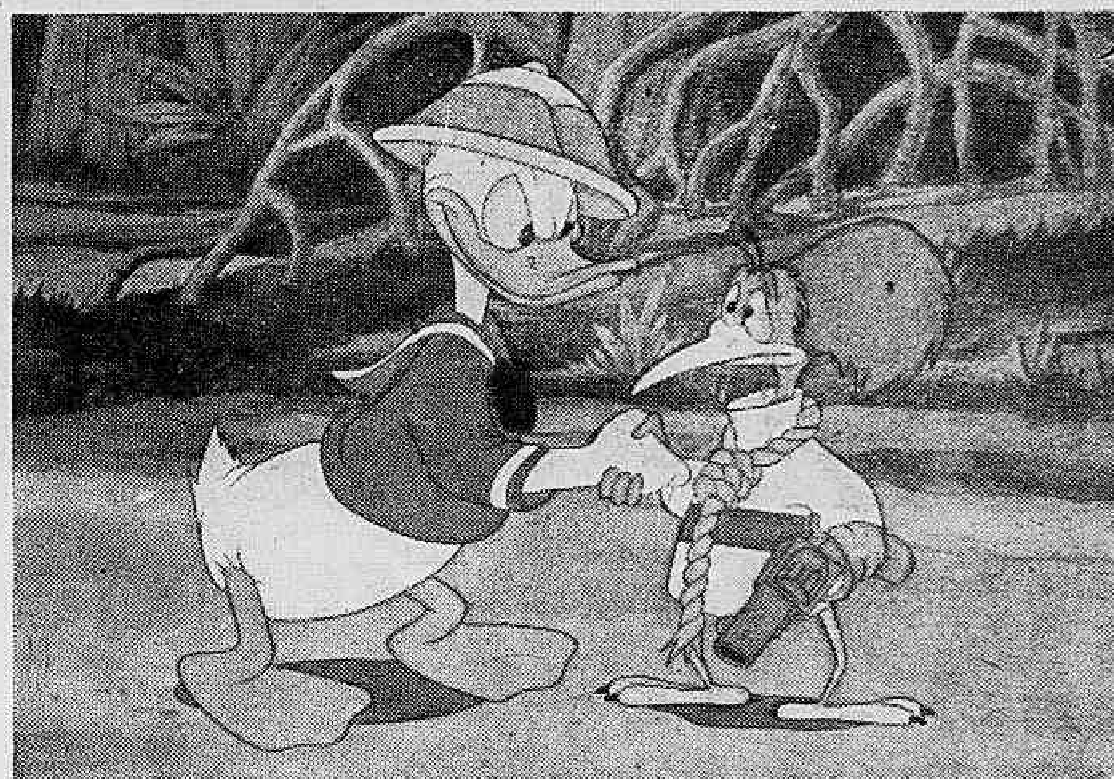




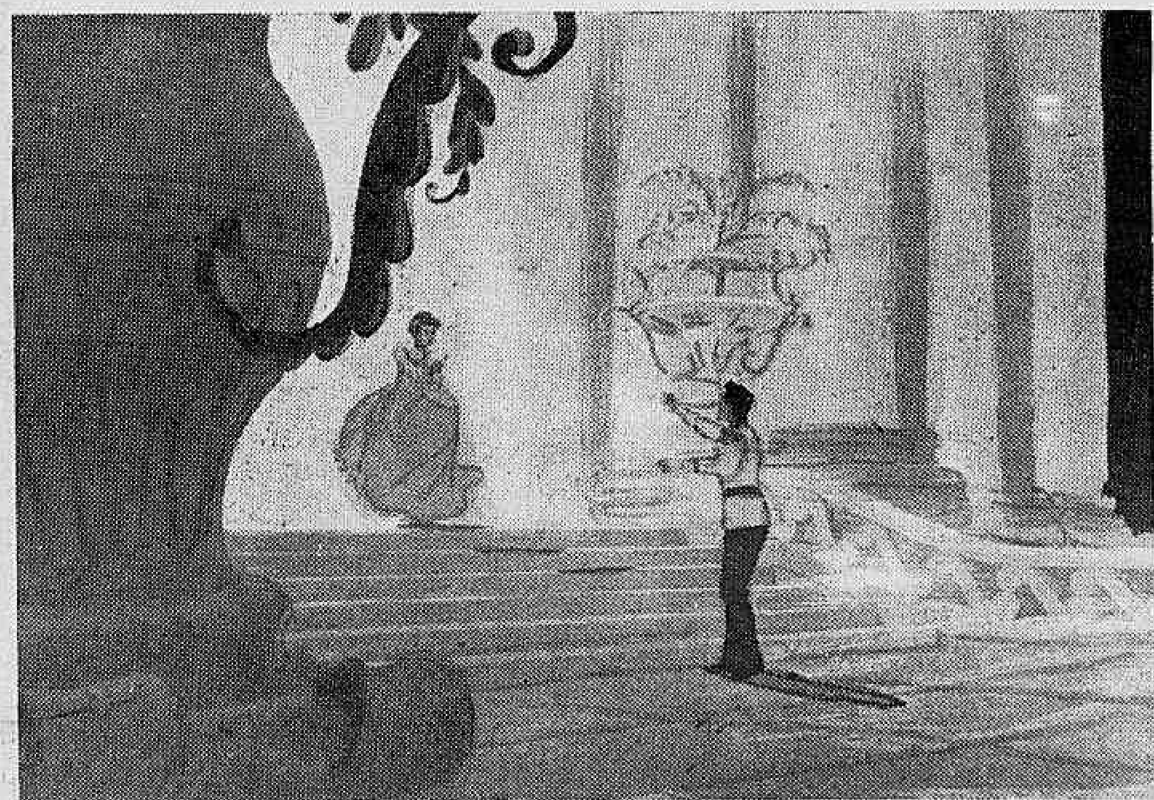
Pateta: a arte da defesa própria, de Disney



Os «astros» do momento: Tom e o inseparável Jerry...



Disney na decadência: Donald e o aracuã...



Atrevimentos em longa-metragem: «A Gata Borralheira»



O rato Timóteo, personagem disneyano de «Dumbo»

CINE ROMANCE

QUANDO CANTA O CORAÇÃO

EM onze meses — bem, em verdade, onze meses e três semanas sem importância — Patti Robinson seria uma moça de dezoito anos de idade.

No entanto, pensou ela indignada, a sua família ainda a tratava como se fôsse uma pequena de catorze anos, como a sua irmã Melba. Como mamãe ainda a fazia usar aquêles terriveis vestidos juvenis quando ela já tinha quase dezoito anos de idade, era outro motivo para a tornar enraivecida. Agora, como em tôdas as férias do papai, a família se ia locomover para Kissa-mee-in-the-Catskills, um lugar onde nada de interessante acontecia e os homens eram sempre os mesmos...

Durante tôda a viagem no bote, Patti ainda mantinha estampado na face o mesmo ar de insatisfação e até mesmo continuou dêste jeito quando a familia chegou ao antiquado hotel onde papai e mamãe foram imediatamente rodeados por alegres amigos, dando-lhes as boas-vindas.

Melba, balançando os braços espalhafatosamente, acenava para Billy Finlay, o garôto por quem estava apaixonada, e êle, por sua vez, estava apaixonado por Patti. Esta, no entanto, já o pusera de lado por êle ter sòmente dezesseis anos e ser uma criança.

— Billy Finlay! — gritou Melba. — Êle cresceu um pé! — ela parecia tão orgulhosa como se fôsse pessoalmente responsável por êsse crescimento.

Ignorando a apaixonada Melba, êle cumprimentou Patti, e sua voz, beirando os limites de mudança, ameaçava passar a fina de um momento para outro, era espêssa pela intensidade da emoção que sentia.

— Puxa! Você parece... *maravilhosa...*

Patti sorriu-lhe irônica e friamente, certa de que aquêle sorriso já era bastante expressivo. E quando êle lhe rogou para passearem juntos depois do jantar, a sua vista se baixou significativamente para as suas calças curtas.

— Lamento, Billy, mas tenho um compromisso importante.

— Tão cedo? — protestou Billy, caindo das nuvens. Então, compreendendo para onde ela olhava, acrescentou, deculpando-se: — Que posso fazer se meu pai ainda não me deixa usar calças compridas por mais um ano?

— Os pais são tão *pueris*... — comiserou Patti, com uma doçura adulta.

Quando ela entrou, Billy ficou olhando para um vácuo e murmurou como se falasse para si mesmo:

— Puxa, no verão passado ela bem que era do barulho. O que aconteceu a ela, afinal?

— Idade! — Melba lhe informou. — Ela pensa que tem dezoito anos e sabe que você só tem dezesseis.

Mais tarde, quando Melba e Patti desarrumavam as malas, alguém bateu à porta e Patti atirou os braços em tôrno da mocinha que entrou, gritando excitadamente: — "Valerie".

— Como você está mudada! — exclamou ela, admirando Patti. — Puxa, você está *bonita!*

Patti disse alegremente, contente com os elogios de sua amiga de dezoito anos:

— Acompanhamos a sua excursão pelos jornais.

— Oh, aquilo... — respondeu Valerie casualmente. — Depois de se estar no palco desde que se tem seis anos, uma excursão é apenas como outra qualquer.

— Mas com *John Barrymore?*

— Êle foi bastante camarada. Não — ela admitiu reluntantemente, não contracenara com êle. — Morro no prólogo.

Melba perguntou *inocentemente*:

— Algum dos espectadores lhe dá um tiro?

Valerie disse insinuantemente:

— Tenho muito para lhe contar, mas temos de esperar até que não estejam aqui grandes ouvidos... — Melba ignorando a insinuação, continuou calmamente desarrumando as malas. — Mamãe ainda está jogando. Seja boazinha e me amarre.

Deixando cair o seu quimono florido, Valerie revelou um fino casaco e um espartilho que arrancou um grito de admiração de Patti: — *"E' lindo!"*

Mudando de assunto ràpidamente, Patti perguntou se havia alguma cara nova pelo hotel.

— Nem uma alma — deplorou Valerie. — Falam de uma escassez de homens — ela sorriu adultamente pueril e acrescentou: — Mas isso não é tão terrível para você, que ainda não está nem mesmo no grupo mais velho.

— Tenho quase dezoito anos! — retrucou Patti indignada.

Mas Melba seria acurada.

— Sim, dentro de onze meses.

Valerie docemente aderiu:

— Sei como você se sente, querida. Mas, dezessete anos não torna uma pessoa adulta. Não é razoável. Quando você estiver no grupo mais velho compreenderá isto...

— Se você me perguntar, — resmungou Melba — muita gente o que tem verdadeiramente é mêdo de concorrência.

Neste instante, a buzina fanhosa de um carro atraiu as três mocinhas à janela. Os carros eram uma novidade naquele tempo e quando parou em frente ao hotel já os hóspedes estavam todos na porta.

Um homem saiu de trás do volante, removou os seus óculos. Naquele instante, tôdas as hóspedes perderam o interêsse no carro, pois êle era jovem — talvez com uns vinte e cinco anos — com umas feições morenas bastante simpáticas e um aspecto de homem do mundo.

Patti quase gritou:

— Quem você acha que seja êle?

— Deve ser parente daquela tal

Título original:

"TWO WEEKS WITH LOVE"

E L E N C O :

Patti Robinson	**JAN POWELL**
Demi Armendez	**RICARDO MONTALBAN**
Papai Robinson	**LOUIS CALHERN**
Mamãe Robinson	**ANN HARDING**
Mr. Finlay	**CLINTON SUNDBERG**
Melba Robinson	**DEBBIE REYNOLDS**
Billy Finlay	**CARLETON CAPENTER**
Valerie Stresemann	**PHILLYS KIRK**
McCormick Robinson	**GARY GRAY**
Enrico Robinson	**TOMMY RETTIG**

Uma produção da Metro-Goldwyn-Mayer — Produção de Jack Cummings — Direção de Roy Rowland — Cenário de John Larkin e Dorothy Kinslay — Baseado numa história de John Larkin.

de sra. Armendez, de Cuba — Valerie disse desdenhosamente. Um olhar calculista espraiara-se por seus olhos e ela anunciou, já saindo do quarto: — Não devo deixar mamãe esperando por mim. Obrigado por me amarrar, querida.

Quando ela tinha saído, Melba olhou curiosamente para o rosto de sua irmã:

— O que você vai usar?

— Não sei — respondeu Patti friamente. Que diferença fazia se escolhesse qualquer um de seus vestidos juvenis. Como se tal homem do mundo a notasse dentro de qualquer um dêles!

Mas, ela pensou com súbita determinação, com espartilhos ou não, ela o encontraria de um modo qualquer!

Muito antes do jantar, quase todo o mundo no hotel já sabia que o seu nome era Demi Armendez e que se encontrava no país a fim de representar os vastos interêsses de seu pai na indústria. Viera a Catskills apenas para visitar a sua mãe.

Quando finalmente os hóspedes se juntaram na sala, notava-se ter havido maior apuro no vestir-se para o jantar. Valerie — Patti observou — estava sedutora com a sua blusa de rendas, deixando ver parte de seu niveo colo, inspirando o interêsse de qualquer homem. Que maravilha era o seu cabelo ondeado, elaboradamente pôsto para cima! E, embora estivesse vivamente entregue a uma alegre palestra com sua mãe, o seu olhar pairava na mesa dos Armendez, ainda desocupada.

U'a mesa tão próxima da dos Robinson que, se o quisesse, poderia tocá-la com suas mãos. Quase não podia engolir. Nenhuma perda de apetite, contudo, perturbava Melba, que se servia generosamente dos pratos que Billy, obrigado a trabalhar durante as refeições, lhe passava.

Não que êle a estivesse notando. Muito ao contrário, sussurrava para Patti:

— Quer nadar amanhã comigo?

Patti abanou-se com o seu leque.

— Sinceramente, não sei dizer.

— *Eu* posso ir! — exclamou vivamente Melba.

Mas, como todos os hóspedes no recinto, Billy estava olhando para a porta, onde, finalmente, a sra. Armendez e o seu simpático filho apareceram, caminhando em direção à mesa próxima aos Robinsons.

— Patti, cala essa bôca, menina — reprovou a sra. Robinson. Então, quando Patti começou a balançar febrilmente o seu leque: — Cuidado, você está jogando migalhas nas calças de seu pai.

— Afinal, o que é que ela tem? — indagou finalmente o sr. Robinson.

Em sua voz clara e alta, Melba explicou:

— E' aquêle novo *cubano*... *ai!* (êsse *ai* foi devido a um belisção...).

Papai indagou com sua voz estentórica:

— Que novo cubano?

— Papai, *por favor!* — era desesperado o sussurro de Patti. — Êle está logo atrás de você.

Para aumentar o seu desespêro, papai olhou para trás e examinou o rapaz de alto a baixo.

— Que é tão extraordinário a seu respeito? Ora, eu era muito mais bonito quando tinha a idade dêle, não era?

O sorriso de mamãe era deliciosamente jovem.

— Sim, querido. Muito mais!

Numa voz baixa e sufocada, Patti pediu:

— Querem dar-me um instante?

Quando ela se levantou e passou pela mesa dos Armendez, deu um esbarrão no garção, entornando a tapioca na mesa do rapaz, sujando o seu terno imaculadamente limpo.

Saiu pràticamente correndo da sala, a face lívida de humilhação. E tudo o que ela desejava no mundo era continuar correndo até que o povo do hotel houvesse ficado perdido na distância.

E' claro que ela não podia fazer isso, mas podia muito bem esconder-se onde não tivesse de ver aquêle tal de Demi Armendez e a sua arrogância. Se havia um lugar onde estava certa de que êle não viria era o salão, onde as crianças da idade de Billy e de Melba se juntavam em volta do piano. Deprimida, Patti ficou esperando-os.

Ali, mais tarde, recebeu uma visita de Valerie, que lhe disse:

— Você é uma pobre criatura! Que impressão você deu!

Patti concordou dolorosamente.

— Não foi terrível? Nunca mais poderei olhar de frente novamente.

— Se eu fôsse você ficaria longe de seu caminho. Êle parecia bastante aborrecido.

— Você já foi apresentada?

— Naturalmente. Êle pediu para ser apresentado a mim. Foi bastante adulto. Bonitas maneiras! Um cavalheiro!

Mas, Patti não a estava escutando. Mais uma vez era avassalada pela terrível obsessão de fugir. Pois, imaculadamente, vestindo outro palitó, Demi entrava no salão, procurando alguém, isto é, Valerie, é claro, concluiu Patti, e por uma porta se esgueirou para a varanda.

Mas êle continuou seguindo-a, gritando por seu nome e dizendo que a andava procurando por todo lugar.

— Por... mim...? — logrou pronunciar Patti.

— Em todos os lugares! Mas você havia desaparecido! — tirou o leque de Patti de dentro de seu palitó. — Queria devolver isto, e para reassegurá-la em virtude o pequeno acidente... — êle se recusou escutar as suas desculpas gaguejadas. — Foi culpa minha.

A sua maneira, o seu sorriso amigável, imediatamente transfor-

(Cont. na pág. 27)



Rádio

CONVERSA FIADA

'E' isso mesmo. Não existem fronteiras para o rádio. Êle tanto fura cordões de isolamento, como faz madrugar os graudos do govêrno. Arranca informações textuais de qualquer Belinda da política e, qual fantasma, aparece onde nem sempre é aguardado. Ânsia de não perder oportunidade. Sêde de furo. Vontade de mostrar ao cidadão dêste século que, à esta altura, êle já avançou outro. Em matéria de reportagem, sobra-lhes dinamismo, ação e audácia. Assim, tem acontecido nos grandes momentos. Êle estêve em Itu, acompanhando a avalanche de visitantes ilustres. Espalhou a palavra Vargas, alimentando esperanças e quebrando ambições. Compareceu às solenidades de posse do presidente eleito, dando em primeira mão os nomes das personalidades escolhidas para a formação do ministério. Vibrou com os acontecimentos carnavalescos, saindo à rua para compartilhar do entusiasmo reinante entre os foliões. Pôs em campo seus profissionais, quando do acidente do bondinho do Pão de Açúcar. Dêle, por sinal, partiram medidas de colaboração. Ajudou no que pôde, informando ao Brasil inteirinho dos momentos vividos pelos dezoito passageiros do carro acidentado. Não faltou, ainda, quando o fogo ameaçava lamber todo um quarteirão da Avenida Rio Branco. Ali estava, coladinho com os bombeiros, fornecendo detalhes da luta entre o fogo e a água. Esticando seus fios, quais poderosas artérias, êle ia tranquilizando espíritos inquietos e arrefecendo o desespêro dos que sofreram as consequências do incêndio.

O rádio, nos dias que correm, vive no meio da massa. Libertou-se, em parte, do noticiário telegráfico. Quer ver de perto e sentir o fato, a fim de que o ouvinte possa ter a impressão exata do que está acontecendo. Para tanto, reúne os bigs da reportagem. Pessoal que vive farejando acontecimentos para narrar ao público. Às vêzes, participando dos fatos, sofrem-lhes as consequências. Raul Brunini, por exemplo, quando da reportagem sôbre o desastre ferroviário do Méier, acabou num leito do Pronto Socorro. E' que o imprevisto o aguardava. Porém, apezar do seu padecimento físico, estava satisfeito em ter cumprido a missão que lhe fôra confiada, qual seja a de bem informar. Como Brunini, a maioria de «rádio-repórteres» não olha o perigo, nem desanima diante das dificuldades. Forjados no cadinho da luta, êles, cada vez mais, empenham-se para dar ao ouvinte, a notícia em primeira mão do que vai pela face da terra. E' nesse trabalho que reside o êxito das reportagens radiofônicas.

Sete notícias, somente

★ Zilah Fonseca, de intérprete de nossos rítmos populares passou a rádio atriz, estrelando o elenco da Tamoio. Agora, convidada para integrar o novo «cast» mayrinquiano, ei-la assinando contrato como cantora. Sua experiência no teatro-cego, ao que tudo indica, não lhe trouxe grandes louros. Daí, o retôrno ao samba. Madame Osvaldo Luís volta a cantar, gênero em que obteve cartaz. ★ Depois daquela história de «vai, não vai», Carmélia Alves acabou indo para a Rádio Nacional. Isto, quando Gilberto Martins empenha-se na seleção dos áureos elementos para o microfone PRA-9. E' que a popular estrêla acredita mais na possibilidade da PRE-8 do que no ressurgimento da veterana Mayrink Veiga... ★ Antônio Maria, big produtor da Tupí, voltou a responder pela confecção do notável «Vamos dar um giro». Além disso, passou a escrever novo programa. Título: «Minha vida é assim» Dorival Caími participa dêsse cartaz. A assinatura de Antônio Maria, porém, basta para que o recomendemos aos ouvintes. ★ Maria Helena de Carvalho preferiu Londres a Belo Horizonte, embora o mano Ramos seja o maioral da Inconfidência. Por êsse motivo, empreendeu a viagem de volta, a fim de reassumir seu posto na B.B.C. Enquanto isso, Murilo de Carvalho mostra seu desagrado pela famosa emissôra britânica, afirmando não mais desejar permanecer como comentarista de ballet. ★ Guilherme Manes substituiu a Matos Peixoto na direção da Rádio Mauá. Desfizeram-se, dessa maneira, os boatos desencontrados sôbre a escola do novo diretor da PRH-8. Alguns, até à última hora, acreditavam na nomeação de Dilo Guardia que, na gestão Honório Monteiro, desempenhou importante cargo no gabinete do ministro. Agora, com Guilherme Manes, vamos esperar novidades. ★ O caso Dalva-Herivelto, como era esperado, redundou num despacho do Juiz da Quarta Vara de Família, mandando recolher os filhos do casal a um estabelecimento de ensino. Termina, assim, a primeira parte dêsse rumuroso drama, cujos personagens são figuras populares em nosso rádio. ★ Anselmo Domingos iniciou, quando à frente da direção da Tamoio, as novelas religiosas. Mais tarde, novos produtores surgiram para explorar o gênero, recolhendo-se Anselmo Domingos. Agora, porém, convidado por Vitor Costa, o presidente da A.B.C.R. passará a produzir para o elenco da PRE-8 êsse estilo de novelas.

ARMANDO MIGUEIS

CONFISSÃO



OSWALDO GOUVÊA
Dona Felicidade foi feliz

OSWALDO GOUVÊA, PRESENTEMENTE, TRABALHA NA RÁDIO CLUBE DO BRASIL. ★ AUTOR DE VÁRIAS NOVELAS E DE INÚMEROS PROGRAMAS, RESPONDE, AGORA, PELO ÊXITO DE "MOVIMENTO ESCOLAR", UMA DIVULGAÇÃO DE COISAS DO ENSINO, COM CONSELHOS PEDAGÓGICOS PARA ALUNOS, PROFESSÔRES E PAIS. ★ É DE OSWALDO GOUVÊA A CONFISSÃO QUE SE SEGUE:

— Não sei mesmo por que e como resolvi escrever novelas para o rádio. Eu nunca pensara que um dia pudesse vir a escrever, aliás, para o rádio em geral. Vivia de minha carreira jornalística e nos meus momentos de devaneio fazia os meus versos — êsses mesmos versos que todos os homens fazem, quando ainda podem sonhar.

Um dia, porém, a Rádio Mayrink Veiga abriu um concurso para seu "Teatro Pelos Ares", de que eu era um grande apreciador. Paulo Magalhães escreveu um primeiro ato de uma peça. Os candidatos escreveriam o primeiro e segundo atos, concorrendo a dois prêmios.

Eu andava em sérias aperturas naqueles tempos e resolvi concorrer. A peça chamava-se "Dona Felicidade". Foi meu primeiro trabalho radiofônico, o terceiro ato da peça, que foi premiado e me deu, também, a oportunidade de trabalhar como redator da PRA-9. E mais que isso — a felicidade de ter sido amigo de Plácido Ferreira, aquêle velho sempre jovem, que me animou, encorajando-me para o difícil ingresso no rádio.

A primeira novela que escrevi não foi para a Mayrink. Teófilo de Barros Filho dirigia a Tupi e perguntou-me, certa vez, se eu queria transpor para o sem-fio, em capítulos, as "Viagens Maravi-

(Cont. na pág. 26)

DE QUINTA A QUARTA-FEIRA

	TÍTULO — EMISSORA	DIAS — HORARIOS
PROGRAMAS	RÁDIO TEATRO LÍRICO Rádio Roquete Pinto	Quintas feiras, às 21,05
	VAMOS DAR UM GIRO Rádio Tupi	Sextas-feiras, às 22,00
	NÃO ESTAMOS SÓS Rádio Nacional	Sábados, às 21,05
	JÓIAS MUSICAIS Rádio Globo	Domingos, às 23,00
	GALHO DE URTIGA Rádio Mayrink Veiga	Segundas-feiras, às 18,45
	FRANÇA ETERNA Rádio Ministério	Têrças-feiras, às 21,30
	MÚSICA PARA MILHÕES Emissora Continental	Quartas-feiras, às 21,30
NOVELAS	O ENSAIO COMEÇA ÀS QUATRO Rádio Mayrink Veiga	Têrças, quintas e sábados, às 12,30
	O DIREITO DE NASCER Rádio Nacional	Segundas, quartas e sextas, às 20,00
	SOLIDÃO Rádio Globo	Segundas, quartas e sextas, às 14,30



CARMELIA ALVES
acabou indo...



DALVA DE OLIVEIRA
era uma vez dois meninos.

FORA DA ONDA

BIOGRAFIA SINTÉTICA

José Antônio, ali por volta de 1923, viu seu nome figurar na fachada do Teatro Nacional de São Carlos, como participante da lírica oficial. Cantou, então, as óperas «Werther», «Bodas de Fígaro», «Vida Breve», «Entre Giestas» e «Serrana», sendo que as duas últimas de autores portuguêses. Levado pelo sucesso, não tardou a ingressar na Emissôra Nacional de Lisboa, na qual foi eleito, através de severo plebiscito, o melhor artista de 1947. Em 1950 coube-lhe, ainda, o prêmio de popularidade em todo o território português.

José Antônio, que ora nos visita, alia a música erudita à música popular, interpretando-as de maneira agradável. Dêsse modo, em seu repertório figuram páginas como «Paixão Segundo São João», de Bach; «Estações», de Haendel e tantas outras composições. Também a música folclórica e popular do velho Portugal encontram-se na bagagem do jovem artista que, presentemente, canta para os brasileiros.

O tenor português, fóra da atividade artística, é terceiroanista de eletro-técnica do Instituto Superior Técnico de Lisboa.

ELAS NASCERAM EM S. PAULO

São Paulo, indiscutivelmente, é o maior abastecedor do «broadcasting» carioca. Contam-se as dezenas os que nasceram na terra da garoa.

O elemento feminino, por exemplo, é grande. Eis uma pequena parcela: Dalva de Oliveira, hoje «Rainha do Rádio»: Zilah Fonseca, intérprete dos rítmos populares; Sagramor de Scuvero, reeleita para o legislativo carioca; Dircinha Batista; Neusa Maria; Marlene; Lúcia Helena: Lú Marival, agora trabalhando em rádio-teatro: Maravilha Rodrigues; Tina Vita; Lúcia Delor; Sílvia Autuori; Graziela Salerno; Carmelia Alves; Lourdinha Bitencourt; Linda Batista.



JOSÉ ANTÔNIO
estuda eletro-técnica

COM VISTAS À CENTRAL DO BRASIL

Em seu número de março-abril, o boletim d'A Voz da América, publica uma noticia que bem pode interessar aos diretores da nossa principal ferrovia, ora sofrendo freqüentes acidentes. Ei-la: Os maquinistas que transitam em trens a grandes velocidades terão breve a proteção de um sinaleiro de rádio contra desastres, se as estradas adotarem essa nova invenção.

O departamento de patentes dos Estados Unidos conferiu há pouco uma carta de invenção a Paul N. Brannam, de Duquense, Estado da Pensilvânia, concernente a um aparelho de rádio de alta freqüência que serve para avisar um maquinista se há algum trem à frente do seu, e, se houver, a que distância se acha.

Êsse invento virá substituir o sistema de segurança ferroviário agora em uso, pelo qual a linha é dividida em «blócos», havendo sinais luminosos para avisar a aproximação de outro trem.

O aparelho de Mr. Brennam emite em «éco» automático de rádio de um trem para outro. Na cabine do maquinista, um indicador traduz o tempo requerido para o éco retornar de uma dada distância, sendo o resultado lido num mostrador».



FRED ASTAIRE
(Metro)

ROTEIRO DE VIAGEM

CRONICA DE BUENOS AYRES



de ALBERTO CONRADO

(Enviado Especial de «A CENA» aos paises da América Latina)

CONSIDERAÇÕES EM TÔRNO DO TEATRO E CINEMA

Buenos Aires, fevereiro. — Ao iniciar-se êste século, Buenos Aires, que mantinha ainda as tradições de Grande Aldeia, não era a cidade universal de 1950, com vários milhões de habitantes. Nas artes do espetáculo — teatro e cinema — êste meio século na Argentina se caracteriza pelos contrastes e fenômenos mais extraordinários. Assim, o desenvolvimento total do país — povoação, indústria, comércio, cultura, etc. — é paralelamente igual em grandeza e opulência ao desenvolvimento da cinematografia, porém resulta retrógrado e decadente no que respeita ao teatro. A Argentina é em 1900 o único país da América que vê surgir um autêntico teatro nacional que apaixona as masass populares, enquanto que o cinema não é ainda conhecido. Por outro lado, no extremo norte do continente se verifica o fenômeno contrário: no de 1900 os Estados Unidos carece de teatro próprio, porém, o cinema é já uma arte nacional. O século XX começa na Argentina com o prodigioso florescimento de um teatro inspirado em heróis, tipos, lendas, costumes, idéias e sentimentos autóctones, enquanto que o cinema — como temos dito — é ainda totalmente ignorado. Nos primeiros anos do século se conheceram em Buenos Aires os primeiros filmes do selo Pathé de Paris, que exibiam peças cômicas com o elegante e gracioso Max Linder e outras curtas, com famosos artistas como Sarah Bernhard. No gênero da produção teatral argentina as desproporções entre 1900 e o momento atual são impressionantes. Ao começar o século, Buenos Aires tinha 23 teatros, mas nenhum dedicado a produção nacional. Nos palcos portenhos se ofereciam com preferência obras espanholas. O teatro argentino sòmente **se vira** livre da influência da península em 1901, quando Ezequiel Soria — de regresso da Europa, onde estudou e assimilou as técnicas e as orientações da literatura dramática e as artes cênicas em Madri e Paris — organiza com Mariano Galé o primeiro elenco teatral argentino para cultivar exclusivamente o repertório nacional. Com Ezequiel Soria, o teatro argentino inicia uma trajetória rutilante, meteórica, que culmina lá pelo ano de 20 em que Buenos Aires só quer teatro nacional e em que quase todos os palcos portenhos reflexam o êxito do tango e os delírios do primeiro apósguerra (cabarets, champagne, nudêz de coristas, paraisos artificiais), até afundar-se e dissolver-se no cáos político-social e intelectual de 1930 (Data esta em que se adverte com evidência o progresso **econômico** do cinema argentino). Atualmente Buenos Aires, com mais de quatro milhões de habitantes, conta sòmente com vinte e seis teatros, ou seja três vêzes mais do que em 1900. Entretanto, possui 209 cinemas na capital e 2.184 em todo o país o qual demonstra — com o argumento decisivo das cifras — que hoje o espetáculo realmente popular na Argentina é o cinema e que o teatro passou a ser uma arte para minorias seletas, o qual justifica que se intelectualize e pretenda dramatizar a metapsíquica e a metafísica, como uma arte para «novatos». Quais são as causas, e em que razões se fundam a decadência atual do teatro e a enorme difusão e a preferência das massas populares pelo cinema? Êste complexo problema se tem debatido já em todos seus aspectos — social, artístico, econômico, psicológico, cultural, etc. — e seria ocioso renovar, nesta crônica sua análise. Mas queriamos referir-nos apenas sôbre dois ângulos do problema. As massas populares preferem hoje o cinema, não porque êste seja mais fácil de entender, senão porque o cinema oferece espetáculos adequados para cada idade e para cada nível cultural. Ao cinema começamos a ir antes do que a escola; já na primeira infância temos adquirido o costume do cinema, que não abandonamos jàmais. O cinema do nosso bairro fez as delícias de nossa infância, com suas famosas películas policiais e de aventuras seriadas, de terríveis bandidos e arrojados «cow-bois». Ao contrário, só começamos a ir ao teatro depois da primeira calça comprida, quando já nos cremos pessoas sérias e intelectuais. Nem sequer a economia influi sèriamente na difusão atual do cinema. Os cinemas de bairros são agora tão caros como os do centro. E se anos atrás a garotada — com seus pais — entravam nos cinemas por dez ou vinte centavos, igualmente se ofereciam pelo mesmo preço funções teatrais nos salões de subúrbios. O cinema argentino surge lá pelo ano de 1910 com tôscos filmes sôbre La Pampa e o Gaúcho. Os progressos do cinema argentino se hajam limitados ao poder econômico e alguma técnica. E isto é tanto mais evidente — o poder em cifras do cinema argentino — se fizemos uma comparação com métodos, estilo, organização econômica e publicitária, desde os começos da cinematografia platense. Na hora inicial não existiam estúdios nem emprêsas. Logo veio Max Glusksman —, e as pequenas películas se filmavam integralmente em exteriores, em ranchos e modestas casas. A produção do melhor filme não chegava a custar dez mil pesos (20 contos) e os grandes artistas que foram Florêncio Parravicini e Orfília Rico — astros máximos do teatro e da incipiente cinematografia argentina de quarenta anos atrás—, poucas vêzes receberam mil pesos (2 contos) por filme... quando conseguiam cobrar. Também é certo que os grandes êxitos cinematográficos de então davam de lucro diàriamente oitenta pesos (150 cruzeiros). Hoje, ao contrário, o cinema argentino mobiliza cifras altíssimas em comparação a aquelas. Por cada interpretação num filme Luís Sandrini, Hugo del Carril ou Zully Moreno, cobram de cem mil pesos (mais de duzentos contos). Neste momento se estão filmando obras argentinas cujo custo se acercam aos três milhões de pesos (seis milhões de cruzeiros). Mas, com frequência, não são os filmes mais caros os que mais benefícios produzem. Temos o caso do filme «Bola de Trapo» (sôbre futebol), cuja filmagem custou duzentos mil pesos (400 contos) e chegou a dar milhão e meio de ganâncias. E para terminar, em contraste com os oitenta pesos diários (160 cruzeiros) que arrecadava antigamente um cinema, exibindo filmes, hoje, sòmente uma película no dia de estréia rende 17 mil pesos (34 contos) e na primeira semana passa a render cento e sessenta mil pesos (320 contos).

UM MONUMENTO!
CONFLITOS DE AMOR
"LA RONDE"
DIREÇÃO DE MAX OPHULS
com
SIMONE SIGNORET
ANTON WALLBROOK
SIMONE SIMON
SERGE REGGIANI
DANIELLE DARRIEUX
DANIEL GÉLIN
ODETTE JOYEUX
FERNAND GRAVEY
ISA MIRANDA
JEAN-LOUIS BARRAULT
GÉRARD PHILIPE
IMPR. 18 ANOS • COMP. NACIONAL
HOJE
2•4 6•8•10 HS.
PATHÉ
FONE 22-8795
PRESIDENTE
FONE 42-7128
ALVORADA
FONE 27-2736
PARA TODOS
FONE 29-5191

QUÊDA DOS CABELOS
Calvicie precoce
JUVENTUDE ALEXANDRE
INSUPERÁVEL
Há cinqüenta anos
BELEZA e VIGOR DOS CABELOS

AOS ASSINANTES E DISTRIBUIDORES DESTA REVISTA

Rogamos indiquem sempre, com as suas remessas de dinheiro, nome e endereço certos.

ANTOLOGIA DOS CRONISTAS CARIOCAS

XII
VAN JAFA

NOME real: José Augusto Faria do Amaral. Assina sempre Van Jafa. E' natural da Cidade do Salvador, Bahia com h, a 4 de janeiro de 1924. Descendência: tradicionalmente complicada. Segundo o prprio Van Jafa, concorreram para o seu nascimento: fadas, mágicos e mágicas, espetáculos de circo e um pouco de genialidade com raízes plantadas na decadência do Ocidente, sem Spengler. Em outras palavras: um bom burguês... Tem sangue internacional (português por obrigação, francês por parentesco, inglês por hipismo, holandês muito particularmente por uma vaca...). Além de cronista cinematográfico é funcionário público, universitário, cursando a Faculdade Nacional de Direito, poeta com livro publicado, escritor a cinco minutos da Glória, etc., etc, principalmente etc. ... Interessa-se pelo cinema desde que o cinema começou a ter interêsse por êle. Na literatura estrangeira aprecia: Aldous Huxley (integral), Bernard Shaw com restrições, Jean Cocteau comple-ta-men-te, Antoine de St. Exupery de ponta a ponta, Oscar Wilde para dias de chuva e Shakespeare para tôda a vida. Do Brasil escolhe alguns, sempre limitando os que estão fora e os que estão dentro do cemitério. Dos de dentro: Machado de Assis, Ruy Barbosa, Raul de Leoni, Castro Alves, Olavo Bilac e Euclides da Cunha. Dos de fora: Manuel Bandeira, Adalgisa Nery, Carlos (o "Renegado") Drummond de Andrade e Vinicius de Moraes.

Em teatro, gosta de Robert Sherwood, Patrick Hamilton, Jean Cocteou, Nelson Rodrigues.

Adora música clássica, elegendo seus preferidos Beethoven, Tschaikowiski, Rimski-Korsakov, Rachmaninoff, Liszt, Caxaturian (Khachathurian), Wagner, Ravel e Mussorvsque (Mussorwsky).

Limita-se a "ouvir" música popular...

Idiomas que entende, para uso interno: português, espanhol, francês e inglês.

Gosta muito de pintura: tem grandes tendências para a pintura, é um entusiasta permanente das artes-plásticas, também pinta, além do sete, cerâmica. Entre os autores queridos estão Van Gogh, Botticelli, Gauguin, Portinari, Thomas Byron, Carlos Frederico Bastos, Salvador Dali, Picasso, Margaret Spence e Hercio Caldas.

Tem viajado o suficiente por tôdas as latitudes do sonho, não tem complexos de itinerários. Sabe que um dia irá à lua para fazer o "week-end" por lá, alguém o espera no espaço, e tem uma grande curiosidade pelo planêta Marte, apesar de haver recusado vários convites do seu amigo Flash Gordon para trabalhar na Hollywood marciana...

Na História do Mundo admira: Jesus Cristo, Sócrates, Platão (por ter revelado Sócrates), Leonardo Da Vinci, Alberto Einstein, Henri Bergson, Voltaire, o Pato Donald e Jo, um seu particular amigo.

Van Jafa tem calma suficiente para usar as mãos sòmente para escrever e acariciar...

Pratos preferidos: tudo que tenha chocolate. Diàriamente, toma grandes goles de chocolate, à tardinha, com convidados ilustres.

Bebe rum com chá e toma muitos copos de uisque cheios de leite...

Não tem preconceito de raça: não criou o mundo...



Organização de SALVYANO CAVALCANTI DE PAIVA
Charge de JAIMESON

Coisas que detesta: livros mal escritos, filmes mal feitos, uma mulher sem elegância, um amigo que não desconfie que êle seja sério.

Diretores de cinema prediletos: Marcel Carné, Sam Wood, Laurence Olivier, John Huston, Orson Welles, Vittorio de Sica, Julien Duvivier. Não cita o próprio nome por não ter ainda dirigido nada...

Filmoteca escolhida: — "Idolo, amante e herói", "Cidadão Kane", "Ladrões de Bicicletas", "O Boulevard do Crime", "Hamlet", "Henrique V", "Em qualquer parte da Europa", "A Grande Valsa".

Religião: educado na católica romana, acredita em tôdas as religiões desde que sejam para o bem e professa particularmente o cristianismo eclético...

Solteiro, até quando só Deus sabe...

Altura: mais alto do que Mickey Rooney e mais baixo do que Gary Cooper. Cabelos e olhos castanhos.

Sócio da Associação Brasileira de Cronistas Cinematográficos e do Circulo de Estudos Cinematográficos.

Acredita sinceramente no cinema nacional.

Gosta de ver os outros praticarem esportes...

De ginástica sueca só suporta Ingrid Bergman, que é também ginástica mental...

Colaborou em "A Tarde", da Bahia, "Diário da Bahia", "Vamos Ler", "A Manhã" (suplemento literário "Letras e Artes"), A CENA MUDA, "Carioca". Faz comentários de cinema na última revista, atualmente.

Livro publicado: "Ronda dos Teus olhos". A publicar: um romance ainda sem titulo e um livro de poemas: "As Mães Terríveis", em contraposição aos pais de Jean Cocteau...

Escuta rádio quando os programas são inteligentes, o que é bem raro, em sua opinião. Oficialmente ouve a Rádio Ministério da Educação.

Dorme sempre tarde, acorda quando pode.

Não fuma, a não ser cigarros de chocolate Kopenhagen... Não joga.

Atores e atrizes prediletos: Ingrid Bergman, Orson Welles, Greta Garbo, Jean-Louis Barrault, Charles Chaplin, Laurence Olivier, Katharine Hepburn, Luise Rainer, Bette Davis, Marlene Dietrich, Clifton Webbs, Joan Crawford, Alida Valli.

Reside no centro da cidade, mas nunca vai à praia.

E' a favor das coisas atômicas, mas contra a bomba!

ANTOLOGIA: *"O que a vida.. me negou"*

Certos filmes atrasam e outros, realizados posteriormente, chegam primeiro. Os cartazes em inglês de "O que a vida me negou" anunciam que estão reunidos os artistas de "Terceiro Homem" num novo sucesso. "O Terceiro Homem" é um filme inglês com Joseph Cotten, Valli, Orson Welles e Trevor Howard muito credenciado por onde passou. Os americanos, em vista do sucesso da dupla romântica, reuniu a belissima Alida Valli e o correto Joseph Cotten num drama de uma inconsistência comprometedora. Não há nada por onde se lhe pegue. Tudo é vazio, e sem expressão. Uma história de uma falta de história que dá pena. O artificialismo é tamanho que a direção do veterano Robert Stevenson nada conseguiu salvar. Stevenson, que conta com alguns sucessos, desde "Jane Eyre" nada mais realizou que representasse uma nota mais digna de sua assinatura. Argumentos assim comprometem qualquer diretor. Joseph Cotten nada tem para fazer que não se repetir. Essa italiana memorável, Valli, beleza e arte conjugadas, empresta a sua formosura sem oportunidade para seu talento. "O que a vida me negou" foi apenas uma promessa. Mas, Alida Valli..."

(*"Carioca"*, 15 - *fevereiro* - 1951)

"A DOMINADORA"

O quarto, em seu arranjo formal, dava a impressão de beleza — até que se compreendia que ali não havia nenhuma afeição, nem transmitia nenhum sentimento de boas-vindas.

O quarto era meramente uma moldura para a mulher, cuja beleza burilada não revelava nenhum traço de sentimento emocional. A mulher que se casara com Walter Craig sòmente por segurança — por bens que tão fielmente refletiam em sua personalidade. Divertido com a sua beleza clássica, Walter confundira malicia com candura, arrogância por pose. O quarto, do qual ela se orgulhava, parecia apenas uma prova de seu desejo de perfeição.

A moça, descendo a escadaria polida, nem ao menos olhou para o quarto, radiante de carinho e ordem, quando o atravessou. A sua expressão demonstrava preocupação, quando ela falou com uma apressada criada.

— Lottie, conseguiu encontrar mais papel-lenço?

— Ainda não tive tempo de procurar, Miss Raymond. Tive de engraxar êstes sapatos...

Quando ela subiu a escadaria com os sapatos na mão, Clare Raymond gritou para a cozinha:

— Mrs. Harold, a senhora terminou de passar roupa?

Uma governante de meia-idade, agradável, apareceu com uma braçada de roupa recentemente lavada, e Clare contentemente tirou de suas mãos.

— Veja se pode encontrar mais papel-lenço — disse ela nervosamente.

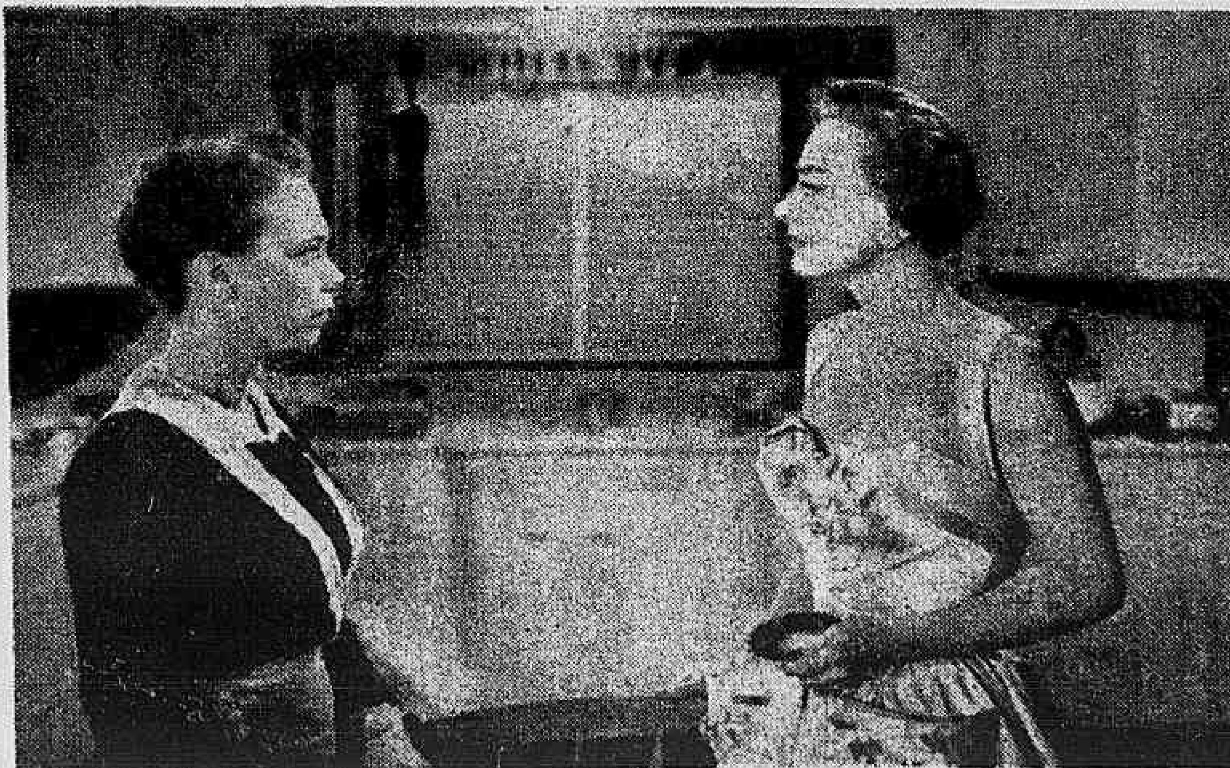
Mrs. Harold meneou a cabeça, dizendo amargamente:

— Ela vai ter mais papel-lenço naquelas malas do que roupas.

— Bem, você sabe como Mrs. Craig é cuidadosa nessas coisas.

Correndo para atender ao telefone que começara a tilintar, Clare encontrou-se com Lottie, que vinha descendo as escadarias e lhe pediu para levar as roupas para cima.





«Saia desta casa amanhã pela manhã!» Harriet ordenou zangadamente.



Walter e Mrs. Fenwick conversavam agradàvelmente como se fossem velhos amigos.



Êle tivera uma conferência com Mr. Fenwik, explicou-lhe Walter.

Lottie parecia a ponto de se desmanchar em lágrimas quando recomeçou a subir.

A cigarra, de repente, tocou e, apanhando o fone, Clare pediu a Mrs. Harold para atender à porta. Responde ao telefone e pareceu chocada, pois, tinha certeza, Mrs. Craig desejava uma sala de estar e não um compartimento.

Enquanto isso, Mrs. Harold admitia na sala uma atraente mulher que parecia estar entrando nos seus trinta anos, carregando uma braçada de flores.

— Estive no jardim hoje de manhã, — disse ela — e estas flores estavam tão bonitas que pensei que Mrs. Craig...

Mrs. Harold recebeu as flores apreciativamente.

— Ora, isto foi um gesto bastante gentil da senhora, Mrs. Frazier!

Uma voz clara e imperiosa atravessou o espaço:

— Clare! Você quer dar um pulinho aqui em cima para me ajudar?

— Pois não, Harriet — suspirou Clare, à medida que Lottie, com uma expressão de náufrago nervoso, caminha vagarosamente para a cozinha.

— A mãe de Mrs. Craig está doente — Mrs. Harold explicou a Mrs. Frazier. — Ela vai apanhar um trem.

— Como lamento! — a voz de Mrs. Frazier carregava uma dose de simpatia. — Bem, vou indo. Mrs. Craig deve estar bastante preocupada.



«Você não está dizendo que fica na cozinha!» Wes perguntou a Clare.

— Todo o mundo está — respondeu sucintamente Mrs. Harold.

Harriet Craig estava telefonando para o escritório de seu espôso. E, assim como a sala lá em baixo era uma moldura para a sua beleza, ela também era uma dama digna de qualquer moldura. E tão acentuada era a noção que Harriet nutria em relação à sua beleza que fizera o seu auto-retrato, pondo ênfase nas linhas clássicas artisticamente gravadas em sua face. Sòmente um mestre de psicologia poderia ler a vontade de poder que era soletrado em seus lábios rubros.

Ela falava ao telefone com a sua voz modulada.

— O escritório de Mr. Craig, por obséquio... — com a sua mão livre, quando Clare entrou, ela indicou uma caixa de sapatos meio-cheia entre as outras bagagens. — Você pode terminar aquilo. Lottie é desajeitada de uma maneira incrível.

Falando ao telefone, deu início à conversação com o escritório do espôso: — Miss Stanley, a que horas meu marido deixou a fábrica?... mas já faz mais de uma hora que telefonei. A senhorita lhe deu o meu recado *imediatamente?* — sem levantar a voz nem um pouquinho, ela acusara Miss Stanley de negligência. — Compreendo. Muito obrigada.

Após terminada a breve palestra, virou-se para Clare:

— Que você conseguiu informar-se sôbre a minha reserva de passagem?

— Sòmente nos conseguiram um compartimento — um mêdo indisfarçável ensombrou as faces da moça.

— Eu mesma deveria ter telefonado — as suas palavras não continham nenhuma crítica, em verdade, mas Clare, acostumada com Harriet, sentiu que as suas mãos, ao fazer o embrulho, se enrijeceram repentinamente. Tomando-lhe delicadamente o sapato da mão, Harriet disse: — *Não, querida. E' dêsse jeito que eu quero.*

Uma voz masculina, grave e profunda, falou de fora: — "Harriet!"

— Aqui, Walter — respondeu ela sem tirar os olhos do que estava fazendo.

Walter Craig entrou no quarto. Sem ser simpático, no sentido convencional da palavra, as suas feições irregulares o tornavam atraente.

— Querida, — tôda a sua solicitude era traduzida apenas com essa palavra — lamento muito o que aconteceu com a sua mãe. Ela está pior?

Harriet, virando-se, soergueu relutantemente o rosto para que êle a beijasse.

— Não estou certa. Mas tenho de interná-la num sanatório imediatamente — não, não havia nada que êle pudesse fazer para ajudá-la a arrumar-se. — Não agora. Está na hora de sair para a estação.

— Vim para casa logo que pude — disse êle. — Estávamos fazendo um teste com o novo amplificador. Não pude arredar o pé do laboratório até que tudo estivesse terminado — como o seu silêncio continuasse, êle exclamou, desculpando-se: — Isto talvez seja a coisa mais importante posta na rua êste ano pela companhia e é tudo trabalho meu. Se eu houvesse saído, êles teriam de fazer tudo novamente amanhã. Eu simplesmente não me podia retirar.

— Querido, não lhe pedi para fazer isso — a voz de Harriet era tão razoàvelmente doce que tornou a sua explicação coisa supérflua. — Clare, — exclamou ela — é melhor que você apanhe imediatamente o seu chapéu e casaco.

— Mas, Harriet, ainda não arrumei minhas coisas — exclamou nervosamente Clare, fechando a caixa de sapatos.

Ninguém poderia ter deixado de notar a superlativa paciência de Harriet.

— E' melhor que você se apresse — quando Clare deixou o quarto, Harriet suspirou: — Você compreende como as coisas correram aqui hoje de manhã.

— Lamento que não estivesse — murmurou Walter, desembaraçado de qualquer senso de defesa.

Êle pôs os seus braços em redor de Harriet e ela se inclinou para êle, murmurando:

Título original:

"HARRIET GRAIG"

E L E N C O :

Harriet Graig	**Joan Crawford**
Walter Graig	**Wendell Corey**
Célia Fenwick	**Lucile Watson**
Billy Birkmire ..	**Allyn Joslyn**
Wes Miller	**William Bishop**
Clare Raymond ..	**K.T. Stevens**
Mrs. Harold	**Viola Roache**
Henry Fenwick ..	**Raymond Greenleaf**
Lottie	**Ellen Corby**
Mrs. Frazier	**Fiona O'Shiel**
Danny Frazier ...	**Patrick Mitchell**
Dr. Lambert	**Katherine Warren**

Um filme da Colúmbia Pictures — Produção de William Dozier — Direção de Vincent Sherman — Cenário de Anne Froelick e James Gunn — Baseada na peça vencedora do Prêmio Nobel «Graig's Wife» de George Kelly.

— Eu não podia suportar o pensamento de que você não estaria aqui para dizer-me adeus. Você sabe que é esta a primeira vez que nos separamos desde que nos casamos.

— Por quanto tempo você ficará fora?

— Uma semana ou uns dez dias no máximo. O céu saberá onde estarei de minuto a minuto. Mas, quando eu quiser poderei comunicar-me com você. Se você não estiver no escritório deixará um recado dizendo onde está, não é, meu benzinho?

— Pode ficar descansada; carregarei um telefone comigo — redarguiu êle, sorrindo.

— E' melhor que você ponha as malas no carro — disse ela, olhando para o relógio. — Tenho de falar com Mrs. Harold.

Assim, em meio a instruções e pedindo mil cuidados para com o espôso, Harriet partiu, para regressar alguns dias antes da data que marcara. Não que a saúde de sua mãe acusasse qualquer melhora. Muito ao contrário. Vendo o estado de saúde de sua genitora, Harriet tinha até mesmo se decidido a permanecer por mais alguns dias. Mas, sòmente acalentou esta idéia até quando Clare, depois de ter sido ordenada para telefonar para Walter, lhe veio dizer que êle não pudera ser encontrado em nenhum lugar. E ela não lograra uma ligação com Mrs. Harold, a fim de saber onde êle se encontrava.

— Você quer dizer que não tem ninguém em casa? — duas linhas profundas se curvaram em volta dos lábios de Harriet.

— Clare, telefone para aquela tal de Mrs. Frazier que se mudou para a casa vizinha. Descubra se... Mrs. Harold está lá. Não quero que meus empregados andem espalhados por todo o bairro.

Harriet tinha um compromisso com a doutôra Lambert, a psicóloga do sanatário onde a sua mãe estava internada. Conversando sôbre a sua mãe no consultório da dra. Lambert, Harriet deixou de lado o caso de Walter e de Mrs. Harold.

A apatia de sua mãe — um recolhimento para o mundo interior — era um modo de fugir à realidade — explicou a doutôra.

— E' culpa de meu pai! — exclamou Harriet indignada. — Eu tinha catorze anos quando êle nos deixou. Pouco lhe interessava se morrêssemos de fome! A senhora não faz a menor idéia do que passou minha mãe... do que *nós duas* passamos.

A voz da dra. Lambert era estranhamente calma quando ela fêz algumas perguntas sôbre o próprio casamento de Harriet.

— A senhora tem filhos?

— Não — respondeu Harriet, fugindo ao olhar fixo da psicóloga.

— Não há nada hereditário sôbre a doença de sua mãe. Espero que a senhora não tenha nenhum receio.

— Não é isso, — replicou Harriet, com uma aparente relutância e arrependimento. — Mr. Craig não deseja nenhum. Êle... não gosta de crianças.

Clare a estava esperando do lado de fora do consultório.

— Mrs. Frazier não viu Mrs. Harold. Ela disse que não viu ninguém em casa por êsses dias.

— Tomaremos o trem de volta à noite — exclamou decididamente Harriet, com os olhos escuros de raiva. E, frisou ela, não seria necessário telegrafar para Walter sôbre a sua volta inesperada.

Naquela noite, ela olhou tanto para a paisagem que se descortinava, que Clara perguntou:

— Você não está nem um pouquinho preocupada com Walter, está?

— Não — mas havia uma tensão em sua face. Estava apenas pensando que não gosto de trens. Não gosto da sensação de que estou pondo minha vida nas mãos de alguém.



A sua voz era suave e agradável. «O escritório de Mr. Graig, por favor».

A Dra. Lambert poderia ter tido muito trabalho ao analisar a personalidade de Harriet se tivesse ouvido estas palavras.. Mas, Clare estava imersa em seus próprios pensamentos.

— Quando você se casou, sentiu alguma coisa mais ou menos assim?

Uma curiosidade amalgamada com um ligeiro sarcasmo brilhou nos olhos de Harriet.

— Não me diga que você está pensando em casamento! Você não está pensando sèriamente naquele rapaz que trabalha com Walter... ou será que está?

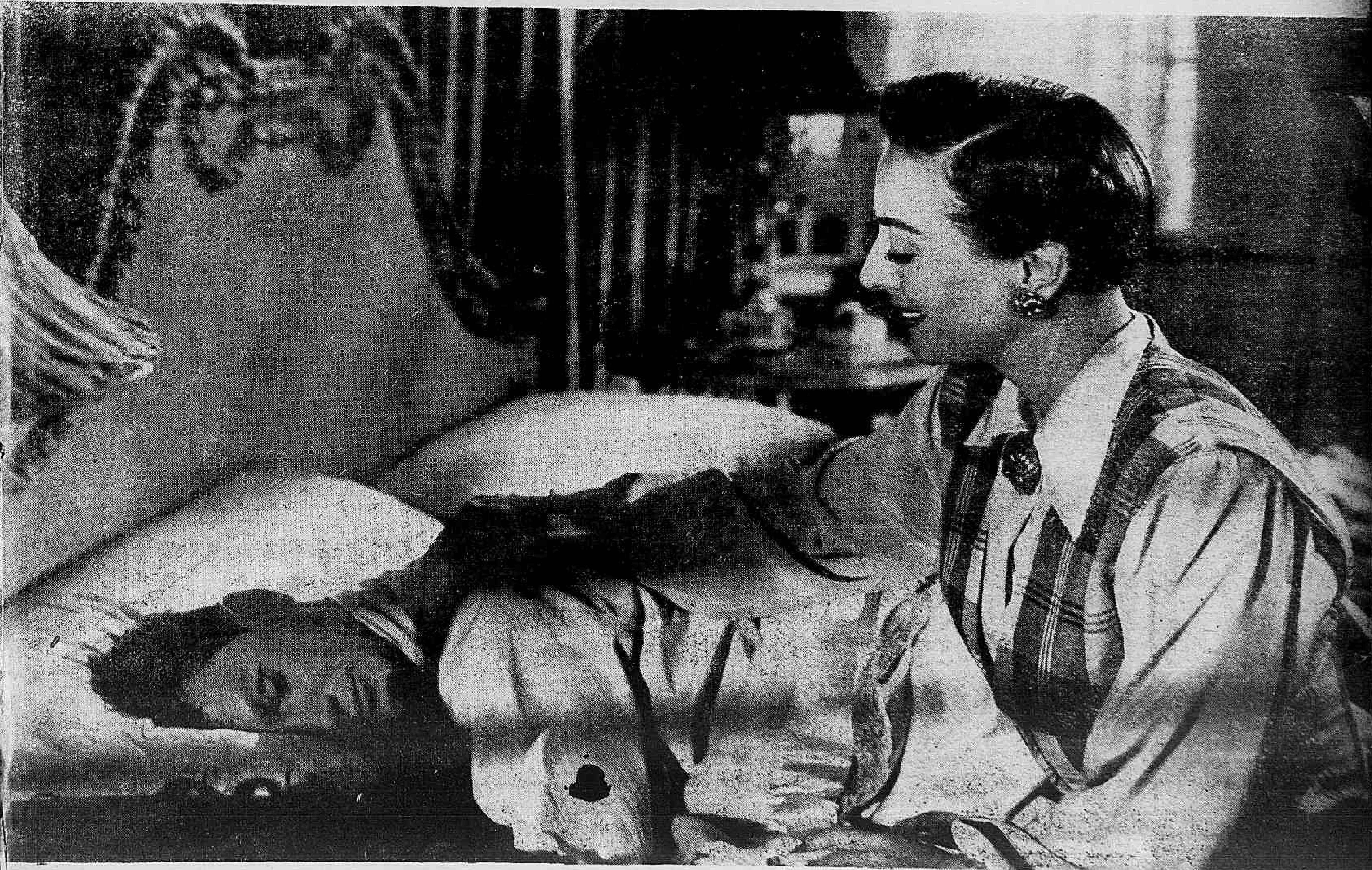
— Sòmente o vi uma vez até agora. Mas tôda moça pensa em casamento... às vêzes.

— Mas elas não deviam agarrar-se à primeira oportunidade que surge — a bôca de Harriet se retorceu. — Uma mulher necessita de segurança. — ela mesma tinha segurança antes de se ter casado. — Tinha um emprêgo. Numa lavanderia, mas esperei até o surgimento de um homem que me poderia dar tudo o que eu desejava, e de quem eu poderia ter certeza.

Harriet não se dava muito a fazer confidências à sua jovem prima, que com ela já resi-

(*Cont. na pág.* 22)

Harriet voltou inesperadamente da visita que fizera a sua mãe e encontrou a casa numa verdadeira bagunça. Walter fizera uma farra.





Durante uma visita de Elvira Pagã a Maristela, vemos da esquerda para a direita, Alberto Atili, Elvira, Moacir Fenelon, Mário Civelli, Alberto Pieralisi. A Maristela tem em preparo dois filmes: «Suzana e o Presidente» e «O Comprador de Fazendas», êste último com Procópio Ferreira



Marisa Prado estreo de «Terra, Sempre pronto para ser lanç colhida para um do Fubá», pro



Na presença de Francisco Zampari, Tônia Carrero assina contrato com a Vera Cruz para filmar «Tico-Tico no Fubá»

CINEMA B

TÔDA a equipe de técnicos da Vera Cruz, que já demonstrou sua capacidade em «Caiçara» e «Painel», solidária com a orientação de produção da companhia, acaba de renovar seus contratos, assegurando assim o alto nível técnico das suas futuras produções. Êsses técnicos são: Lima Barreto, Adolfo Celi e Tom Payne, diretores; Oswald Haffenrichter, editor; Frik Rasmussen, engenheiro de som; Henry C. Fowle, iluminador; Nigel C. Huke e Jacques Dehenzelins, operadores; Edith Gaffenriotter e Rex Ensleiht, contadores; Jerry e Valery Fletcher, maquiladores; Michael Stoll e Owe Schirm, técnico de som.

★

A «Vera Cruz» lançará dentro em breve sua segunda produção: «Terra é Sempre Terra», filme baseado na peça teatral «Paiol Velho», do repertório do Teatro Brasileiro de Comédia, de São Paulo, de autoria de Abílio Pereira de Almeida.

A ação do filme se desenrola numa fazenda de café da velha zona paulista. Focaliza, em primeiro plano, duas paixões em estado primário: é o amor de uma mulher incondicional, sem requintes, pelo seu príncipe encantado; é o amor de um homem pela terra, pela lavoura; e é a fraqueza de outro, já educado no meio civilizado, pouco afeito à luta contra a terra ou pela terra. Muito realismo e muita humanidade.

Elenco: Abílio Pereira de Almeida e Mário Sérgio nos principais papéis masculinos: Marisa Prado e Ruth de Sousa, nos papéis femininos, com a colaboração de Eliane Lage, a «estrêla» de «Caiçara» e «Ângela». Música de Guerra Peixe. Produção de Cavalcanti e direção de Tom Payne.

★

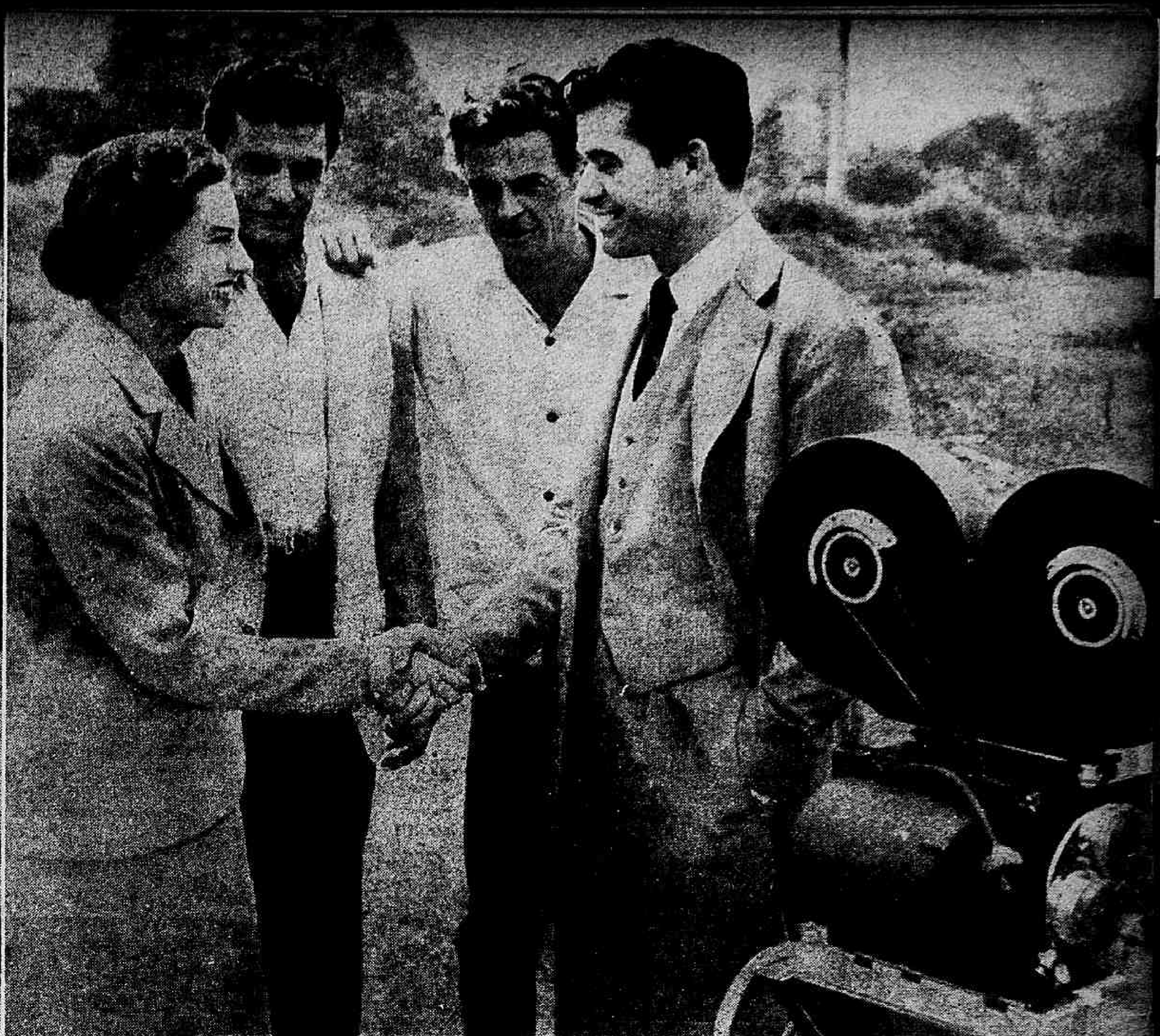
Anselmo Duarte é o novo contratado da Companhia Cinematográfica Vera Cruz. Será o intérprete principal de «Tico-Tico no Fubá», produção de Fernando de Barros e Adolfo Celi, que conta episódios da vida de Zequinha de Abreu, o autor da famosa melodia.

Anselmo Duarte, cedido pela Atlântida, firmou contrato com a «Vera Cruz», nos escritórios da Universal Filmes, no Rio, na presença do seu diretor geral, sr. Michael Bergher.

★

Logo que termine o seu último filme na Atlântida, Anselmo Duarte se transferirá para São Paulo, a fim de cumprir o seu compromisso com a «Vera Cruz». Êle s o Ze-





Prado estreou no cinema como estrêla
rra, Sempre Terra», que se encontra
para ser lançado. Agora foi também es-
para um dos papéis em «Tico-Tico no
ubá», produção da Vera Cruz.

Anselmo Duarte é apresentado a Eliane Lage, no intervalo das filmagens de «Ângela», da Vera Cruz. Segundo informações locais, Anselmo tem conseguido, a exemplo dos artistas estrangeiros que nos visitam, paralisar o trânsito de São Paulo, para dar autógrafos.

BRASILEIRO

em «Caiçara»
pa de renovar
as produções.
swald Haffen-
inador; Nigel
Ensleiht, cor
écnico de som.

ra é Sempre
Brasileiro de

ista. Focaliza,
mulher incon-
em pela terra,
afeita a luta

asculinos: Ma-
Eliane Lage, a
Cavalcânti e

Cruz. Será o
rros e Adolfo
melodia.
z», nos escri-
chael Bergher.

se transferirá
Êle será o Ze-

quinha de Abreu, no filme musical «Tico-Tico no Fubá», cujas primeiras cenas foram rodadas nos últimos dias de fevereiro. Possivelmente parte do filme será feita «in location», em Santa Rita do Passa Quatro, cidade natal do famoso autor da mais conhecida música brasileira.

★

Mais de duzentas composições de Zèquinha de Abreu estão sendo examinadas por Radamés Gnatalli, diretor musical do filme «Tico-Tico no Fubá». Adianta-se que além da conhecida melodia que dá o nome ao filme, Radamés escolheu a valsa «Branca». Mais seis ou oito composições serão apresentadas na película, em suas versões originais ou grandes arranjos.

★

Lima Barreto, depois de «Painel», unanimemente apreciado pela crítica, já produziu um segundo documentário para a «Vera Cruz». «Santuário» conta a história de um prêto que vai visitar a Igreja de Congonhas do Campo. Os profetas do Aleijadinho são o motivo principal do filme e pode ser considerado o melhor documentário já feito sôbre a obra do famoso escultor mineiro.

★

O QUE VAI PELA «MARISTELA»

«Presença de Anita», já se encontra em sua fase final. Terminada a dublagem está sendo gravado o som, devendo ser lançado dentro de poucos dias, em nossos cinemas. Enquanto isso, ultima-se na cidade de Americana «A Carne», da Brasil Art-Filmes. Filmada pela equipe da Maristela, e em seus estúdios no Jaçanã, prossegue ativamente a rodagem da deliciosa comédia «Susana e o Presidente», um argumento de Ruggero Jacobbi e Gino de Sanctis, com diálogos de Alfredo Palácios e Armando Couto.

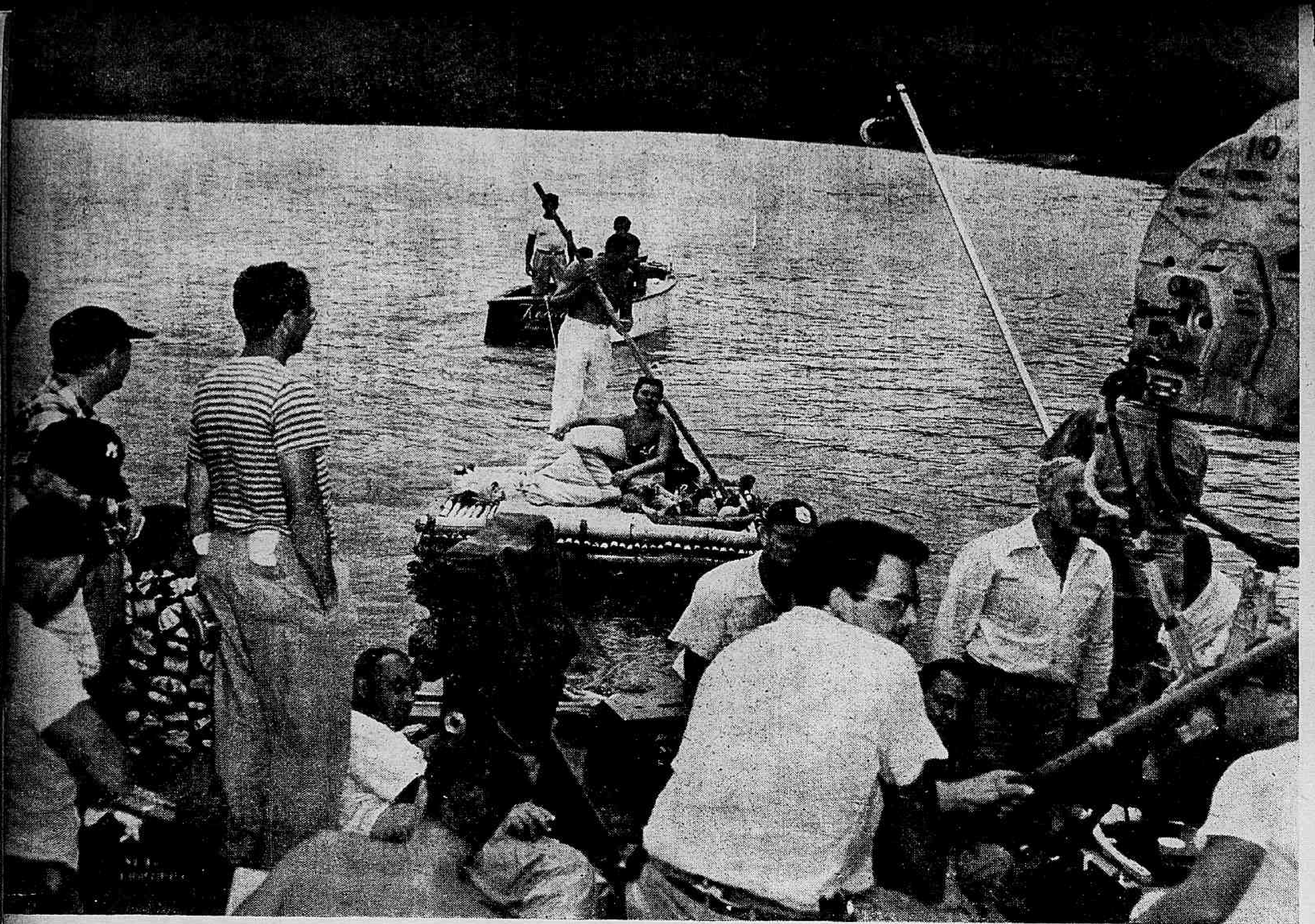
★

Vera Nunes, estrêla exclusiva da Maristela, fará o papel de Susana, mocinha ingênua, que desiludida do amor, trocou a cidadezinha do interior pela cidade grande, onde acaba

(Cont. na pág. 34)



Fernando de Barros e Guilherme de Almeida. Êste último será diretor de diálogos do filme da Vera Cruz, «Tico-Tico no Fubá»



Nada menos que sessenta e seis homens foram mobilizados para as filmagens «in location» no rio Wailua. Na foto vemos Esther Williams e Howard Keel, num «momento amoroso», diante das câmeras. Grande multidão de nativos da ilha se aglomerou por trás das máquinas, enquanto Robert Alton dirigia o espetáculo. Trata-se do filme em tecnicolor «Pagan Love Song», da Metro.



Bette Davis, no momento em que recebia um diploma pela sua soberba performance em «A Malvada». A grande trágica da tela parece que se reabilita desta vez, pois essa película vem sendo calorosamente aplaudido pela crítica. Alguns afirmam que êste é o melhor trabalho de Bette em tôda sua carreira. Veremos. — (Foto 20th Fox)

Notícias

AS datas de comêço das primeiras sete películas de 1951 do programa de Jerry Wald e Norman Krasna acabam de ser anunciadas por êsses produtores. Assim se completa a primeira etapa da hercúlea tarefa de organização da nova unidade independente, que dá início às suas atividades três meses apenas depois de estabelecer seus escritórios nos Estúdios da RKO Radio.

Além dos sete cenários cinematográficos já escritos, ou quase já escritos, Wald e Krasna estão preparando mais outros seis. O contrato estabelecido entre êsses produtores e Howard Hughes estipula a produção de 60 fitas em cinco anos, à razão de 12 por ano. Essas produções e as suas datas de início são as seguintes:

«Cowpoke», argumento original de David Dortor e Claude Stanush; diretor, Robert Parrish; data de início: 15-12-1950.

«The harder they fall», argumento de Alfred Hayes, baseado na novela, do mesmo nome, de Budd Schulberg. Seu diretor será anunciado posteriormente; data de comêço: 2-1-1951.

«Present for Katy». Argumento original e direção de George Beck. Produtor: Stanley Rubin. Data: 1-2-1951.

«Strike e Match», argumento original de Robert Smith. Direção de Mark Robson. Produtor: Harried Parsons. Data: 15-1-51.

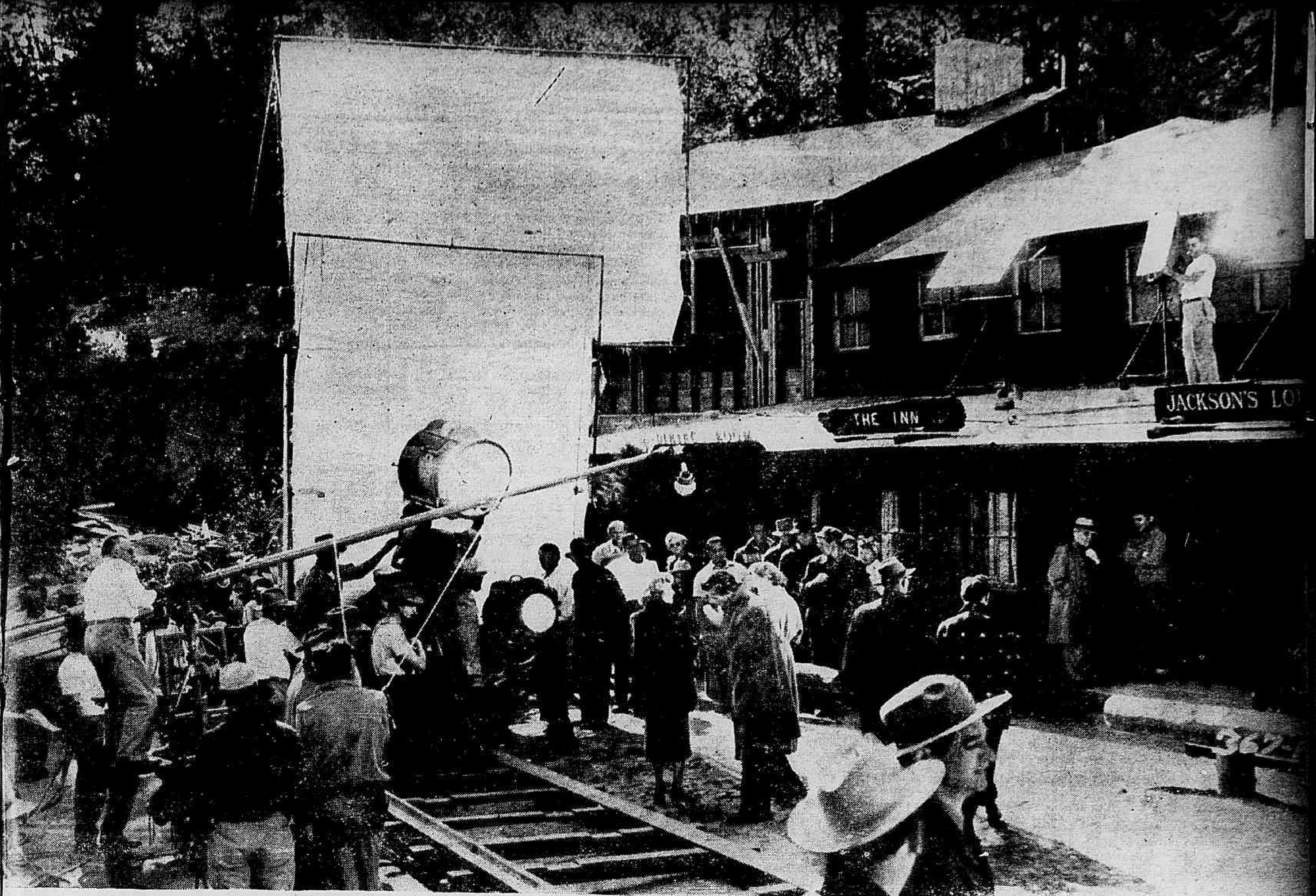
«The Blue Wall». Libreto de Lewis Waltzer. Direção de Curtis Bernhardt. Data: 1-2-1951.

«Size 12». Argumento original de Jerome Weidman. Data de comêço: 1-2-1951.

«Girls Wanted». História original de Lloyd Shearer. Produtor associado: Marc Daniels. Data: 15-2-51.

★

Moira Shearer, a formosa bailarina que tanto sucesso teve no filme «Red Shoes», foi contratada pelo produtor Samuel Goldwyn, para tomar parte na sua próxima película, baseada na vida do poeta



O fotógrafo do estúdio bateu esta chapa poucos minutos antes da câmara começar a rodar uma das cenas da película «Três Segrêdos», da Warner Bros, com Eleanora Parker, Rory Mallinson e Patrícia Neal. Como se vê, um monumental «set» foi construido em poucos dias com tôdas as características necessárias. A ficção se transforma em realidade.

e novelista dinamarquês Hans Christian Anderson, celebrado autor de histórias infantis.

Miss Shearer virá aos Estados Unidos no outono próximo, para fazer a película, durante um período de férias que lhe será concedido pelo Ballet Sadler's Wells.

A interessante bailarina fará o papel de Blanchette, e trabalhará ao lado de um ator cinematográfico de renome, o qual não foi ainda escolhido, entretanto. Samuel Goldwyn anunciou que investirá nessa próxima produção entre três e quatro milhões de dólares. O filme será em tecnicolor.

★

Edward Newhouse, novelista, foi contratado por Samuel Goldwyn para escrever os cenários cinematográficos de «I want you», drama sôbre a mobilização da juventude norte-americana.

Goldwyn adquiriu os direitos do novo livro de New House, «Many are called», de histórias curtas, publicadas na revista New Yorker» e o autor fará as respectivas adaptações para a tela.

★

Tony Martin cantará «There's no Tomorrow», a canção por êle gravada que bateu o recorde de venda nos últimos anos, na sua próxima fita, «Two Tickets to Broadway», grande realização musical em tecnicolor da RKO Radio, em que o notável cantor figurará ao lado da linda Janet Leigh.

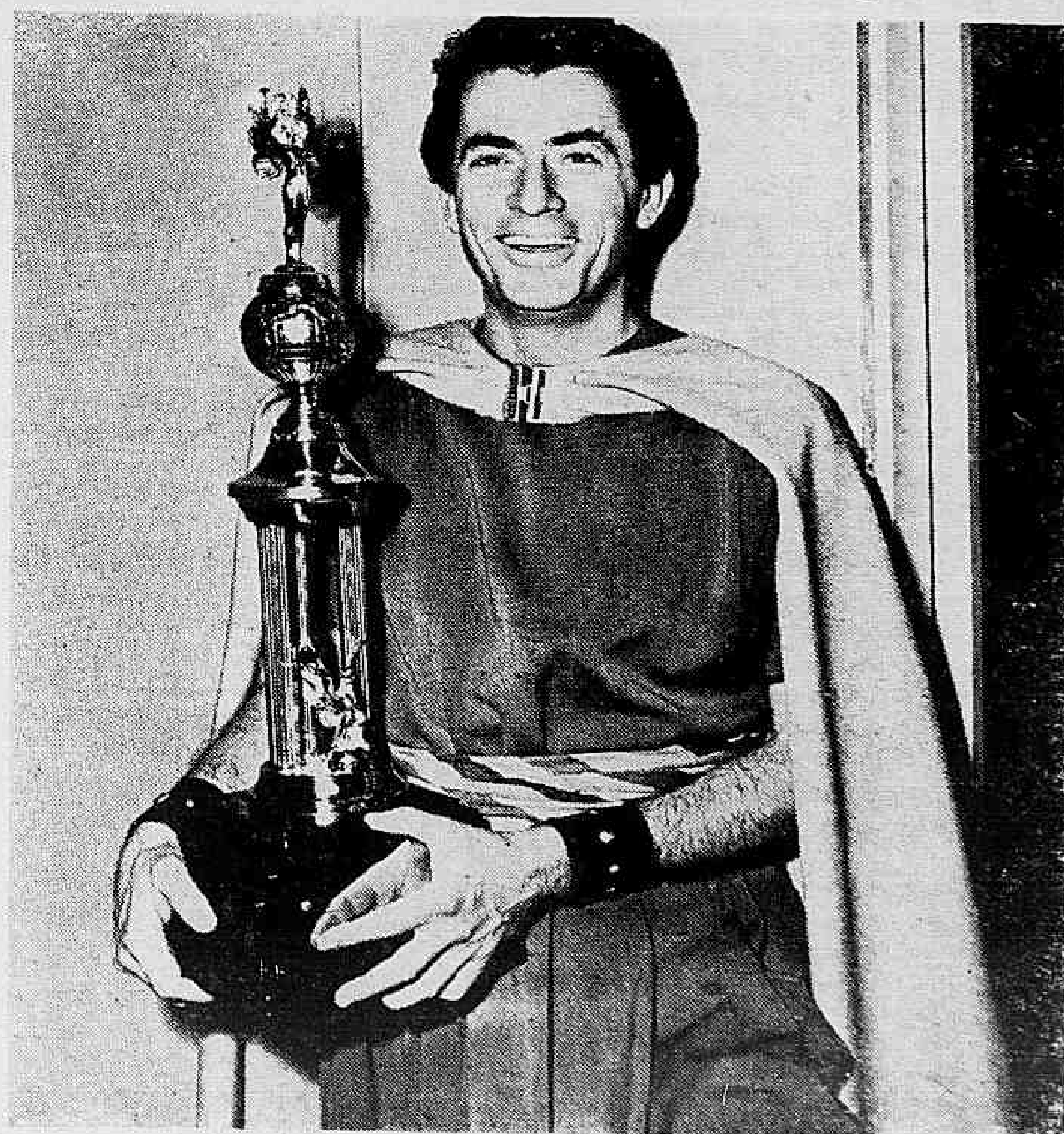
Já passa de um milhão o número de exemplares vendidos dessa popular canção.

★

Jerr Wald e Norman Krasna adquiriram os direitos da novela «Clash by Night», que apresentada, como peça na Broadway, em 1941, com Tallullah Bankead, obteve um enorme sucesso.

Wald e Krasna, que esperam levar o drama à tela em 1951, estão procurando uma estrêla de primeira grandeza para interpretar o principal papel feminino, tendo já decidido dar o principal papel masculino a Robert Ryan. Na estréia da peça, na Broadway, Robert desempenhava um papel menos importante nessa peça. O ator Lee J. Cobb representou o papel principal no palco, mas Robert Ryan atuou tão bem nessa peça que, em conseqüência de seu desempenho, obteve um longo contrato em Hollywood com a RKO Radio.

Como em suas outras produções, Wald e Krasna, segundo anunciam, contratarão para seus filmes os melhores elencos e os melhores diretores, mas não deixarão de dar oportunidade também aoss que se revelem novos talentos — como escritores, atores e diretores.



Gregory Peck foi considerado, por inúmeras revistas e agremiações, como o «ator mais popular de 1950». Na foto, vemo-lo recebendo um troféu que lhe foi conferido pelos Críticos Cinematográficos de Nova York, por seu trabalho em «Twelve O'Clock High». Gregory está filmando atualmente na Fox, «David and Bathseba», e está justamente com os trajes usados nessa fita.

A DOMINADORA

(Cont. da pág. 17)

dia há bastante tempo e cujos contínuos serviços como criada, companheira, secretária e mocinha de recados, Harriet não poderia esquecer tão fàcilmente. Aliás, ela não estava fazendo confidências e simplesmente pensava em voz alta.

Claro que ela amava Walter, assegurou-lhe Harriet friamente.

— Mas a mulher que depende inteiramente do amor de um só homem por ela é uma tôla, o mesmo caso se dando com os homens. Um homem tem amigos e ambições e isto é importante para êle. Mas uma mulher *inteligente* reconhece que a coisa mais preciosa para um homem deve ser a sua espôsa — assim, ela necessita livrá-lo de tudo e de alguém que pudesse mudar isso.

Ela acrescentou, de uma maneira que se poderá denominar de divertida, que agira desta forma para com Walter:

— Mas, você não supõe que eu o deixe entender isso, *supõe*? — a sua expressão se tornara até certo ponto amarga. — E' melhor que o destino de um casamento esteja nas mãos de uma mulher do que nas de qualquer homem. Veja o que aconteceu com minha mãe!

— Mas o seu casamento é tão perfeito! — protestou Clare. — Nunca vi um marido mais devotado a sua espôsa do que Walter com você.

— Sim, êle é bastante devotado a mim — murmurou orgulhosamente Harriet, sorrindo de satisfação.

Quando chegaram a casa, bem cedo na manhã seguinte, o aspecto de Harriet parecia dizer que ela se encontrava disposta a enfrentar qualquer situação.

E a sua fúria recrudesceu quando notou que uma festa fôra dada em seu "living room" — em seu *"living room"!* Cálices haviam sido deixados em todos os lugares. Os cinzeiros estavam transbordando de cinzas. As cadeiras e almofadas haviam sido tiradas de seus lugares usuais e deixadas em meio à desarrumação.

Fichas de pôquer descansavam espalhadas sôbre uma mesa.

— Devo chamar Mrs. Harold? — perguntou Clare, notando a aproximação de uma tormenta.

— Ela não está aqui — redarguiu Harriet. — Ela não ousaria deixar isto da maneira como se encontra.

Enquanto Clare tentava colocar as coisas em seus devidos lugares, ela subiu para o seu quarto. Nisso notou algumas flores num vaso e gritou histèricamente:

— Jogue isso fora!

Walter ainda estava dormindo quando ela entrou em seu quarto. Mexeu-se na cama à medida que ela levantava as venezianas. Abrindo os olhos e notando uma figura conhecida, Walter gritou, à medida que pulava da cama:

— Harriet! E' você mesma? — êle a tomou em seus braços. — Como vai a minha bela esposinha?? E por que não me comunicou que ia voltar antes da data marcada?

— Tentei telefonar ontem à tarde — murmurou ela friamente. — Não havia viv'alma em casa. Onde estava Mrs. Harold todo êsse tempo?

— Oh, eu lhe disse que podia passar o week-end fora de casa. Sabe de uma coisa? Billy Birkmire apareceu na cidade ontem — de volta do Japão — e pensei em passar a noite com êle... fora. Ao invés disso, fizemos aqui uma festa de... pôquer... — a sua exuberância desapareceu quando êle inspirou um respiro de culpa. — Oh, céus! Está muito ruim, lá em baixo? — cônscio da fria expressão da espôsa, êle disse: — Sinto muito, querida. Sei como você se sente...

— Transformando a nossa casa numa barata casa de jogos para uma malta de estranhos! Não é sòmente asquerosa a sua triste idéia, como também uma grande falta de respeito para comigo!

— Que você pensa que aconteceu? Foi apenas um jôgo de pôquer. Não havia ninguém aqui que você não conhecesse... apenas o pessoal.

— Lamento que tenha pensado certas coisas. Alegro-me porque sei que você se divertiu. Não pensei, sinceramente, no quanto você se estava divertindo sem minha pessoa. Oh, não o culpo por ter saudades dos velhos tempos quando era um solteirão como Billy Birkmire...

— Querida, eu não trocaria a minha vida d'agora pela antiga por nada dêste mundo! — Walter tomou-a em seus braços e murmurou em seu ouvido. — Chega de separações. Vamos ficar juntos por algum tempo.

Harriet ainda não dera por terminada a sua desumana campanha. Quando os dois desceram para tomar café, o garotinho de Mrs. Frazier, Dan, correu para pedir emprestado a Walter as histórias em quadrinhos. Parecia que, enquanto ela estava afastada, êle se tornara um verdadeiro admirador de seu marido.

— Aquêle menino está ficando mais *bacana* cada dia que passa! — comentou Walter quando o garôto saiu.

— Como vai a mãe dêle? Encontrei algumas de suas flores na sala.

Walter então lhe contou que um dia travara conhecimento com ela enquanto se encontrava no jardim. Como lhe houvesse dito que o seu rádio estava com um ligeiro defeito, êle se prontificara a consertá-lo e, como recompensa, ela lhe dera aquelas flores.

Walter suspirou aliviado quando Clare trouxe o café:

— Puxa... que sucesso você fêz com Wes Miller, hein?

Os olhos de Clare se incendiaram de prazer e Harriet disse àsperamente ao marido:

— Deixe de brincar com Clare, Walter!

— Não estou brincando! — exclamou Walter. — Êle quer outro encontro.

— E por falar em encontro, — exclamou vivamente Harriet, para mudar de assunto — com qual loura anda Billy Birkmire por êstes dias?

Walter sorriu. Afinal, Billy chegara à cidade sòmente ontem à tarde para umas pequenas férias.

— Êle me tirou do "fundo da mala"! Juntamos tôda a turma velha e então compreendi como tinha sentido falta dêles!

— Pensei que você tivesse dito que em verdade sòmente sentira falta de mim.

— Você sabe, querida, os Tiltons disseram que já não nos vêem há mais de um ano. E os Seguffers... não tem estado aqui por mais de dois anos. Há qualquer coisa errada, Harriet. Sei que nós não os convidamos para nos visitar, mas êles, tampouco, nos convidaram. *Por quê?*

De acôrdo com o seu modo brusco, Harriet pôs a sua xicara na mesa. Era simples — explicou — êles jamais gostaram dela. Não que ela se importasse:

— Qual a mulher que ansiaria por ter aquela turma em sua casa? Veja o que aconteceu ontem à noite. Não quero ver a minha casa transformada numa taberna!

Quando Walter argumentou que a sua mãe sempre se alegrara quando a velha turma frequentava a sua casa, Harriet notou que estava seguindo o canal errado e tentou imediatamente de corrigir o rumo da conversa.

— Não é que eu não goste de dar festas! Por falar nisso, Clare e eu falávamos exatamente sôbre êsse assunto no trem. — Clare fêz uma cara de espanto, que Harriet ignorou: — Pensei que pudéssemos dar uma festa no sábado...

Sem que Walter desse pela coisa, no final de preparação da lista de convidados, não restava um só nome dos componentes da velha turma de Walter. Para a exclusão de cada um dêles Harriet apresentava uma razão e, no final, os convidados eram todos elementos de uma geração que não ocuparia um lugar no mundo por muito tempo. Dentre êles constava Mr. Fenwick, o patrão de Walter.

Harriet argumentou gentilmente:

— Gostaria que êle visse a bela casa que você tem.

Walter quis protestar. Mas...

Harriet não olhou para Clare nos dias seguintes com muitos bons olhos, pois a mocinha estava saindo tôda noite com Wes Miller, engenheiro de som de Walter no laboratório, e até uma criança podia ver que ela estava apaixonadinha por êle.

Uma noite, antes do planejado jantar, novamente Clare saiu com Wes. Harriet, entrando na sala, depois de inspecionar a cozinha, disse a Walter:

— Lamento tê-lo esquecido, querido, mas estava muito ocupada. E Clare ajudou-me tanto na semana passada como uma menina hipnotizada!

— Creio que nos devemos acostumar com isso. Provàvelmente, vamos perdê-la muito brevemente. Quando o amor atinge tipos esquisitos como êsses dois, não perde tempo. Ficarei realmente surpreendido se passar-se uma semana e êle não tiver feito o primeiro pagamento de um par de anéis!

Foi muito mais tarde, depois de Walter e Harriet se terem retirado para os seus aposentos que Clare voltou. Quando notou que os dois haviam entrado, vestiu um casaco e desceu as escadas, ficando do lado de fora da sala onde os dois se encontravam.

Wes se estava inclinando na lareira e Claire o advertiu:

— Tenha cuidado para não derrubar êste vaso, pois significa mais para Clare do que qualquer outra coisa no mundo. Amanhã, infelizmente, terei de ficar em casa e dar uma olhadela nos andamentos na cozinha.

Wes parecia perturbado:

— Você quer dizer que *fica* na cozinha?

Lealmente, Clare explicou que era aquela a única maneira como pagar a Harriet o favor que ela lhe fizera, dando-lhe um lugar em sua casa, desde que os seus pais haviam morrido, no ano anterior.

Foi quando Wes abraçou Clare no sofá que Harriet apareceu, e quando o desajentado casal se levantou, ela exclamou:

— Não sabia que você estava com alguém, Clare.

Desajeitadamente, Clare apresentou Wes e Harriet o cumprimentou delicadamente. Ela explicou que ouvira alguém fechar a porta e descera para pedir a Clare para lhe fazer um chá.

— Mas, não faz mal. *Eu mesma* faço.

— Tenho de ir-me — exclamou Wes constrangidamente.

Havia uma expressão de divertimento nos olhos de Harriet, quando a mocinha voltou.

— Quer dizer... que você está pondo nêle tôdas as suas esperanças — Harriet dispensou a oferta que Clare fêz para preparar-lhe chá. — Isso era apenas uma desculpa. Eu estava mesmo era esperando por você... *depois do que Walter me disse.*

— Que foi que êle disse? — indagou Clare nervosa.

Harriet falou com desdém fastidioso:

— Perguntei a Walter se Wes era um rapaz sério, êle sorriu e respondeu: — *"E se êle não fôr?* Um namôro com um sujeito que sabe agir talvez seja bom para Clare."

— Mas, êle me parece... tão decente!

— Êste é o seu plano — Harriet deu de ombros. — Creio que isso se chama botar você numa atmosfera de segurança. Os homens não são pessoas muito sensiveis, Clare. Discutem tôdas as coisas agradàvelmente satisfeitos — ela virou-se, como se não tivesse ouvido um soluço da moça. — O dia de hoje foi bastante cansativo. Tive de fazer tudo para a festa sòzinha.

Se ela tivesse um grupo de criadas, a festa não poderia ter decorrido superficialmente mais calma.

Havia motivos para pesar também. Por exemplo, Harriet não tinha contado com Mrs. Fenwick — a espôsa do patrão de Walter, uma vigorosa mulher de seus setenta anos — que se dava tão bem com Walter que se retirou imediatamente com êle para palestrar. Desafiando-o para um jôgo de "gin rummy", ela anunciou que gostava de beber enquanto jogava.

Harriet, dirigindo-se para a cozinha para apanhar a garrafa de "brandy", chegou exatamente no momento em que Lottie dizia para Mrs. Harold:

— Pobre Miss Raymond! Está tão infeliz! Creio que ela está tendo dificuldades com o seu namorado.

— Tenho certeza que isto não entristece Mrs. Craig — redarguiu a governanta. Sorriu e exclamou: — Se Miss Raymond saísse de casa ela teria de se avir apenas com *duas* criadas!

Em seu nervosismo, vendo Harriet entrar, Lottie derrubou uma preciosissima xicara, reduzindo-a a pedacinhos.

— Já é de mais para me pedir para agüentar e desculpar a sua estupidez e falta de jeito por mais tempo — disse ela a Lottie. — Prepare

as suas coisas e saia desta casa amanhã de manhã!

Na mesa de jôgo, Walter e Mrs. Fenwick palestravam amigàvelmente, como velhos amigos. Êle não fazia a menor idéia de que fôra pràticamente forçado a dizer o quanto invejava Billy Birkmire, que ia para o Japão no próximo mês.

— Estou interessado no novo sistema de amplificação de som que vamos apresentar ali — confessou Walter. — Em verdade, é uma espécie de criação minha — êle admitiu que nunca saira do pais. — Aliás, quase que nunca estive em lugar algum. Eu não gostaria de deixar Harriet, é claro, mas creio que tenho um ligeiro caso de coçeira de viagem.

— Por que vocês não têm nenhuma criança?

— O médico disse que Harriet não pode conceber.

Harriet, entrando com o "brandy", sorriu artlsticamente:

— Pensei até que já houvesem terminado o jôgo.

Mrs. Fenwick era infensa a insinuações.

— Acabamos de começar um segundo jôgo...

No carro dos Fenwicks, a caminho de casa, Mrs. Fenwick disse que Walter seria um valioso elemento para ser enviado para o Japão. E o espôso, que sempre dera grande valor às observações da espôsa, prometeu enviá-lo para o Jopão antes de haverem chegado a casa.

Harriet ouviu incrèdulamente a história que Walter lhe contou. Tinha um encontro e talvez êste pequeno encontro destruísse tudo o que ela construira tão cuidadosamente, tão inescrupulosamente. Mesmo quando Walter falava jubilosamente de sua sorte, ela se estava preparando para lutar contra essa idéia.

A sua primeira tentativa foi jogar com as suas emoções. Nenhuma promoção, nenhum aumento de salários, ela lhe disse roucamente, valia a separação de ambos. Tinham bastante dinheiro e o que mais poderiam desejar? Então, ela resolveu usar de bravura. Através de lágrimas, anunciou:

— Mas... se você pensa que é certo, quero que vá... Agora vá para o quarto, mude de roupa que eu lhe prepararei um cocktail.

O telefone tilintou. Era Wes. Não, Clare não estava. Sim... ela lhe telefonará logo que voltar.

A moça desceu as escadarias correndo, perguntando esperançosamente se havia sido Wes Miller. Harriet meneou a cabeça:

— Não, querida, era para mim.

No dia seguinte, pôs em ação os seus planos. Primeiro, telefonando para Walter e lhe convidando para almoçar juntos, foi informada de que êle ia ficar no laboratório por várias horas.

Então ela se dirigiu ao escritório particular de Mr. Fenwick, parecendo tremer de receio. Não queria contar uma história ao patrão de Walter e isto a tornava nervosa. Afinal, explicou que Walter não devia manejar com nenhum dinheiro da firma enquanto se encontrasse no Japão. Não é que êle fôsse desonesto, mas quando ela não estava por perto êle se misturava com más companhias e começava a beber, perdendo a noção de tôdas as coisas.

No passado, êle perdera no jôgo todos os latifúndios que a sua mãe lhe deixara; Mrs. Harold lhe dissera isso. E havia certas coisas que ela não podia repetir. E' claro que Mr. Fenwick era quem devia decidir se Walter era digno do risco. Mas ela, avisando-o, simplesmente cumprira o seu dever. Antes de sair, ela fêz com que Mr. Fenwick prometesse nada dizer a Walter de sua visita.

Walter sentiu o impacto daquela conversação mais tarde, quando entrou num bar em companhia de Billy para tomar um drink.

— Não compreendo — murmurou êle morosamente. — Êle dava a impressão de que me estava fazendo um favor, anunciando que a viagem foi adiada indefinidamente.

— Quem quer que tenha sido, deve ter vindo entre a hora do almôço e três horas da tarde — observou Billy — pois no almôço Mr. Fenwick estivera gabando-se em como a sua senhora tinha sido esperta em escolher Walter para a viagem.

Walter pôs o seu copo no balão e, levantando-se, exclamou:

— Ela vai ter um visitante.

Foi um pouquinho antes do jantar, que Harriet encontrou o garôto Billy Frazer no "hall", esperando por Walter para lhe pedir que consertasse o seu rádio. — Mr. Craig — disse Harriet àsperamente — não chegaria a casa tão cedo. — então, dirigindo-se para a cozinha, ela repreendeu Mrs. Harold por ter deixado o pequeno entrar.

— Esta não é a sua casa!

— O que eu esqueço sempre é que esta casa não pertence mais a Mr. Craig — a paciência de Mrs. Harold terminou nesse instante. — Dêste momento em diante não sou mais sua empregada.

Walter não voltou muito disposto. Em verdade, êle estivera bebendo e explicou à sua alegre espôsa que tivera uma conferência com Mr. Fenwick e Mr. Fenwick lhe informara que êle não mais ia ser enviado para o Japão.

Antes que Harriet pudesse responder, Mrs. Harold, vestida para sair, apareceu para se despedir. Quando Walter se espantou, Mrs. Harold simplesmente retrucou:

— Pergunte a Mrs. Craig!

Ela fizera tudo que podia para evitar que ela se despedisse, protestou Harriet, logo após Mrs. Harold ter saido. Walter estava zangado. Virando-se para Clare, perguntou bruscamente:

— Por que você não telefonou para Wes Miller? Êle deixou o número do telefone.

Harriet explicou que talvez Mrs. Harold tivesse esquecido de dar o recado.

Walter estava zangado de mais para acreditar em Harriet. Ao contrário, um sorriso apareceu em seu rosto:

— Wes me disse que havia falado com *você!* — Walter virou-se novamente para Clare. — Pensei que você gostasse dêle. Êle tinha boas intenções.

— Harriet me contou o que verdadeiramente Wes pensa a meu respeito! — soluçando, Clare deixou a sala.

— Que disse você a ela? — indagou Walter quietamente.

— Deus é quem sabe... disse-lhe que o encorajasse! — Harriet assumiu uma atitude de angélica inocência. — Certamente, Clare andara sonhando coisas.

Um ódio latente se debuxou selvagemente nos olhos de Walter.

— Você mentiu para Clare e está mentindo agorinha mesmo. Você mentiu quando me contou que Mrs. Harold estava com dor de cabeça. Mentiu quando me telefonou hoje de manhã para ver se o campo estava aberto. Você foi uma mulher valente ao aceitar um homem como eu. Velho Beberrão Craig, o homem que não consegue viver sem álcool. "Craig Dedos de Sêda", o homem a quem não se pode confiar dinheiro...

Não adiantava negar e, finalmente, Harriet admitiu que se havia avistado com Mr. Fenwick, mas apenas para se certificar de que Walter estaria em boas mãos. Ela pôs o rosto nas mãos e os seus ombros tremeram enquanto hipòcritamente soluçava.

Rudemente, êle arrancou as mãos que cobriam a sua face e notou que os seus olhos estavam secos.

— De quantas maneiras você pode mentir, Harriet? E de onde lhe veio a idéia de pensar que é tão superior a ponto de poder dirigir a vida de um homem?

— Bem, e de que é que você se queixa? Você teve o seu quinhão da pechincha.

— Então é essa a opinião que você tem de casamento?

A campainha tocou. Era o pequeno Billy Frazier perguntando se êle podia consertar o seu rádio. Walter disse que iria num minuto. Virando-se para Harriet informou-lhe que voltaria dentro de alguns instantes.

Antes de Walter voltar, Clare saiu. Não mais humilhada, mas de cabeça erguida, informou a Harriet que ia procurar Wes.



À VENDA
em tôdas as Bancas



Harriet havia subido quando êle voltou. Embora Walter tivesse bebido mais, estava em completa posse de suas faculdades. Propositadamente apanhou o valiosíssimo vaso de Harriet e o quebrou na lareira.

Quebrou-o porque não gostava dêle, explicou Walter calmamente, quando ela desceu as escadas correndo. Walter acabava de passar uma hora numa casa onde se respirava amizade e isto lhe tinha restaurado a perspectiva.

— Eu não gosto de meu quinhão da pechincha. Para mim já é de mais.

Segurando os pedaços do vaso, Harriet usou a sua última tática. Informou a Walter que o médico lhe dissera que ela podia ter filhos, mas quando êle tentou telefonar para o médico ela lhe arrancou o telefone da mão. Não, exclamou ela perdendo o contrôle, o médico não lhe dissera coisissima alguma. Ninguém lhe precisava dizer coisa alguma. Ela poderia ter tido filhos quando bem quisesse. De qual maneira poderia uma mulher se proteger e se livrar de ter filhos senão através da desonestidade, do adultério? Ela descobrira tudo o que tinha a descobrir sôbre o *amor*, no dia em que seu pai saira de casa. Ela e sua mãe haviam quase morrido de fome.

— E isso o que vocês homens chamam de *amor!*

Walter fitou os seus olhos nela friamente e sem nenhuma simpatia nem piedade:

— Creio que é essa a primeira vez que você me diz a verdade. Compreendo-o agora e me apiedo de você. Mas não posso deixar que você destrua a minha vida. Mandarei apanhar as minhas coisas amanhã de manhã.

— Mas você voltará. Você não me esquecerá tão fàcilmente.

Walter parou no umbral da porta:

— Eu não disse que a posso esquecer. Mas eu não voltarei.

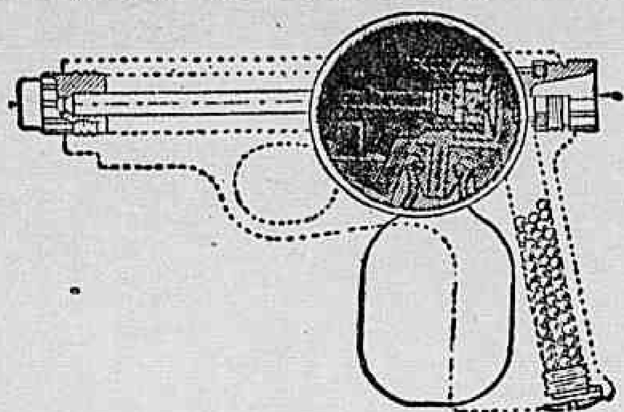
Um momento depois de êle haver saido, lágrimas correram pela face de Harriet. Então, ela subiu as escadas erectamente...

(*Tradução e adaptação de Antônio Rocha*)

Pistola "PNEUMATIR"

PATENTEADA EM TODOS OS PAÍSES

A Pistola metralhadora atira 500 balins sem necessidade de carregar. Ar comprimido por novo processo



Corte da pistola

Permite o tiro ao alvo no interior de sua residência. Alcance regulável para 10, 20 e 30 metros. A pistola mais perfeita que se construiu no gênero. Não tem peças móveis, nem molas. Garantida contra qualquer defeito. Fabricada em várias côres

FABRICADA POR

ALFREDO ELLIS & CIA. LTDA.

RUA URUGUAIANA, 104

Tel. 43-0766 — RIO

Estojo contendo uma pistola, uma desentupidor, uma alça de mira 2.000 balins com 2 membranas sobressalentes

Cr$ 250.00 pelo REEMBOLSO POSTAL

Caixa de munição com 2.000 balins, c/2 membranas sobressalentes

Cr$ 15,00

Peço-lhes enviar-me pelo Serviço de REEMBÔLSO POSTAL sem aumento de despesa, a PISTOLA «PNEUMA TIR», conforme indicação abaixo:

Nome ....

Enderêço ....

Cidade .... Estado ....

Senhora!

Na toilette diária nunca deve ser esquecida a sua **HIGIENE ÍNTIMA**

Metrolina

ANTISSÉPTICO
ADSTRINGENTE
BACTERICIDA

EM DEFESA DE ROBERT

(Cont. da pág. 5)

Quando Mitchum falou na probabilidade de ser sentenciado, êles argumentaram quase que em unissono:

— Você tem o melhor advogado do Estado. Será uma sopa para êle, Mitchum. Você se livrará.

— Eu não me quero livrar. Em verdade, eu desejo pagar — respondeu êle sêcamente, embora os seus olhos continuassem parados e a sua fisionomia impassivel. — Ainda tenho o desejo de viver o resto de meus dias de cabeça erguida. Os jornais dizem que serei alvo de tratamento especial. Aviso-lhes que não desejo isso.

Os magnatas da RKO se inflamaram e todos começaram a falar ao mesmo tempo. Finalmente, Howard Hughes, um grande amigo e admirador de Mitchum, exigiu silêncio e deu a opinião definitiva:

— Êle está certo.

— E o filme? — indagou um dos "bigshots".

— O filme que vá para o inferno — exclamou Hughes. — Será terminado quando êle voltar da prisão, recomeçado ou jogado na lata de lixo antes de seu regresso. O auto-respeito de um homem é mais importante do que qualquer pelicula.

Desde então Mitchum ainda vê reforçado o seu direito de continuar de cabeça erguida. Êle reconhece que errou, mas sente dentro de si a satisfação de haver pago pelo seu crime contra a sociedade. Hoje, é o único homem dentro dos estúdios da RKO que ousa dizer "não" a Hughes.

Robert Mitchum é possuidor também de uma grande humildade, da qual faz uso quando necessário. E' desta maneira que age quando as circunstâncias exigem, principalmente em se tratando de sua espôsa e de sua familia. Mas, apesar de saber reconhecer os seus erros e ter a coragem de pedir desculpas, não resta a menor dúvida de que é êle quem tem a palavra definitiva em sua familia e o sujeito a quem compete tomar decisões.

Depois de sua mais amarga experiência diante da vida, Bob se tornou um individuo mais interessado em sua vida particular. Agora, por exemplo, está pensando em comprar um lote adjacente ao terreno onde construiu a sua casa. Apenas não tem o dinheiro suficiente, mas tem uma garantia de tempo indeterminada. A "*garantia*" está em cima de uma mesa em sua sala de visitas e é um enorme saxofone dourado.

Quando os seus garotos notam que há alguém olhando para o terreno muito interessado, vem correndo avisar ao papai Mitchum. Êste apanha o saxofone e sopra até ficar com a face rubra pelo esfôrço.

(Cont. na pág. 26)

MÚSICA

(Cont. da pág. 33)

oficiais, como Violeta Coelho Neto de Freitas — Maria Sá Earp — Maria Henriques — Paulo Fortes — Silvio Vieira — Guilherme Damiano, bem como a outros de Belo Horizonte, como Lia Salgado e João Décimo Bréscia, e de São Paulo, como Mary Gazzi — Agnes Ayres — Paulo Ansaldi — Américo Basso — Ondino Righi, já convidados e, também, o tenor Assis Pacheco, ora atuando com grande sucesso nos teatros da Itália.

A parte cênica está merecendo as atenções da Comissão Artística e Cultural do Teatro, tendo sido convidados como «regisseus» os srs. George Werner Hammer e Carlos Marchese, e, para colaborar nas óperas francesas, a célebre artista Solânge Petit Renaux, tendo as óperas nacionais a valiosa colaboração dos conhecimentos cênicos e artísticos dos consagrados artistas brasileiros Carmen Gomes e Reis e Silva.

A montagem cênica das óperas será supervisada pelo cenotécnico Mário Conde. Para regentes, foram convidados grandes nomes, como Oliviere de Fabrittis, do Teatro da ópera de Roma; Eduardo Guarniéri, atualmente em «tournée» de concêrtos na Europa; Nino Stinco, atualmente diretor do Teatro «Sodré», de Montevidéu, e Eleazar de Carvalho, que estará brevemente de regresso da sua vitoriosa excursão, sendo certa a inclusão de, pelo menos, dois regentes dessa categoria.

O repertório, como já foi anunciado, será escolhido entre «Nozze di Figaro», de Mozart; «La Serva Padrona», de Pergolesi; «Orfeu», de Gluck «Falstaff», de Verdi; «Soror Angélica» e «Gianni Schicchi», de Puccini; «Boris Goudonow», de Moussorgsky; «Mignon», de Thomas, além de «reprises» de óperas mais conhecidas, como «Guarani», «Lo Schiavo», «Aida», «Thais», «Carmen», «Rigoleto» e outras. A inauguração da Temporada está marcada para a última semana do mês em curso. ★ **MÚSICA BRASILEIRA SOB A REGÊNCIA DE SIR MALCOLM SARGENT:** — No Hall do Festival de Londres, a ser inaugurado em dezembro próximo, apresentar-se-á em um importante concêrto de música brasileira o notável maestro Malcolm Sargent, que realizou no ano passado uma excursão pela América Latina.

A Orquestra Sinfônica da BBC de Londres, deverá ser incluida, assim como um violinista e um pianista de renome. Aguarda-se também a presença do compositor brasileiro Villa-Lobos, para conduzir os seus próprios trabalhos. O concêrto terá o patrocínio da Sociedade Anglo-Brasileira. ★ **ARTISTAS ESPANHÓIS EM EXCURSÃO:** — Partiram de Barcelona, pelo «Cabo de Hornos», rumo a América do Sul, os artistas espanhóis Carmem Morell e Pepe Blanco, que deverão apresentar-se em várias repúblicas sul-americanas, inclusive, provàvelmente, no Brasil.





VINGANÇA DE EL MOCHO

QUANDO a ambição do ouro trouxe os conquistadores espanhóis ao Novo Mundo, os grupos de bandidos tiveram tal aumento que poderiam êstes travar armas com os militares. Nenhuma cidade ou vilarejo ficava impune nessa era de terror...

Cavalgando furiosamente sôbre o povo de uma colônia na costa do nordeste da América do Sul, vamos encontrar o bandido terrorista El Mocho. Alguém que possui boas razões para lembrar-se de El Mocho é o aventureiro Francisco Suarez, pois vira seu pai ser assassinado pelo chefe dos bandidos há cêrca de um mês, tendo então jurado vingar-se. Fazendo-se passar por Don Careless, êle procura proteger o povo contra os assassinos.

El Mocho, que fôra «morto» para benefício do povo, é agora o ajudante de ordens, sob o suposto nome de Tenente Hernandez, do poderoso Coronel Luiz Corral. O governador da colônia, Don Rafael Moreno está completamente influenciado pelo Coronel, tendo declarado sua intenção de passar sua autoridade às mãos de Corral, logo que êste se case com sua filha, a encantadora Marie. Nessa ocasião, El Mocho tornar-se-á coronel e chefe das fôrças armadas.

Certa noite, numa estalagem à beira da estrada, Don Careless encontra o Coronel quando êste procura tirar vantagem desleal de um jovem colonista francês chamado André Le Blanc. Don Careless salva a vida do jovem e desafia Corral para bater-se num duelo em lugar reservado. Isto é um rude golpe para a reputação do Coronel que é tido como o mais hábil esgrimista da colônia, porém resolve fazer uso de Careless que vinha gabando-se de suas conquistas amorosas...

Corral pretende casar-se com sua amante, a Condessa Yvone. Êle pen-

(Cont. na pág. 26)

(The Avengers)

PERSONAGENS

Don Crlos ...... Fco. Suarez	**John Carrol**
Maria Moreno .	**Adele Mara**
Ivone	**Mona Marris**
Cel. Luís Corral	**Roberto Airaldi**
Don Rafael	**Jorge Villoldo**
El Mocho ...... Hernandez	**Vicente Pádula**
Carmencita	**Vivian Ray**
Pamela	**Cecile Lezard**
Sancho	**Juan Olaguivel**
Esgrimista	**Eduardo Gardere** **Angel Palácios**

e apresentando:

Andre Le Blanc **Fernando Lamas**

Diretor e Produtor: John Auer

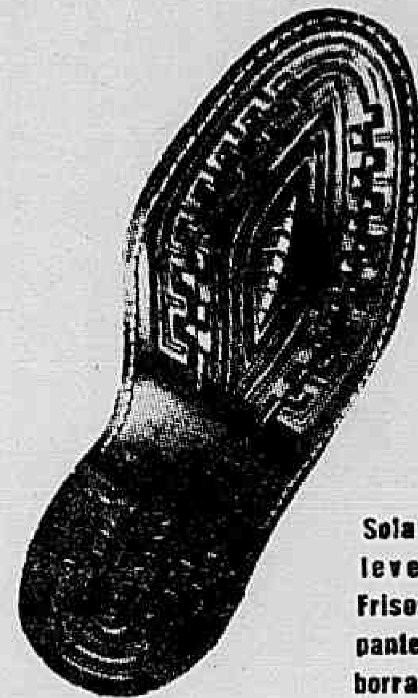


Veja que magnifico calçado é DIPLOMATA!



Através do mais original e vantajoso plano de vendas que até hoje foi oferecido ao público, apresentamos, pela primeira vez no Reembolso Postal, êste magnífico calçado super-luxo, para cavalheiros e rapazes. Nunca houve uma oferta tão vantajosa como esta! DIPLOMATA é distinto, é forte, é elegante! Veja e compare as excepcionais qualidades do calçado número um no momento:

- ★ *Em cromo de superior qualidade.*
- ★ *Costurado com especial fio duplo de linho.*
- ★ *Elegante desenho "bostok", broqueado.*
- ★ *Inteiramente forrado com especial couro macio.*
- ★ *Fôrma anatômica tècnicamente desenhada para proporcionar o máximo confôrto aos pés.*
- ★ *Ilhoses para a proteção dos furos e cordões.*
- ★ *Tamanhos de 33 a 44.*
- ★ *Côres: marrom claro, marrom escuro e preto.*



Sola de borracha leve e macia. Frisos antiderrapantes, salto de borracha.

REEMBOLSO POSTAL
PORTE GRÁTIS

CALÇADOS *Inca*

À INCA Indústria Nacional de Calçados Ltda.
RUA BARÃO DO BOM RETIRO, 1104 — RIO
Nome ....
Cidade .... *Estado* ....
Rua .... *N.º* ....
Quantidade de pares ....
N.º .... Côr ....
Aceitamos agentes em todo o país
REEMBÔLSO REVISTA DA SEMANA



ECONOMIA ACUMULADA

Todos os compradores de calçados DIPLOMATA participam do nosso sensacional e rendoso plano "Economia Acumulada". Não é concurso, nem sorteio. É formidável, porque todo o mundo ganha! Faça o seu pedido hoje.

VINGANÇA DE EL MOCHO

(Cont. da pág. 25)

sa que, se Maria o desprezar por outro, Don Moreno o fará de qualquer maneira regente da colônia, e ainda ganhará Yvone na transação. Dessa forma, êle aposta com o aventureiro de que Don Careless deve manter sua gabolice ganhando o coração de Maria, ou tornar-se seu criado particular.

Com pequeno trabalho Careless consegue conquistar o coração jovem, ficando igualmente apaixonado por ela. Mas, o seu sentimento de honra sufoca suas intenções e êle deixa que Corral saiba que êle não mais fará a côrte à Maria. O ciúme incita Yvone a revelar a natureza do seu ódio à Maria que, imediatamente, informa seu pai de que não se casará com o Coronel Corral.

Don Rafael recusa a aceitar as informações de Corral e, nesse meio tempo, Corral com a ajuda de El Mocho e seus sequazes, promove um golpe e apodera-se do contrôle dos destinos governamentais. O governador é morto, porém Maria foge ajudada pela arrependida Yvone e vai para os braços de Don Careless. Êste e Le Blanc conseguem subjugar as tropas de Corral, e quando termina o tiroteio que se trava o Coronel e El Mocho estão mortos!

EM DEFESA DE ROBERT

(Cont. da pág. 24)

Há pouco tempo uma senhora interessada na compra da terra exclamou espantada ao ouvir o saxofone:

— Minha Nossa Senhora! Será que isso é assim o dia inteiro?

Do quarto de Bob Mitchum veio uma voz familiar e sardônica:

— Pode ficar certa que sim, Madame. Pode ficar certa que sim!

Assim é Robert Mitchum na intimidade. Aqui êle não tem nenhum receio em demonstrar a sua verdadeira personalidade. Um homem-mistério para muitos, mas certamente êle não é nenhum mistério para a sua espôsa Dorothy, para os seus dois filhos, nem para as dezenas de crianças da vizinhança que, diàriamente, pulam a cêrca de sua casa para tomar um banho em sua piscina...

DESENHO ANIMADO

(Cont. da pág. 6)

Depois que se dedicou à longa metragem, a partir de «Branca de Neve e os sete anões» até à recente «Gata Borralheira» (Cinderella), Walt Disney caminhou vertical e horizontalmente para a decadência. O homem virou «produtor», nada mais realizou de artisticamente digno, «enricou» e «maluqueceu», né? Nunca mais um desenhozinho duro, xilográfico, áspero de fato, né? Nunca mais tons delicados e traçados com inteligência, né? Jamais o gráfico sádico e feroz de Dubout, jamais o rococó satírico e finíssimo de Vano e Grinberg, né? Como escreveu há algum tempo na revista «Cinema» Glauco Viazzi: «O exame dos melhores desenhos animados criados em condições de independência com respeito a Disney (isto é, fora da **órbita** de influência de Disney) demonstra uma coisa a nosso ver essencial: demonstra que o desenho animado é, mais do que um cinema interpretado por atores, uma arte profundamente nacional. O desenho animado floresce ali onde os artistas refutam o cosmopolitismo de marca disneyana para buscar abrigo nas raízes da cultura nacional». Fato objetivo que nenhum disneyano pode refutar sem caír no ridículo ou na grosseria dos míopes mentais.

Provas do que dizemos, né? Vocês querem provas? Pois, olhem, o fenômeno foi observado recentemente. Na Tchecoslováquia, por exemplo, artistas como Trnka, Hoffman, Müller, Brdecka e Kandl renunciaram à imitação disneyana e tirando

CONFISSÃO

(Cont. da pág. 11)

lhosas", de Júlio Verne. Fiz as "Vinte mil léguas submarinas". Olavo de Barros deu-me o impulso do seu entusiasmo. João Caspary fêz uma reportagem fantástica, descendo ao fundo do mar, em plena baía de Guanabara, antes do lançamento. Brandão Filho defendeu-me num espléndido papel cômico...

As "Viagens Maravilhosas" ficaram interrompidas nas "Vinte mil léguas submarinas". Fiz, então, "As mulheres de bronze", depois, "Remorso", "O caso do outro", "Trinta segundos sôbre Tóquio", "Sempre em meu coração", "Os fidalgos da Casa Mourisca", "Promessa" e... que sei mais? Fiz tantas novelas.

Alguém me perguntou, certa vez, qual o conceito que eu fazia da novela. Ora, positivamente, não há coisa mais sem conceito... Novela é um trabalho que se escreve por inspiração do momento, com a preocupação de despertar interêsse, para um público desconhecido, ávido de emoções novas e diferentes... e que, às vêzes, se escreve também sem inspiração, por falta de dinheiro, como acontece a muito escritor. Já sei que está no íntimo, perguntando se o mesmo também ocorreu a mim... E' exato... Muitas novelas escrevi para ganhar dinheiro. Mas fiz muita coisa espontâneamente, por gôsto, por convicção, por devaneio, por capricho literário. Êsses trabalhos, na maioria dos casos, estão ainda guardados.. Os patrocinadores gostam mais das tragédias, dos gritinhos histéricos, das lágrimas, dos crimes tenebrosos. E nós, que escrevemos novelas, devemos ter sempre um grande repertório para todos os gostos.

os seus temas, o estilo e a substância da verdadeira tradição e da verdadeira cultura tchecoslovaca, elevaram o desenho-animado a um plano maravilhoso (na forma) e feita uma arte especificamente nacional e profundamente popular (no fundo). Mas a decadência de Disney ocorre no próprio país. Sim, na América mesma, nos Estados Unidos onde artistas como Fred Quimby e Tex Avery (um pouco sádicos, é verdade, e um tanto cosmopolitas, mas bem mais «ianques» — no que o têrmo importa de mais nacional, de menos «imperial», de mais democrático), autores dos modernos desenhos de Tom & Jerry (O Gato e o Rato, popularíssimos nestas bandas ocidentais), demonstram profunda originalidade, sem qualquer toque de influência disneyana. E o criador do incrível **Buggs Bunny**, o coelho, certamente até agora o cinepintor que melhor compreendeu as possibilidades humorísticas de um **tipo** de desenho-animado.

O desenho-animado começou como uma arte para adultos e crianças. Em algum tempo chegou a se tornar «complemento de programa» para crianças. Mais tarde caminhou para o lado oposto: arte sòmente para adultos, sem qualquer participação da criança na descoberta do seu mistério (Fantasia» e «Dois sujeitos fabulosos», de Walt Disney, por exemplo). Mas o verdadeiro caminho do desenho-animado é congregar multidões de qualquer idade na apreciação da arte e da diversão. Os discípulos de Disney bem que se podem livrar da influência decadentista do **gênio**!... A libertação dos criadores de Buggs Bunny e Tom & Jerry já constitui meio-caminho andado, né? A libertação mais completa, aqui no Ocidente, porém, pertence a McLaren, o canadense, e Jorgen Roots, o dinamarquês («Opus 1»). Interessa, né?

NOTA — O material fotográfico para ilustrar êste artigo foi gentilmente cedido pelas agências locais da RKO Radio Films, Metro-Goldwyn-Mayer e Warner Bros. South Films Inc.

QUANDO CANTA...

(Cont. da pág. 9)

maram o embaraçoso episódio num acidentezinho sem importância, que poderia ter acontecido a qualquer um. E, êle acrescentou, desta maneira, não tivera de comer a sua detestável tapioca. — Gostaria muito mais de saborear uma de suas "ice cream sodas".

— Há uma sorveteria na cidade...

Êle lhe ofereceu o braço, dizendo:

— Faremos um brinde ao nosso encontro... então...

Patti estava mergulhada em êxtase, embora o seu prazer houvesse de ter uma curta duração, pois Valerie, tinha vindo também para a varanda e com uma casualidade estudada, quando Patti lhe anunciou que iam tomar uma soda, disse deliciosamente:

— Adoraria tomar uma! — e tomando o outro braço de Demi, perguntou a Patti sucintamente: — Querida, não é um pouquinho tarde para você?

— Não sei o que você quer dizer! — retorquiu Patti no mesmo tom de voz.

Mas, como se o próprio destino estivesse conspirando contra ela, mamãe veio para a varanda e lhe disse gentilmente:

— Más noticias, querida. Hora de ir para a cama — e, como se aquilo, por si só, não fôsse uma tremenda humilhação, virou-se para Demi, falando de adulto para adulto: — Meninas em crescimento, você sabe...

— Como lamento! — murmurou Valerie, com uma simpatia espúria.

Dentro do hotel, Patti soergueu uma face rebelde para os seus pais.

— Mas êle me convidou primeiro!

— Êle é tão velho para você! — papai lembrou-lhe. — Você ainda tem muito tempo.

Isto aconteceu à noite. E Patti não pensara que no dia seguinte seria muito pior. Êste pensamento lhe ocorreu quando se decidiu a acompanhar os outros jovens e ir para a praia. Estranhamente, embora sempre se houvesse preocupado e se sentisse deprimida por suas outras roupas, Patti nunca deu um segundo pensamento às suas roupas de banho. Pelo menos, até que se juntou aos rapazes e moças mais velhos e um jovem chamado Eddie Gavin gritou:

— Dêem uma espiada naquele saco de batatas! Onde você conseguiu êste maiô?

Com as gargalhadas da turma ecoando em seus ouvidos, Patti juntou-se a Melba e seus irmãos menores na parte da praia das crianças. Sentando-se pesadamente junto à sua irmã lamentou miseràvelmente: "Olha só para mim."

Melba olhou para o seu maiô amorfo e sem nenhuma compaixão:

— Terrível! Se eu você fôsse não deixaria ninguém me ver dentro disso...

Patti suspirou sùbitamente e arregalou os olhos. Em sua direção, de braços dados, vinham caminhando pela praia Demi e Valerie. Agarrou o braço de Melba, rogando-lhe desesperadamente:

— Depressa! Cubra-me com areia. Enterre-me!

Os garotos estavam cavando um buraco na areia e ela se meteu dentro dêle, enquanto Melba apressadamente a cobria. Melba terminou o trabalho botando o balde em sua cabeça, exatamente quando Demi e Valerie apareciam. Demi parou para admirar outra obra de arquitetura que os garotos estavam edificando e perguntou: "Morro do Castelo?"

— Não — respondeu Richy. — O Castelo Robinson.

— Oh, você é o irmão de Patti Robinson? — perguntou Demi. — Onde é que ela está escondendo-se?

— Oh, debaixo de baldes... — respondeu Melba aèreamente.

Valerie puxou a manga do casaco de Demi e disse impacientemente: — Vamos embora.

Não esperou que estivesse muito longe de Melba para dizer:

— Uma criança horrível!

— Acho-a' engraçada — Demi sorriu. — E' uma família muito encantadora.

Patti não pôde compreender por que, à beira d'água, Valerie fingiu mêdo, atë que Demi exclamou:

— Ora, Valerie, você me desaponta! Tinha a impressão que você fôsse independente e auto-confiante. Tôdas as qualidades que admiro na mulher americana!

Foi então que Valerie entrou n'água e a cortou maravilhosamente com braçadas seguras e harmoniosas.

Também Patti sabia que Melba. vendo Billy à distância, havia esquecido-se dela debaixo do balde para correr atrás dêle. Sòmente sabia que estava sufocando e gritou imediatamente por socorro:

No entanto, foi seu pai que, passando pelo local nesse instante, tirou-a debaixo do balde, enquanto a água já estava perigosamente próxima.

— Você poderia ter-se afogado!

— Quero afogar-me! — respondeu Patti tràgicamente, esquecendo que, um momento antes, gritara por socorro, com as lágrimas afogando os seus olhos. — E, quando me afogar, espero que o meu maiô venha dar aos pés de mamãe! — agora, chorando, ela contou ao papai as gargalhadas que arrancou quando apareceu com aquêle miserável maiô. — Tôdas as minhas amigas se vestem como jovens senhoras e eu sou tratada como se fôsse uma criança!

Papai a acalmou.

— Não deve ser assim tão ruim — mas, quando ela se ergueu, êle disse pensativamente: — Ou será?

— Katie! — exclamou êle indignadamente quando se juntou a mamãe. — Você tem de comprar um novo maiô para Patti! O que ela possui mais parece um saco de batas. E minha filha não é um saco de batatas!

Mas, a indignação de mamãe era igual à sua.

— O que quer você que ela faça... andar pavoneando-se por aí como aquela bôba Valerie? Penso que deveria botar o seu cabelo para cima, botar para dentro a sua barriga. E a primeira coisa de que você tiver noção, algum rapaz abobalhado aparecerá e a pedirá em casamento! E' isso o que você deseja? — indagou mamãe, depois de uma pausa teatral.

— Ela é apenas uma *criança!* — Aquilo fôra o bastante para alarmar papai. — Katie, você é uma mulher esperta. Bastante esperta para saber o que é melhor para a nossa filha. Deixo Patti em suas mãos.

Se Patti também descobrisse que se encontrava nas mãos de Valerie, se teria sentido lisonjeada em perceber que a sua amiga a considerava uma rival perigosa. Mas essa idéia nunca lhe ocorreu. De modo que se sentiu grata quando Valerie foi bastante amiga a ponto de lhe dar conselhos.

— Você sabe, Patti, querida, se você quiser intrigar um homem sofisticado como Demi, tem de aprender a projetar a sua personalidade. Você está insuflada de *fogo* latente, mas tem de se abanar um pouco. Adote uma maneira mais sedutora. Aja misteriosamente e como se fôsse uma mulher do mundo, como... como Theda Bara. Theda é o perfeito exemplo para você. Ed, depois de você ter pôsto Demi onde o deseja, tente inspirar-lhe o seu instinto protetor. Se há uma coisa que estrangeiros gostam é uma... uma *trepadeira*...

Puxa, Valerie! — Como, pensou ela, isso nunca lhe ocorrera. — Nem ao menos sei como agradecê-la.

— Não há necessidade, querida... — Valerie era tão modesta!

À noite, num cantinho escuro e deserto da varanda, Patti começou a interpretar o seu papel de Theda Bara. Dirigindo-se a um imaginário pretendente com tons guturais que, tinha certeza, conduziam mistério e sedução.

Sùbitamente, do meio das trevas, a voz real de Demi lhe respondeu. A sua mão, automàticamente, foi levada para a sua bôca num gesto de desânimo e vergonha, antes de ela declarar dramàticamente:

— Você ouviu? Então conhece o meu segrêdo. A verdadeira *eu*. A *eu* que conservo escondida do mundo! Sou como um "iceberg". Sòmente um quinto de mim aparece à superficie!

— Imagine só! — Demi parecia impressionado. — Você acha que os outros quatro-quintos se interessariam em dar um passeio de canoa?

— Puxa, isso é maravilhoso! — Theda Bara tinha morrido um bocado ràpidamente. Mas não era tarde de mais para fingir mêdo e Patti, pestanejando, confessou uma total incapacidade de nadar. — Mas, não teria mêdo algum *com você*.

Se ela estava despertando o seu cavalheirismo, êle, com bastante êxito, conseguiu esconder êste fato. Em verdade, parecia verdadeiramente aborrecido e desapontado. — O lago, — explicou êle — era muito fundo para andar de canoa já que ela não sabia nadar e havia o risco do barco afundar.

Então, como se por mera casualidade, Valerie apareceu. Os Robinsons nunca o perdoariam se algo acontecesse a Patti. Mas ela sabia nadar.

Não havia nenhuma saida para Demi e Patti observou que êle nem mesmo tentou.

Com o coração despedaçado ela os olhou sairem de braços dados em direção ao lago. E enquanto ouvia a risada de Valerie, uma sombra de dúvida penetrou em seu cérebro... tarde de mais. Inquieta e descontente, finalmente caminhou para o pequeno cais, para contemplar tristemente a água iluminada pelo luar.

Preocupada com o seu fracasso sentimental, aproximou-se de mais da extremidade e caiu n'água. Neste mesmo instante apareceu o bote de Demi.

Demi, acreditando que ela não sabia nadar, tirou o seu casaco e mergulhou em seu socorro.

Mas, sua surprêsa foi grande quando a viu subir à superficie e, com braçadas seguras, nadar em direção à praia. Quando a alcançou, foi imediatamente seguida por Demi, que correu em sua perseguição.

— O que você queria dizer... — gaguejou Demi, cansado — quando me disse que não sabia nadar? Quase que morro só de susto — e cobrindo-a com o cobertor de um cavalo que estava próximo, Demi continuou severamente: — Você precisa de uma boa surra!

Com os dentes tremendo, conseguiu gaguejar:

— Lamento terrivelmente. *Juro!* Eu estava apenas... bem, ninguém concebe que uma moça deva ser independente. Capaz de nadar... coisas como essa. Valerie é quem diz...

—Oh, — Demi murmurmou va-

(Cont. na pág. 31)

O SEGREDO DE SUA MOCIDADE:...

VINHO CHICO MINEIRO

Seja inteligente! Não espere engordar demais, tome de hoje em diante VINHO CHICO MINEIRO que conservará o seu porte elegante. A perda de pêso é natural, não faz mal e não provoca rugas. Insista no tratamento e depois do terceiro vidro o seu corpo tomará linhas firmes e delgadas adquirindo forma elegante indispensável à mulher moderna.

EUTRICHOL ESPECIAL

que faz voltar a côr natural aos cabelos. Fórmula completamente inofensiva, não contém nitrato de prata ou outro sal prejudicial à saúde. Revigoriza o cabelo, não o deixando quebradiço. Póde ser usado indefinidamente, e o seu uso previne a quéda do cabelo e elimina a caspa. Antes de acabar o primeiro vidro, o seu cabelo estará completamente revigorizado, tendo voltado, portanto, à sua côr natural.

A venda nas boas Farmácias

PARA COMPLETAR A SUA BELEZA E PERSONALIDADE USE ÊSTES PRODUTOS DA MULTIFARMA:

LEITE DE ARROZ

Para manter a limpeza e a higiene da pele, use LEITE DE ARROZ pela manhã, à tarde antes da maquilagem e à noite antes de deitar. Para fixar o pó de arroz não há melhor que o próprio LEITE DE ARROZ. O seu uso constante remove as partículas mortas e queimadas da pele, sardas, manchas, panos e cravos, tornando-a lisa, macia, aveludada e eliminando o cheiro desagradável do suor.

(Exigir a embalagem verde)

MULTIFARMA

Praça Patriarca, 26 — 2º — sala 6 — São Paulo

Remessas pelo Reembolso

A BELEZA DOS SEIOS **BÉL-HORMON**

Quando o busto for insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1; e quando for ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio

BÉL-HORMON



Distribuidores para todo o Brasil: Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro

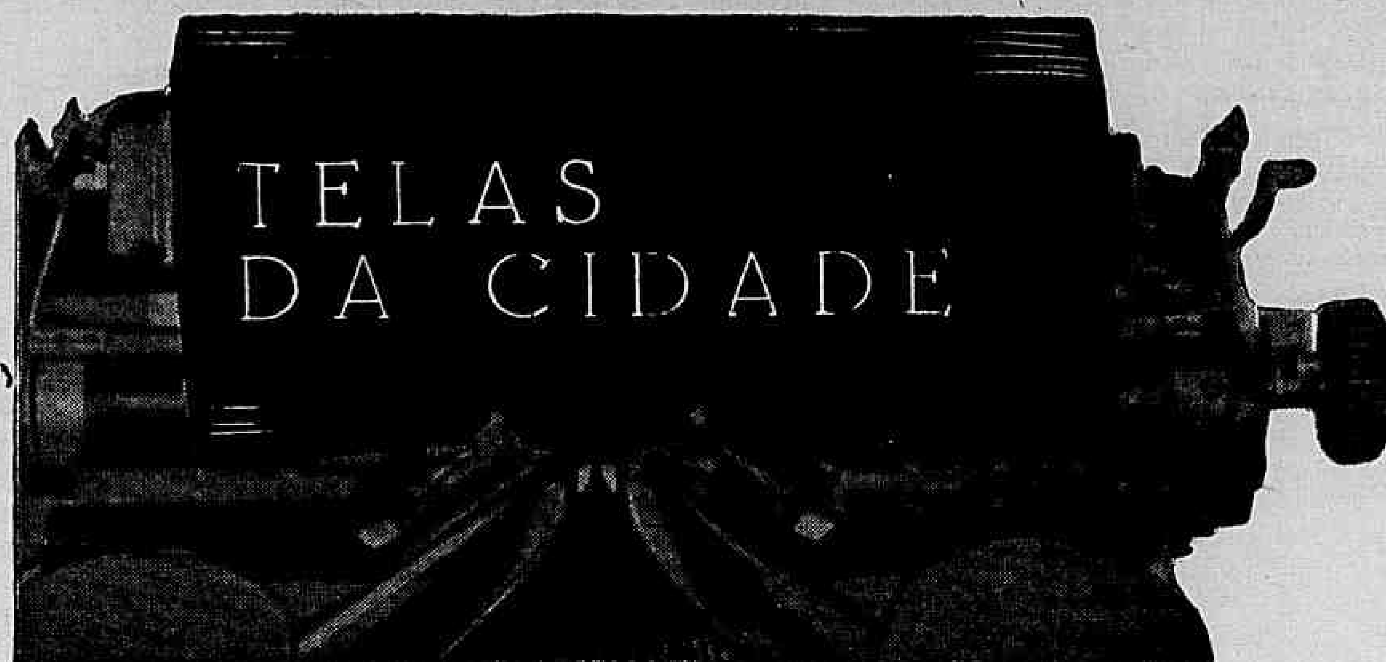
Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de "BÉL-HORMON" nº ....

NOME ....

RUA .... Nº ....

CIDADE .... ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 50,00



COTAÇÕES

1 - Fraco; 2 - Regular; 3 - Bom ;4 - Muito bom; 5 - Ótimo

COM AS HORAS CONTADAS

(D.O.A. — United)

O melhor filme da semana e um dos melhores do ano. Gênero policial. Lançado despercebidamente em cinemas de segunda linha (Pirajá e Rex), êste celulóide merece especiais atenções pelas qualidades inegáveis que apresenta. Trata-se de uma história bem urdida, bem imaginada, bem adaptada e muito bem conduzida por Rudolph Maté. Apresenta-nos um caso original. Um homem é envenenado, misteriosamente, com liquido luminoso, ingerindo uma certa quantidade que lhe foi posta dentro da bebida, num bar. Quando consulta os médicos, êstes não hesitam em dá-lo como um «homem-morto», pois não havia antídoto para tal veneno e êle não duraria mais de uma semana, no máximo. Daí o seu nervosismo em descobrir o culpado, os motivos que o induziram a tal gesto, etc.. Uma série de seqüências rápidas, com muito movimento e muita ação, levam-no a descobrir o culpado e exterminá-lo. As cenas de amor, quase tôdas, são vividas através de ligações telefônicas, que unem a história. São as partes fracas do filme, mas necessárias, no ponto de vista do cenarista. A ação se desenrola quase que inteiramente em San Francisco. Não há sequer uma pista, mas esta surge, espontâneamente, e a solução vem caminhando com displicência e com lógica — se descontarmos alguns pequenos e insignificantes chavões, bem disfarçados pela direção de Maté. Ernest Laszlo, o diretor de fotografia, movimenta a câmara com rara habilidade, tanto em exteriores (filmados «in loco») como em interiores, muito bem iluminados e de grande efeito plástico. Sirva-nos como exemplo, aquelas corridas alucinadas pelas calçadas de S. Francisco, abrindo caminho entre a multidão; as cenas no interior do bar «Fishman», onde um grupo de negros executa freneticamente um número de jazz, num ambiente enfumaçado e vibrante, com cortes precisos e «closes» altamente sugestivos, fazendo crescer a angústia dentro do espectador, até ao momento em que se consuma o crime: a perseguição de um psicopata sanguinário que culmina num baleamento dentro de uma loja comercial, dentro da noite; a perseguição na fábrica, do assassino ainda desconhecido pela vítima; o encontro final entre o criminoso descoberto e a vítima que está com as horas contadas, e muitas outras seqüências que fazem dêsse filme um espetáculo bem apreciável. A música, escrita e dirigida por Dimitri Tiomkin, é altamente sugestiva e valoriza muitas seqüências, colocando-o na categoria de um dos melhores compositores de Hollywood. Edmond O'Birne, um bom ator, tem um desempenho satisfatório. Pamela Britton pouco faz. Luther Adler aparece pouco, com discreção. Neville Brand está ótimo. Espetáculo policial dos melhores. Tantos fãs do gênero como entusiastas de cinema não devem perdê-lo.

Cotação artística: 4 **Cotação comercial: 3**

★

PERDIDAMENTE TUA

(A Life of Her Own — Metro)

Espetáculo lacrimogêneo que explora mais uma vez o «triângulo amoroso». Jovem formosa chega a Nova York para vencer como modêlo. Vence, mas sua felicidade não consiste nisso. Encontra num jovem milionário o amor puro e desinteressado. Mas há um obstáculo: o homem é casado. Para dar o toque sentimental, sua espôsa é uma inválida, o que necessita não só do seu amor como do seu amparo. Uma série de incidentes se interpõe em suas vidas e ambos resolvem separar-se, pois a mulher resolve não destruir um lar. Psicològicamente, os tipos não estão bem definidos, e, apesar do esfôrço de George Cukor em dar um «clima» ao filme, não o consegue totalmente, tanto por deficiência do cenário como pela interpretação demasiadamente frágil de Lana Turner, pois papel de tamanha responsabilidade jamais poderia ser interpretado por ela. Ray Milland é o milionário. No «cast» estão ainda Louis Calhern, Ann Dvorak, Barry Sullivan e Jean Hagen. Espetáculo simplesmente razoável, recomendado ao público feminino não muito exigente.

Cotação artística: 2 **Cotação comercial: 3**

O MUNDO E' CULPADO

(Outrage — R.K.O.)

Dizia a publicidade que esta história foi tirada dos arquivos policiais norte-americanos. Contudo, da forma que foi cenarizada, mais pareceu-nos um argumento forjado em Hollywood, onde tudo nos parece falso e convencional. Psicològicamente, Ida Lupino (diretora) esforçou-se para dar um sentido humano aos seus personagens, mas seu sacrifício foi inútil, pois a película não convence de forma alguma. Mala Powers, jovem estreante que vive o papel de uma pequena violentada não convence, absolutamente, e o seu drama íntimo parece-nos demasiadamente forçado. Contudo é uma película que prende os espíritos menos esclarecidos e as platéias femininas mais interessadas. Como diretora, Ida Lupino revela-se segura, em alguns momentos, mas não consegue identificar os seus personagens com o drama que realmente vivem. Só nos resta esperar por seus próximos trabalhos.

Cotação artística: 2 **Cotação comercial: 2**

★

DEPORTADO

(Deported — U. International)

Robert Siodmak não tem revelado, em seus últimos trabalhos, o vigor e o entusiasmo impregnados em celulóides que o colocaram na posição de um dos melhores diretores de suspense do cinema moderno. «Deportado» é uma espécie de filme sèmi-documentário, que focaliza o problema do mercado negro na Itália de após-guerra. Mas há em tudo isso uma história de amor que absorveu demasiadamente as atenções do cenarista, transformando uma história que poderia ter sido boa, num espetáculo sofrível. Jeff Chandler, um ator de futuro, porta-se bem, mas não se sente muito à vontade. Alida Valli, bonita, apesar de viúva e sempre fotografada em trajes pretos, que mais realçam sua pele alva, seus olhos. Ah! os olhos de Alida não me deixaram tempo para observar mais nada...

Cotação artística: 2½ **Cotação comercial: 2**

★

ESTRANHA CARAVANA

(The Fighting Kentukian, Republic)

História estilo farwest, cujo elenco é encabeçado pelo simpático e desperdiçado John Wayne. Vera Ralston é a mocinha — e que mocinha! Mas para cúmulo do azar, o gordo Oliver Hardy também aparece para fazer aquêles seus trejeitos infames de vinte anos atrás. Sinceramente, não suportamos nem vinte minutos de filme. Saímos. Aconselhamos aos leitores que nem entrem.

Cotação artística: 0 **Cotação comercial: 1**

★

DE CORPO E ALMA

(I'll get by — Fox)

Dos tecnicolores musicais aparecidos ùltimamente, êste é dos piores. Incluindo-se, é claro, o intragável «A Cegonha demora-se». Por incrível que pareça, êste ainda é pior. Apesar da delicada e sorridente June Haver estar no cast, ao lado do simpático William Lundingan e da ex-loura Gloria de Haven. O filme é um amontoado de músicas, sem dança e sem apresentação artística de espécie alguma. Salva-se apenas a que dá o título ao filme. Harry James aparece com sua orquestra, mas já não é um ídolo, como o era a 10 anos atrás. Sopra o pistão com fôrça e nos enche os ouvidos. Pode-se passar sem o filme. Perfeitamente.

Cotação artística: 1 **Cotação comercial: 2**

★

NEVE E SANGUE

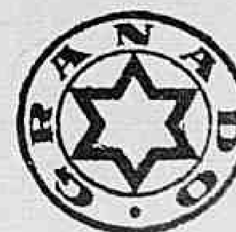
(The White Tower — R.K.O.)

Argumento desenrolado inteiramente nos Alpes Suíços e rodado, tanto quanto possível, nas belíssimas paisagens de neve, esplêndidamente fotografadas em atraente e vistoso tecnicolor. O «astro» do filme é a própria paisagem. Contudo, há um vislumbre de história, com inclinação a uma filosofia de cinema, onde, por meio de diálogos, por vêzes longos, tenta explicar-nos que a felicidade consiste em paz de espírito. Trata-se de uma expedição que resolve escalar a Tôrre Branca, a não sei quantos metros de altitude. Seis pessoas, cada qual com um objetivo. A história de amor é encaixada sem cerimônia e tudo acaba como esperamos que acabe. Direção correta de Ted Tedzlaf, com alguns momentos de suspense e nervosismo. Não é de suas melhores obras, mas revela nêle um homem inteligente e um bom diretor. Faz o que pode com o cenário. E consegue um filme apreciável.

Cotação artística: 2½ **Cotação comercial: 2**







JOÃO FREY

NÃO SOBROU
UM EXEMPLAR
EM 1950!

**ESTE ANO
DEZ VEZES
MELHOR!**

ANUÁRIO DO

ESPORTE
Ilustrado

OS LEITORES
EXIGIRAM E
ESTA EDIÇÃO
VAI ABAFAR
A BANCA

Breve - em todo o Brasil!

QUANDO CANTA...

(Cont. da pág. 27)

garosamente, enquanto a compreensão engatinhava dentro de seu cérebro — ela diz?

Para Patti o sorriso que se debuxou em seus lábios pareceu a coisa mais maravilhosa que jamais lhe acontecera.

Mas, a sua alegria era prematura. Havia esquecido-se do Baile do Quatro de Julho, para o qual Demi ia levar Valerie. Os seus pais estavam certos de que ela iria com Billy, mas ela se rebelou.

— Que papel eu não faria, entrando no baile com uma *criança* ainda usando calças curtas?

— Seria muito mais inteligente e atrairia menos atenção do que se entrasse de braços dados com um adulto — respondeu mamãe firmemente.

Ela estava levando Demi muito a sério, papai ralhou.

— Você ainda terá um bocado de namorados antes de encontrar aquêle que lhe serve! — concluiu papai.

— O senhor teve um bocado de namoradas antes de encontrar mamãe? — indagou Patti.

— Mas, claro! — afirmou papai. Pestanejou os olhos para mamãe. — Havia uma "cabecinha vermelha" do "barulho". Olhos grandes e castanhos. Um "chuchu"! — de dentro de sua imaginação até arranjou um nome. Beulah. Ela fôra louca por êle, soluçou papai.

— Pensei que minha vida tivesse terminado quando ela casou. Mas, ainda continuo "dando duro". O mesmo negócio acontecerá com você. Esquecerá tudo a respeito dêsse "gringo" — contente, com a manufatura de sua imaginação, virou-se para mamãe: — Não é verdade, Katie?

— Exatamente como você se esqueceu da "cabecinha vermelha do barulho" — respondeu mamãe ciumentadmente.

Mais tarde, quando Patti estava tristemente sentada em seu quarto, Billy apareceu, para avisar que sabia onde conseguir um par de calças compridas, para levá-la ao baile.

Mas, as calças emprestadas foram um fracasso, pois Billy esquecera os suspensórios e elas estavam caindo alarmantemente. Exasperada, ela o mandou arranjar um par de suspensórios e o esperaria na varanda do lado de fora do salão de danças.

Billy não reapareceu, pois, seu pai, furioso, ao ter conhecimento que fôra desobedecido no que concerne às calças, mandou que ficasse no quarto.

O tempo que Patti passou esperando-o na varanda lhe pareceu uma eternidade e durante todo êsse tempo ficou olhando, através da janela, Demi dançando com Valerie.

Então, saindo para respirar o ar fesco, Demi a encontrou e, quando a música recomeçou, levou-a em seus braços para o salão. O mundo parecia maravilhoso para Patti.

Quando Valerie a viu com Demi sussurrou qualquer coisa para o seu par, fazendo-o rir desabridamente. E, quando chegou a sua vez de dançar com Patti, perguntou bastante alto para que todos escutassem:

— A sua mãe sabe que você saiu, menina?

Ainda pior, Patti ouviu Valerie cochichando com Demi e, infelizmente, não escutou o seu impaciente e incompreensivel:

— Mas ela tem de usá-los?

Humilhada, correu pára o seu quarto e se lançou, chorando, na cama. E quando papai entrou, a sua dor sufocadamente foi externada.

— A minha reputação nos Catskills está arruinada! Sou a única moça com quase dezoito anos que não tem um espartilho! Nunca posso aparecer a gente decente novamente em minha vida!

As suas lágrimas transformaram o papai num homem inútil, que se tornou em acusador quando se confrontou com mamãe:

— Tôda a gente está galhofando dela porque ela não usa um daqueles apertadores de corpo! E' tempo que eu dê uma mãozinha para o bem-estar de nossos filhos!

— Creio, — mamãe disse friamente — que aquela "cabecinha vermelha" teria sido melhor! — ela sorriu ante a sua insistência de que inventara a história. — Para uma mulher que não existiu, você a descreveu maravilhosamente!

E, com a dignidade ultrajada, ela se retirou para passar a noite nos aposentos de suas filhas.

À noite seguinte deveria haver um Show de Variedades, feito exclusivamente pelos hóspedes mais talentosos. Demi e Valerie foram escalados para darem uma exibição de tango. À tardinha, Billy a procurou e implorou a Patti para juntos fazerem um número de canto e dança.

— Bem que eu gostaria, Billy, mas não aparecerei em público novamente até que tenha um par...

Nem mesmo com Billy ela terminaria a sentença. Mas, papai, tendo-a ouvido, dirigiu-se determinadamente para a cidade. Havia um par de espartilhos na vitrina da "drugstore". Para papai tôdas essas coisas eram iguais. E a caixeira, pensando que êle sabia o que estava comprando, não mencionou que se tratava de um espartilho cirúrgico, que se apertam se a pessoa que o usa se abaixar.

Patti gritou extática quando papai lhe entregou o presente. E quando êle lhe sussurrou que ela poderia usar o vestido prêto de soirée da mamãe, o seu coração deu uns pulinhos apressados.

Não sòmente papai, mas também Billy foi movido pela infelicidade de Patti. E, se ela não poderia tomar parte no show, Valerie não tomaria tampouco, pensou êle determinadamente leal. Escondeu os sapatos de dança de Valerie. Mas, Melba, sabendo que o pai de Billy lhe arrancaria a verdade, escondeu-os em outro lugar. Quando o diretor se viu no mato-sem-cachorro, isto é, quando Valerie teve um súbito ataque de temperamentalismo e se retirou "estelarmente", Melba sugeriu que Patti poderia fazer o número com Demi. Acaso ela não vira todos os ensaios?

Quando mais tarde Billy observou a expressão de contentamento que se espraiara pela face de Patti quando esta se encontrava em companhia de Demi, decidiu apagá-la de sua vida permanentemente. E, pela primeira vez, viu verdadeiramente Melba.

— O que você vai fazer depois do "show"? — indagou a pequena. O brilho de Melba era triunfal.

A dança no palco alcançou o seu climax, com Demi dobrando Patti para trás num apoteótico final. Mas, para o horror de Patti, ela não se conseguia endireitar. Mesmo quando as cortinas haviam caido, com uma trovoada de aplausos, ela não se podia mover.

Quando papai e mamãe chegaram aos bastidores, Demi implorava: — "Patti, o que você tem?"

— Leve-a para o camarim — ordenou mamãe.

Lá, enquanto papai e Demi esperavam do lado de fora, ansiosamente, ela desfez os nós do espartilho, exclamando:

— Um espartilho cirúrgico! O seu pai devia mandar examinar a cabeça — meneou a cabeça autoacusadoramente. — Eu o deveria ter escolhido. Compraremos um La Belle Mode amanhã — e Patti podia ficar com o vestido de *soirée* prêto para sempre. — Você o usa melhor que eu.

Até mesmo para mamãe, Patti havia crescido. Mas, a noite de surprêsas e maravilhas ainda não havia terminado. Do lado de fora, no corredor, Demi estava dizendo para papai:

— No meu pais é costume pedir permissão para visitar quando as intenções de um homem são sérias...

Juntando-se a êles, mamãe sorriu suave e maternalmente ao botar a mão de Patti sôbre a de Demi. Então, não menos radiante, ela olhou para papai. Ela sabia todo o tempo que nunca existira nenhuma "cabecinha vermelha".

ESTÁ À VENDA O

ALMANAQUE EU SEI TUDO

PARA 1951

CONTENDO ENTRE MIL E UMA ATRAÇÕES

A história completa do «Tempo» e a ciência da sua medida. Previsões sôbre o futuro do nosso planeta

ANO Aeronáutico — Científico — Artístico — Esportivo — Católico — Protestante — Israelita — Muçulmano — CALENDÁRIOS — Católico — Protestante — Muçulmano — Israelita — Perpétuo das festas móveis.

E mais: — 1 comédia — 1 romance completo — Os mortos do ano — Os campeões do ano — Contos — Charadas — Adivinhações — Provérbios — Lendas — Histórias infantis e deslumbrantes páginas coloridas

PREÇO — Cr$ 20.00

Façam desde já seus pedidos à

COMPANHIA EDITORA AMERICANA

Rua Visconde de Maranguape, 15 — Rio de Janeiro

ENCONTRA-SE EM TODAS AS LIVRARIAS E BANCAS DE JORNAIS DO BRASIL.

COMO APRENDER A DANÇAR

4ª EDIÇÃO AMPLIADA



Com a nova dança, «Baião», Samba liso, e os últimos passos de Bolero, Rumba, Swing, contendo 120 gráficos, 330 passos, facilitando as senhoritas e cavalheiros a aprenderem em suas próprias casas em 10 dias apenas, no princípio sem companheiro ou companheira. Método de ritmos modernos pelo Prof. Gino Fornaciari, Diretor e Prof. do «CURSO PRATICO DE DANÇAS RITZ». Aulas particulares, rua da Liberdade, 120. — Preço: Cr$ 45,00 — Pedidos pelo reembolso postal — com o autor — Caixa Postal, 649 — São Paulo.

A venda também, nas Livrarias e Casas de Música de São Paulo.

ARQUIVO DE BROOKLYN JACK

BETTY GRABLE

BETTY GRABLE nasceu em St. Louis, Missouri, Estados Unidos da América do Norte em 1916. Tem cabelos louros lindíssimos, olhos azuis celestiais, é divorciada de Jackie Coogan e casada com Harry James (o primeiro, ex-menino prodígio e atual milionário, e o segundo um corneteiro comercial que os falsos apreciadores de jazz costumam colocar no tôpo das seleções...) Do seu segundo matrimônio nasceram duas filhas que dificilmente conseguirão possuir um par de pernas tão perfeito, duradouro e valioso como o da mamãe... Betty Grable, artista por acaso, aparenta ser o tipo da mulher bonita sem um pingo de massa cinzenta no crâneo... Mesmo assim, não é possível desgostar dela. Porque Betty é mesmo, como diz o meu camarada Y. Maia, «um bichinho», um bichinho de quem a gente não exige nada, exceto que se movimente à vontade... Confesso que sou apreciador de todos os seus filmes, não porque valham um caracol, mas por causa das pernas, das pernas, das pernas, meus amigos!... Fox, United Artists, Metro, Paramount, RKO Rádio foram as companhias para quem ela andou filmando nestes seus vinte e um anos de carreira cinematográfica. E aqui vai a relação das películas: «A Caminho de Hollywood» e «Whooppee» (1930); «O Meu Boi Morreu» (1932); «Folias de Estudantes», (1933); «A Alegre Divorciada», «No Ritmo do Jazz», «O Preço da Inocência» (1934); «Colégio de Sapequismo», «Os Reincidentes» (1935); Nas Águas da Esquadra», «Amor nos Bastidores», «Loucuras de Estudantes» (1936); «Na Reta da Chegada» (1937); Uma só vez na vida», «Caloura entre Calouros», «Jazz-Academia», «Quero um marido» (1938); Ela prefere um atleta», «Terror dos Maridos» (1939); «Serenata Tropical», «A Vida é uma Canção» (1940); «Sob o luar de Miami», «Quem matou Vicky?» (1941); «Canção do Havaí», «Um ianque na RAF», «Rapsodia da Ribalta», «Minha Secretária Brasileira» (1942); «Turbilhão», «Rosa, a revoltosa» (1943); «A Preferida», «Quatro mopas num jeep», (1944); «Mulheres e Diamantes», «As Irmãs Dolly» (1945); «Sua alteza a secretária» (1946); «E os anos passaram» (1947); «A Condessa se rende», «Quando sorri o amor» (1948); «Esta loura é um demônio», «Noiva que não beija» (1949); «A Cegonha Demora-se» (1950); «Call me Mister» e «Meet me after the show (1951).





★

RIBEIRO FORTES

NASCEU a 3 de março de 1918, no Rio, D.F., Brasil. E' advogado e teria sido apenas isso se numa das festas de fim-de-ano não fôsse notada a sua atuação entre outros rapazes e moças que participavam de um festival. Ribeiro Fortes matriculou-se no Curso do Serviço Nacional de Teatro procurando entrar em contacto mais direto com a arte de representar. No convívio com professôres, condiscípulos e atorçs famosos dos nossos palcos, Ribeiro Fortes tomou gosto pelo teatro. Entrou para o elenco de Dulcina, com quem representou «César e Cleopatra». Largou então tôda atividade extra-artística pedindo demissão do cargo que desempenhava no Ministério da Marinha. Na troupe de Dulcina o rapaz apareceu ainda em «Bodas de Sangue», de Lorca, «Deslumbramento» de Keith Winter, «Anfitrião 38», de Giradoux e outras que marcaram época. Em seguida recebeu convite para atuar no rádio e hoje é radiator da Tupí. Voltou ao teatro para representar com Morineau «Os filhos de Eduardo» e «Catarina da Rússia». Sua estréia no cinema ocorre em «O Meu Dia Chegará», a comédia da Nova Terra dirigido por Talamo. Ribeiro Fortes é alto, moreno, simpático, usa bigodes bem aparados, tem cabelos e olhos negros.





BEN JOHNSON

ATOR novo, bonitão, mas um bocado másculo, também. Dêle já vimos «Monstros de um Mundo Perdido», «Legião Invencível» e «Caravana de Bravos». Boa pinta, trabalha direitinho. Não sabemos porém, onde nem quando nasceu. Contratado, atualmente de John Ford, da Argossy, da RKO Radio. Um dos poucos atores novos, de Hollywood, que aparenta ter talento, de fato. Não é, absolutamente, galã «coca-cola» de que anda infestado o mercado... A semelhança física com John Wayne e muito grande. Mas Ben Johnson tem personalidade. O que já significa muito, né?



★

JOAN LESLIE



NASCEU Joan Leslie em Detroit, Ill., Estados Unidos, a 26 de janeiro de 1925. Olhos de âmbar, cabelos castanhos-dourados. Mede 5 pés e 4 polegadas de altura. Bonitinha que só vendo. O meu amigo Gerald Connor considera-a um autêntico pudim... Está no cinema desde 1938. Entre os seus filmes mais notáveis figuram: «A Dama das Camélias», «Conquistadores do Ar», «Correspondente estrangeiro», «Carnaval na Neve», «Floresta Encantada», «Último Refúgio», «Tragédia do Circo», «Adorável Vagabundo», «Canção da Vitória», «Sargento York», Assim é que elas gostam», «E' dificil ser feliz», «Tudo por ti», «Forja de Heróis», «Graças a minha boa estrêla», «Rapsódia Azul», «Um sonho em Hollywood», «Fantasia de Amor», «Juventude Impetuosa», «Cindirela Jones», «Janie se casa», «Um trôno por um amor», «O destino se repete», «Alma sem pudor» e «A Flor dos Maridos».

música

OSWALDO DA CUNHA

INÍCIO DE TEMPORADA

DESAPARECIDOS agora, definitivamente todos os vestígios do período carnavalesco que interpõe à vida da cidade, em todos os seus aspectos, uma prejudicial interrupção, começam a esborçar-se os primeiros movimentos para o início da temporada que constitue sem dúxida o ponto máximo de nossas atividades artísticas. Algumas iniciativas encontram-se já em franco desenvolvimento, como o Teatro Experimental de ópera, que vem realizando uma série de espetáculos populares num dos nossos teatros; outras anunciam o início de suas atividades para breve, como a Temporada de Arte Nacional, que segundo tudo indica, deverá estrear na última semana dêste mês, apresentando no nosso Teatro Municipal um vasto e variado repertório de óperas, tôdas elas interpretadas por artistas nacionais. Outras iniciativas de vulto deverão ser tomadas por sociedades especializadas, continuando no seu meritório trabalho de apresentar às nossa platéias, artistas de méritos incontestáveis e de renome internacional. Tal é o caso da A.B.C., que entre várias atrações do seu explendido programa, à exemplo de anos anteriores, vem de anunciar a apresentação de, entre outros artistas, os notáveis pianistas Rubinstein e Backauss. Naturalmente no seu devido tempo, teremos conhecimento de empreendimentos outros que trarão à nossa presença cantores, pianistas, bailarinos e demais famosos intérpretes da arte universal. Aguardemos, pois, e façamos votos para que as apresentações estejam á altura das nossas exigentes platéias e não nos decepcionem, como acontece algumas vêzes.

NOTICIÁRIO

TEMPORADA DE ARTE NACIONAL PARA 1951

Segundo comunicação recebida, os trabalhos de preparo e seleção dos cantores que deverão participar da Temporada de Arte Nacional prosseguem sem interrupção e com a maior intensidade.

Sob a supervisão do maestro Silvio Piergili, coordenador artístico da Comissão Artística e Cultural do Teatro Municipal, os regentes José Tôrre e Santiago Guerra e os maestros preparadores André Vivante, Cleofe Person de Matos, Mário Bruno e Ella Podorelsky, vêm se desvelando em consecutivos ensaios, na organização final das óperas e dos artistas que deverão figurar na Temporada.

Assim é que, para as óperas já anunciadas, está sendo preparado numeroso grupo de cantores, devendo a escolha final ser feita após acurados estudos das características e especialidades de cada cantor, qualidades essas indicativas para os personagens das óperas que deverão ser levadas à cena, de maneira que se adaptem, na forma mais real, ao «physique du rôle» de cada um dêles, nos diferentes papéis.

São os seguintes os artistas que desde já estão sendo preparados e selecionados para as diversas óperas anunciadas — senhoras: Nadir de Melo Couto — Lena Monteiro de Barros — Alaide Briani — Nadir de Figueiredo — Lucy Politano — Darcila Barros — Vanda Bonfim — Kleusa de Pennafort — Irmgard Muller — Carmen Pimentel — Helena Pimentel — Rose Krakauer — Carmen Sobral — Giselda Fonseca — Lia Roberti — Zuleika Neves — Gisela Hafner — Alzira Ribeiro — Cecília Guimarães Mota — Rosita de Souza — Cacilda Bhering — Olga Maria Schroeter e Laura Neto do Vale; e senhores: Luís Nascimento — Raul Gonçalves — Carlos Walter — Isauro Camino — Alfredo Colósimo — Edson Macedo — Vicente Cunha — Edgar Veloso — Newton de Paiva — Jorge Bailly — Neylton Martins — Geraldo Chagas — Antônio Lembo — Ernesto de Marco — Nestor Caparelli e outros.

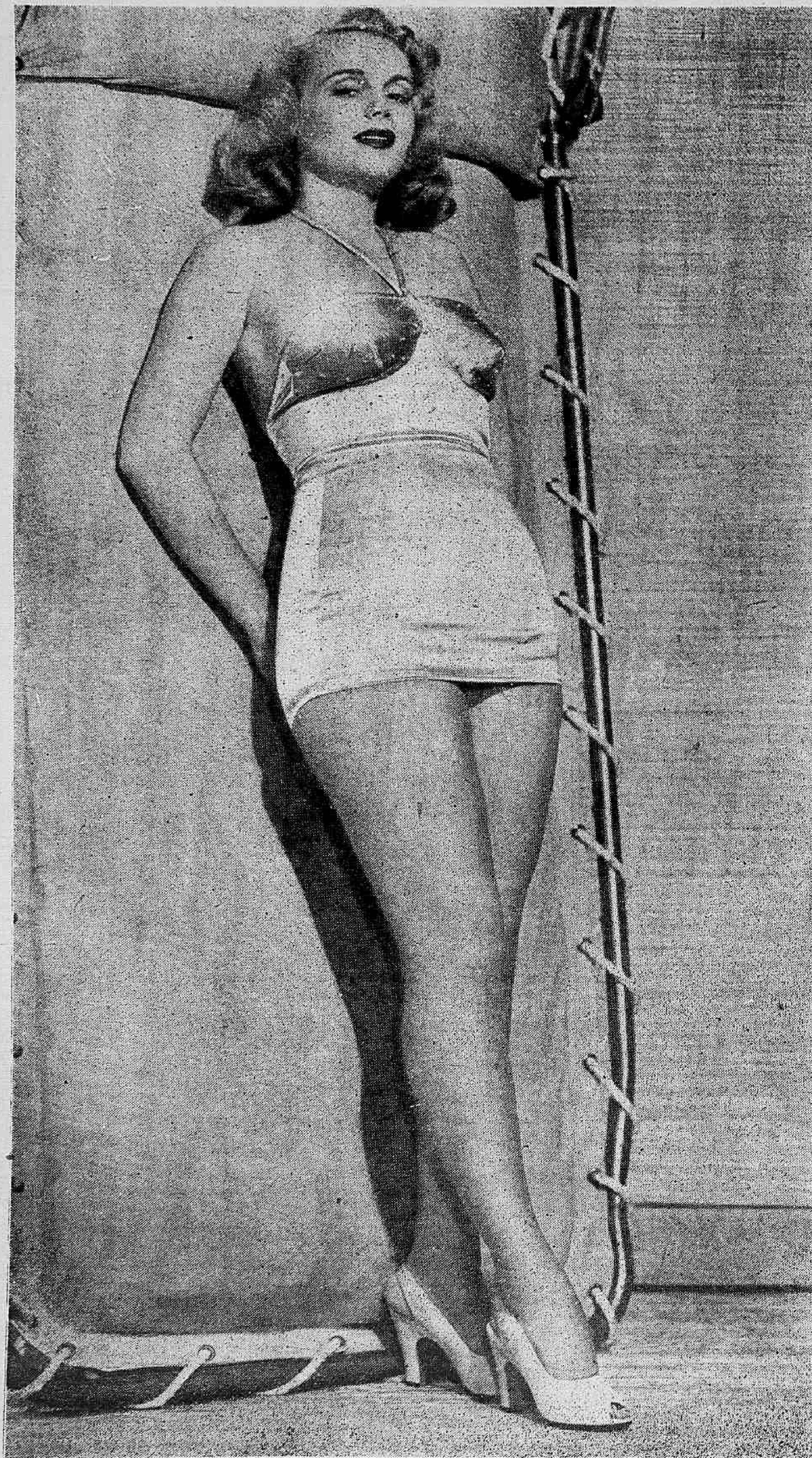
Vários papéis de «protagonista» serão confiados, também, a alguns artistas que apareceram com notável relêvo nas temporadas

(Cont. na pág. 24)



Prosseguindo na série de recitais que vem realizando na França, a pianista Madalena Tagliaferro apresentou-se no mês próximo findo, em Paris, executando o Primeiro Concerto em Dó Maior, de Bethoven, com a Orquestra dos Concertos Pasdeloups, sob a regência do maestro Pierre Devaux.

Pausa para meditação



MARIE WILSON — (Paramount)

CINEMA BRASILEIRO

(Cont. da pág. 19)

sendo novamente atingida pelas setas do travesso e irrequieto Cupido. Trata-se de «Susana e o Presidente», segundo filme da Maristela.

★ •

«O Comprador de Fazendas», baseado no conto do mesmo nome, de Monteiro Lobato, já se encontra em preparo, devendo iniciar-se dentro de pouco tempo. Êsse filme marcará a volta de Procópio Ferreira ao cinema, desta vez ao lado de Henriette Morineau. A êsse respeito, disse o grande ator do teatro brasileiro: — «Farei um filme com a «Maristela», baseado num conto do inesquecível Monteiro Lobato — «O Comprador de Fazendas», dirigido por Alberto Pieralisi, e acho que dará um bom filme. O autor, a companhia de Morineau, as intenções honestas da Maristela, de fazer filmes honestes, levaram-me a aceitar. Logo que termine a minha atual temporada, farei a película. Espero que ela venha consolidar a posição sólida que o cinema brasileiro está tentando adquirir.»

★

Alberto Cavalcânti, o cineasta patrício que conquistou fama nos estúdios inglêses, estêve em visita aos estúdios da Cinematográfica Maristela, no Jaçanã, admirando-se ao constatar os altos recursos técnicos de que a Companhia dispõe, afirmando estar satisfeito por poder verificar que a indústria cinematográfica brasileira hoje pode considerar-se uma realidade.

★

Silvana Mangano, de volta do festival cinematográfico de Punta del Leste, na vizinha república uruguaia, visitou os estúdios da Maristela, em companhia de seu marido, o produtor Dino De Laurentis, que nos deu «O Bandido», «Brigante Mussolini» e agora «Arroz Amargo», e do sr. Carlo Ponti, produtor de «Um Ianque na Itália», «As Misérias de Mrs. Traver», e do notável camera-man Aldo Tonti, responsável pela fotografia de «Caravaggio», primeiro prêmio no Festival de Veneza, «O Bandido» e outros. Silvana Mangano foi recebida por Alberto Audrá, diretor-presidente da Maristela, Mário Audrá Jr., diretor-gerente e Mário Civelli, diretor-geral de produção. Após percorrer demoradamente os estúdios da companhia, mostrou-se encantada com tudo quanto lhe foi dado ver. Lamentou a atriz não poder permanecer entre nós como era seu desejo, devido aos compromissos que ainda a prendem aos estúdios italianos. Mas em princípios de 1952 vindouro ela ficará livre, e então contaremos com sua presença entre nós, e possìvelmente numa co-produção «Maristela-Ponti-De Laurentis».

★

«Meu Destino é Pecar», o famoso romance de Suzana Flag, que tanto sucesso obteve em todo o Brasil, será filmado pela Maristela em co-produção com Manoel Peluffo, diretor recém-chegado do México.

★

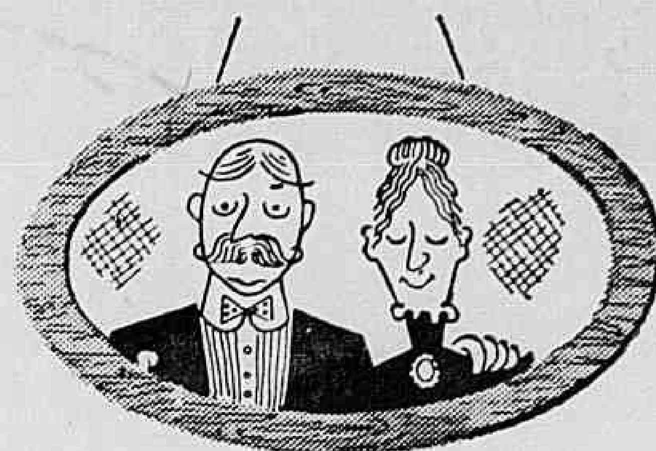
Carlos Ortiz, o conhecido crítico cinematográfico, professor do seminário de cinema, que acaba de dirigir «Alameda da Saudade», foi contratado pela Maristela. Carlos Ortiz — estreará na Maristela como assistente de direção no filme «Meu Destino é Pecar», baseado no livro de Suzana Flag.

★

Alex Viany está a caminho do êxito. Mário Civelli está decidido a abrir as portas dos estúdios aos valores jovens do Brasil. Para início, Alex Viany terá o seu argumento «Última Noite» filmado pela Maristela.

DE SABOR BEM NOSSO...

— o licor da família brasileira!



Há quarenta anos o Licor de Cacau Dubar vem deliciando o paladar dos que sabem escolher. Peça Licor de Cacau Dubar e estará pedindo o melhor.



LICOR DE CACAU DUBAR

em ½ litro ou 1 litro



DUBAR *há uma delícia Dubar para cada paladar*

Standard

RIO DE JANEIRO
Rua Riachuelo, 92

SÃO PAULO
Rua Frederico Steidel, 165 - 1.º andar

SANTOS
Rua Martim Affonso, 163

O MAIS BELO ORNAMENTO DE RESIDÊNCIA

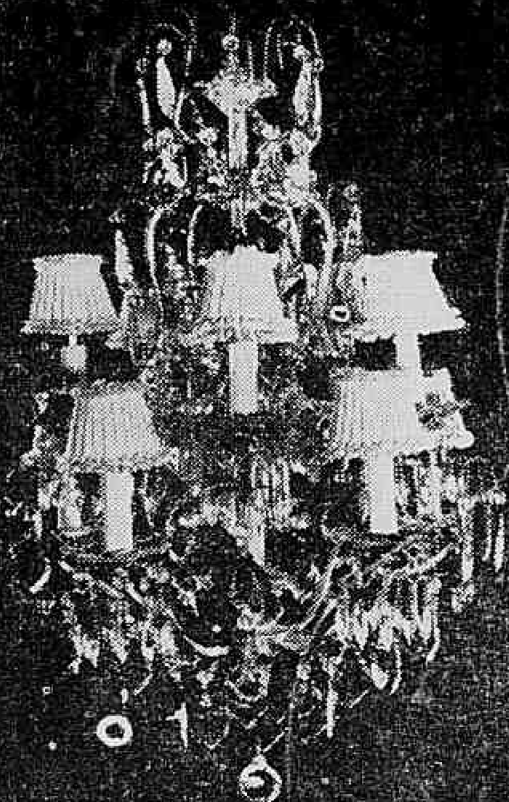
ESCOLHIDO DA PRODUÇÃO DE 26 DAS MELHORES FÁBRICAS EUROPÉIAS

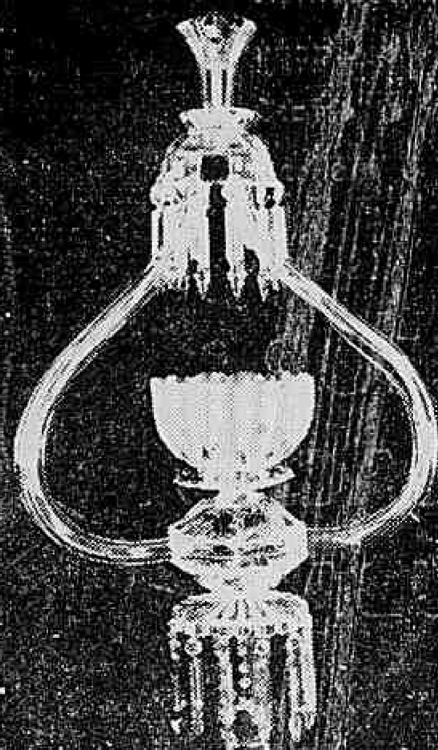
NILO RIBEIRO lhes oferece as seguintes vantagens:

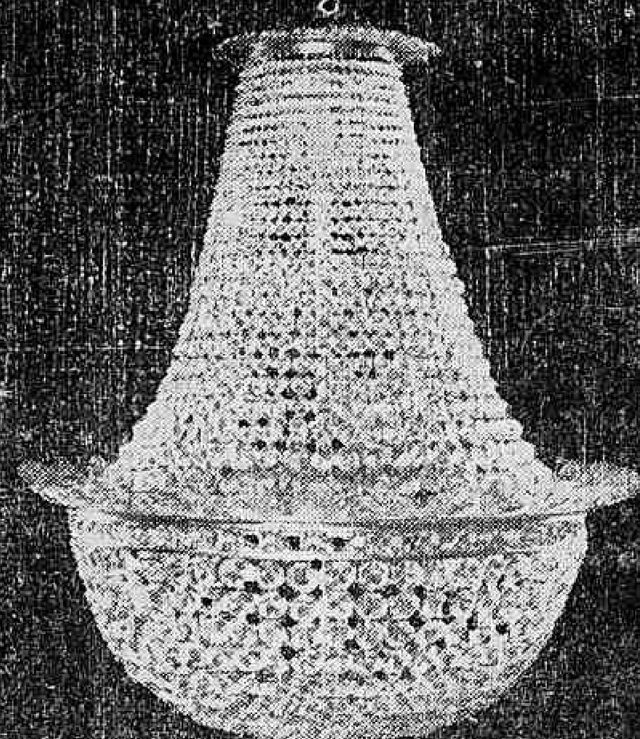
1.ª — Facilidade de pagamento e 30% de desconto.
2.ª — Vendas a varêjo por prêço de atacado por ser representante de 26 fábricas européias.
3.ª — Material de 1.ª qualidade.
4.ª — Transporte e colocação gratuita no Distrito Federal feita por profissionais especializados.
5.ª — Artistas decoradores para orientação na iluminação de sua residência.

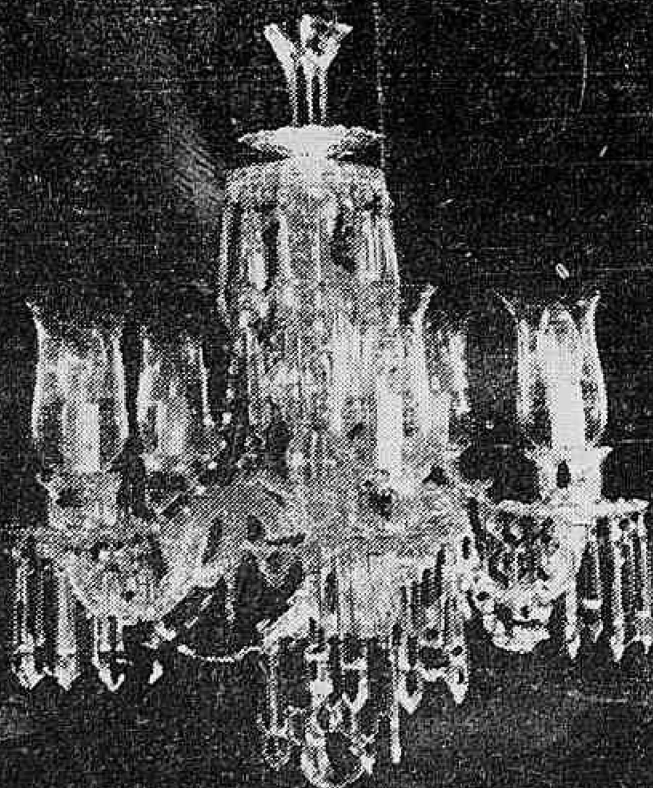
GALERIA SÃO PEDRO

AVENIDA PRINCESA ISABEL, 126-D (Junto do Tunel Novo) — Telefones: 37-1200 e 37-3428


1


2


3


4


5


6

ACABAM DE CHEGAR DA EUROPA 146 MODELOS DE LUSTRES, LANTERNAS, APLIQUES E CANDELABROS PARA TODOS OS ESTILOS, E PRÓPRIOS PARA APARTAMENTOS. — TAMANHOS ESPECIAIS PARA HALL DE EDIFÍCIOS, HOTÉIS, ETC.

Não compre sem visitar a exposição da GALERIA S. PEDRO onde encontrará a melhor mercadoria pelo menor prêço.

FACILITA-SE O PAGAMENTO ★ REMESSAS PELO REEMBOLSO POSTAL ★ EXPOSIÇÃO: DAS 8 ÀS 22 HORAS.